REVISTA DA SEMANA

20 de Junho de 1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

Biblioteca Nacional Rio de Janeiro



TRADIÇÃO E POMPA NA COROAÇÃO DE ELIZABETH II

•

O PREÇO DOS DONOS DA LITERATURA

•

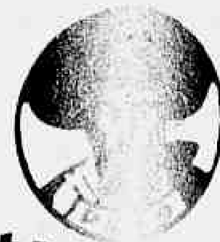
O PRIMEIRO PROJÉTIL ATÔMICO DO MUNDO

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

TRADIÇÃO E POMPA



Sua Majestade a Rainha Elizabeth e o Duque de Edinburgo, quando passavam em Trafalgar Square, a caminho da Abadia

NA COROAÇÃO DE ELIZABETH II

A MAIOR E MAIS DESLUMBRANTE FESTA DE COROAÇÃO DA INGLATERRA EM TODOS OS TEMPOS — O DUQUE DE EDINBURGO SE AJOELHA E JURA FIDELIDADE À RAINHA — UM BEIJO APÓS A COROAÇÃO — O IMPÉRIO BRITÂNICO NAS MÃOS DE FRÁGIL MULHER

Fotos KEYSTONE

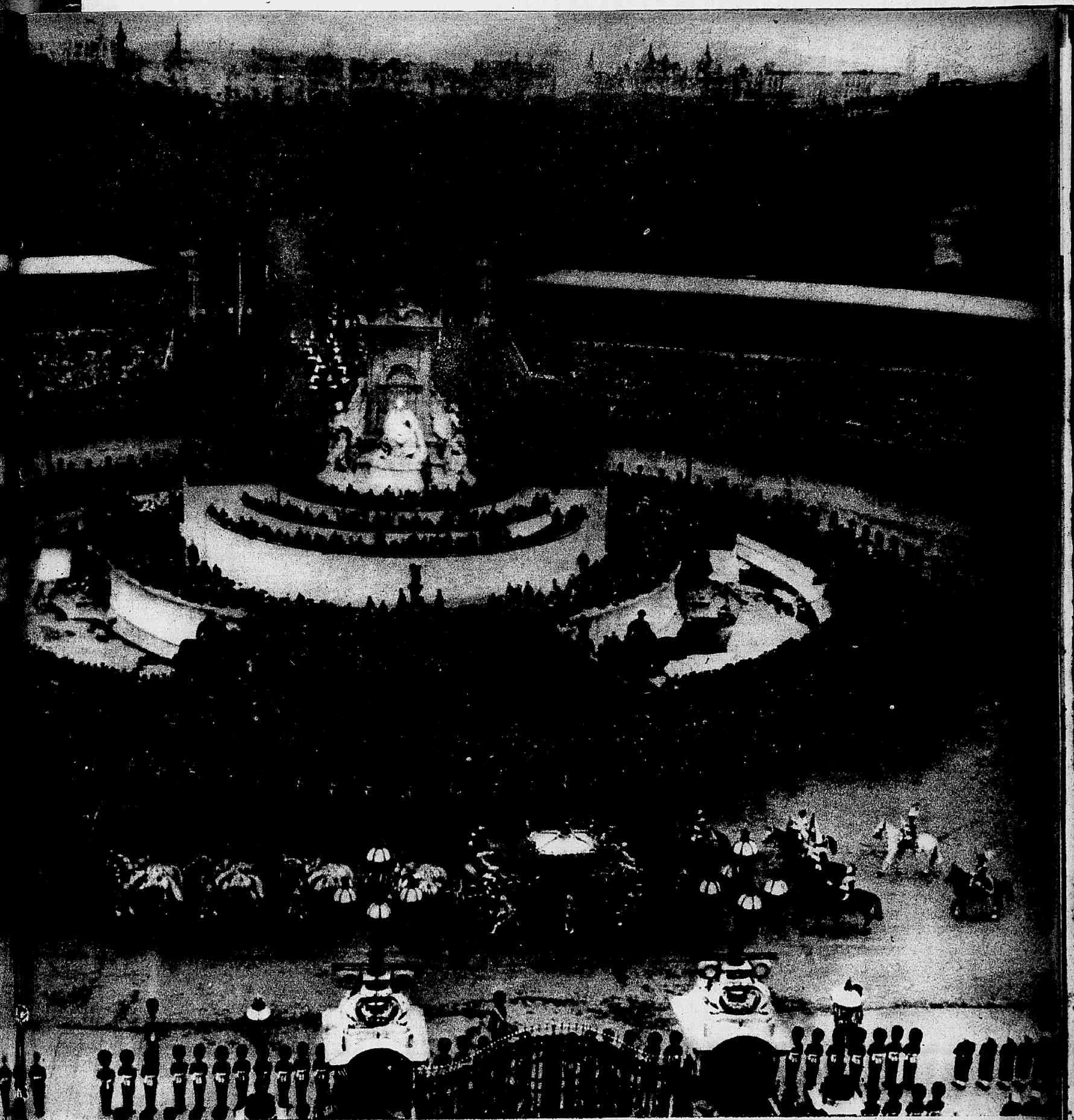
A HISTÓRIA DA GRÃ-BRETANHA se perde na poeira dos tempos. Os mais antigos povoadores, os celtas e bretões, tiraram o país da escuridão dos homens da idade da pedra e do bronze. As legiões de César, a mais de meio século antes de Cristo já invadiam a Inglaterra, abriam estradas e deixavam monumentos. Mas só abandonaram o domínio da ilha nos começos do quinto século de nossa era, com o Imperador Honório. Daí em diante, foi a Inglaterra teatro de grandes lutas, de intrigas, de choques e guerras nas ilhas e no continente. Ainda hoje a Escócia faz cara feia a decisões de Londres, e a própria coroação de Elizabeth teve que ser confirmada em Edinburgo, onde, simbòlicamente proclamaram a República a 2 de junho...





Com jóias e trajes reais, **Elizabeth se dirige para** a

QUANDO Londres se enfeitava para as festas da coroação de Elizabeth II, disseminando-se pelas ruas e praças arquibancadas e coretos para que o povo pudesse ver a fulguração de um acontecimento raríssimo, surgiu uma preocupação: haveria bom tempo? E os meteorologistas aumentaram a ansiedade pública, afirmando: não! A capital britânica já era o centro das atenções do mundo, antes de dois de junho, e suas ruas apresentavam desusado movimento de turistas que vieram às margens do Tâmisa apenas para assistir às cerimônias



a Abadia de Westminster. Na outra foto, flagrante tomado de Buckingham Palace, quando a Rainha se dirigia com seu cortejo para a coroação.

que iriam perpetuar na coroa da jovem e querida soberana, a mais antiga monarquia do planêta. Todos sabemos o que é uma chuvinha impertinente e fininha nesta cidade de «fogs» antipáticos. Quanto mais se aproximava o dia, tanto mais os corações inglêses se apertavam na interrogação angustiosa: choverá? E os cientistas em seus laboratórios de meteorologia reafirmavam: **sim!** Milhares de lábios se movimentaram em preces a Deus e a Santo Eduardo, para que os ventos levassem as chuvas para longe. Se 2 de junho fôsse de temporal, as festas da coroação estariam prejudicadas e o povo não teria oportunidades amplas e irrestritas para aclamar sua Rainha. Enquanto isso, Londres continuava a receber milhares e milhares de forasteiros, milhares de súditos que vinham em delegações representando os 600 milhões de almas da Comunidade Britânica espalhadas por todos os quadrantes da Terra. Chegara 1º de junho e os prognósticos dos sábios se cumpriram. Chovia em Londres. Mas o povo não fêz caso e saiu para os pontos estratégicos do grande trajeto por onde desfilaria o cortejo deslumbrante. Houve quem ficasse a noite inteira em seus postos, enfrentando o mau tempo e o frio que viera como pagem da chuvinha fina, penetrante, cabulosa. As decorações públicas, com aquela sobriedade da alma britânica, eram artísticas e clássicas. Arcos de triunfo, pelotões de luzes, o ecletismo dos indumentos de gente de tôdas as partes do mundo, vendedores de sorvetes, de balõezinhos de borracha, de bandeirolas, tudo fôra



A carruagem real, puxada por quatro parelhas de cavalos puro-sangue segue entre multidões e tropas que apresentam armas à sua passagem.



A viúva Rainha Elizabeth, mãe de Elizabeth II, explica a seu neto Charles, futuro Príncipe de Gales, cenas da cerimônia de coroação.

mobilizado para o grande dia do povo inglês. O tempo continuava intermitente; mas os britânicos se conformaram e até acharam que a chuva também tinha o direito de assistir às festas da coroação. No trajeto para a Abadia de Westminster, a imensa multidão que se espremia formando massas compactas e oceanos de cabeças de cada lado das ruas, estrugia em aclamações à jovem soberana de 27 anos de idade. Às onze e vinte minutos dêsse inesquecível dia 2 de junho de 1953, chegava o fúlgido cortejo de carruagens e autos à Abadia, descendo a Rainha, recebida com tôdas as honras e dentro do programa tantas vêzes ensaiado. Vestia o traje que a tradição impôs aos soberanos inglêses para tais eventos: veludo e arminho. Acompanhada de seis damas de honra, em seus vestidos de cetim branco, guarnecidos de ouro, penetrou no grande templo. O interior da Abadia não era coisa de mãos humanas, e sim, uma fantasmagoria indescritível dos contos orientais, criação de fadas misteriosas na fértil imaginação de novelistas. O cenário era todo de azul e ouro. Arautos trajando uniformes de grande gala, vermelho e dourado, perfilavam-se como estátuas diante de cada coluna de pedra. Diante do altar, que luzia como uma gema gigantesca, o palco da coroação adornado com tapêtes de ouro, e sôbre êle as cadeiras do Estado e do Rei Eduardo



Chegada do deslumbrante cortejo à entrada ocidental da famosa Abadia de Westminster, quando era recebido pelo Duque de Norfolk.



S. Majestade ao d[illegible] State Coach [illegible] recebida [illegible] Dama de Honra pel[illegible] [illegible]

TRADIÇÃO E POMPA...

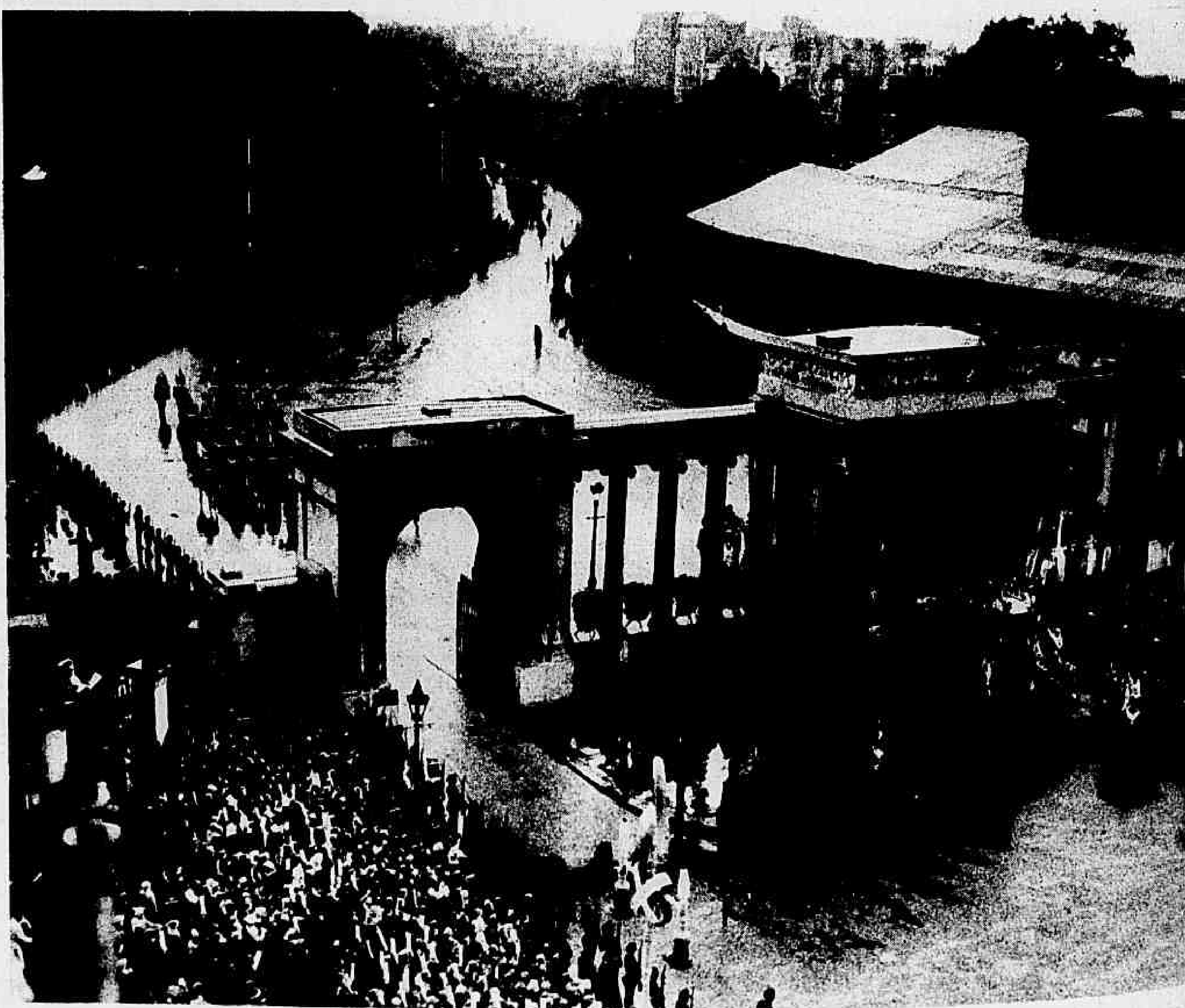
Elizabeth entra na Abadia de Westminster ao lado do Duque de Edinburgo e é recebida pelo Earl Marshall, o Duque de Norfolk.

e, por fim, dominando o ambiente de sonho, o trono erguido sôbre um estrado. Arcebispos e bispos da Igreja oficial do país, sob a chefia do arcebispo de Canterbury, misturavam suas vestes sacerdotais com os trajes das pajens a conduzir a coroa dos nobres a cuja casa pertenciam, tudo num ecletismo de côres e indumentos que perturbava o sentido da percepção. Soldados escoceses, com túnicas escarlates, saiotes de xadrez e grande adaga à cinta, completavam o cenário de deslumbramento do local da coroação. Durou duas horas e meia a cerimônia culminante. O dr. Geoffrey Fisher, Arcebispo de Canterbury, com o lorde e alto chanceler, o lord e grande camareiro, o lorde alto condestável, o conde-marechal e o príncipe real, de armas da Ordem da Jarreteira, colocaram-se de frente para a assembléia, guardando os quatro pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste. Falando em voz alta, declarou o arcebispo:

«Sirs, apresento-vos a Rainha Elizabeth vossa indubitável Rainha. Pelo que todos vós viestes, neste dia, prestar homenagens e serviço, desejais fazê-lo?» Dizia isso voltando-se para os quatro cantos. Elizabeth, emocionada,

de pé,, fitava a multidão. Ao findar as pa-
de pé, fitava a multidão. Ao findarem as palavras da consulta tradicional, ouviu-se o brado de apoio: «God save the queen» (Deus salve a rainha). Depois, sentado na cadeira do Estado, dirigiu à soberana as palavras do ritual: «Quer vossa majestade prestar o juramento?» Ela respondeu com voz firme: — «Quero». O arcebispo continuou: «Quer vossa majestade prometer e jurar governar o povo do Reino Unido da Grã-Bretanha, Irlanda do Norte, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, União Sul-Africana, Paquistão, Ceilão e das possessões de vossa majestade e outros territórios pertencentes a qualquer uma delas, de acôrdo com as suas respectivas leis e costumes?» A rainha respondeu: «Prometo solenemente fazê-lo». O arcebispo prosseguiu: «Quer vossa majestade, com seu poder, fazer que a lei e a justiça, em mercê, sejam executadas em todos os seus julgamentos?» A rainha respondeu: «Quero». Após esta palavra, também prometeu fazer tudo para conservar o Reino Unido, a religião protestante estabelecida por lei, tudo conforme as leis de Deus. Foi-lhe apresentada finalmente a espada do Estado, e Elizabeth se encaminhou para o altar, a fim de confirmar os juramentos, o que fêz colocando a mão sôbre a Bíblia, pronunciando as seguintes palavras: «O que antes prometi, quero executar e manter, assim Deus me ajude». O moderador da Assembléia Geral da Igreja da Escócia apresentou a Bíblia sagrada, dizendo: «Aqui está a sabedoria; está é a lei real; êstes são os vivos oráculos de Deus». E veio a comunhão geral. A rainha ajoelhou-se, o mesmo fazendo todos os que estavam na abadia. O arcebispo e demais prelados leram, diante de um silêncio de claustro em retiro espiritual, para todo o povo

(CONTINÚA NA PAG. 48)



A carruagem de Elizabeth escoltada pela Cavalaria aproxima-se de Hyde Park, vindo o séquito de Piccadily até a Abadia de Westminster.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 25 ★ 20-6-53

SUMÁRIO

Na coroação de Elizabeth.. 3/8 e 48/53
O legado vermelho de Stalin 12/13
Um livro brasileiro causa processo na África 16/17
O preço dos donos da Literatura 24/27
O primeiro projétil atômico do mundo 28/31

O caso do lençol 9
O Desertor (conto) 11
As Grandes Amorosas da História (Cleópatra) 22
A Bem-Amada 32
Semana Literária 35

A Semana em Revista..... 9
De Teatro 17
Janela sôbre o mundo.... 20/21
Arabele 39
De Rádio 40
De Cinema 41
A Revista há 50 anos 47
Último flash 54

O riso dos outros 14
A luz da psicanálise 18
Larga meu homem 36/37
Modelos de Paris 43/45
Week-end na cozinha 46
Casar ou não casar 47

CAPA: Cid Charisse (MGM)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J.M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 56 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses ..... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses ..... Cr$ 140,00

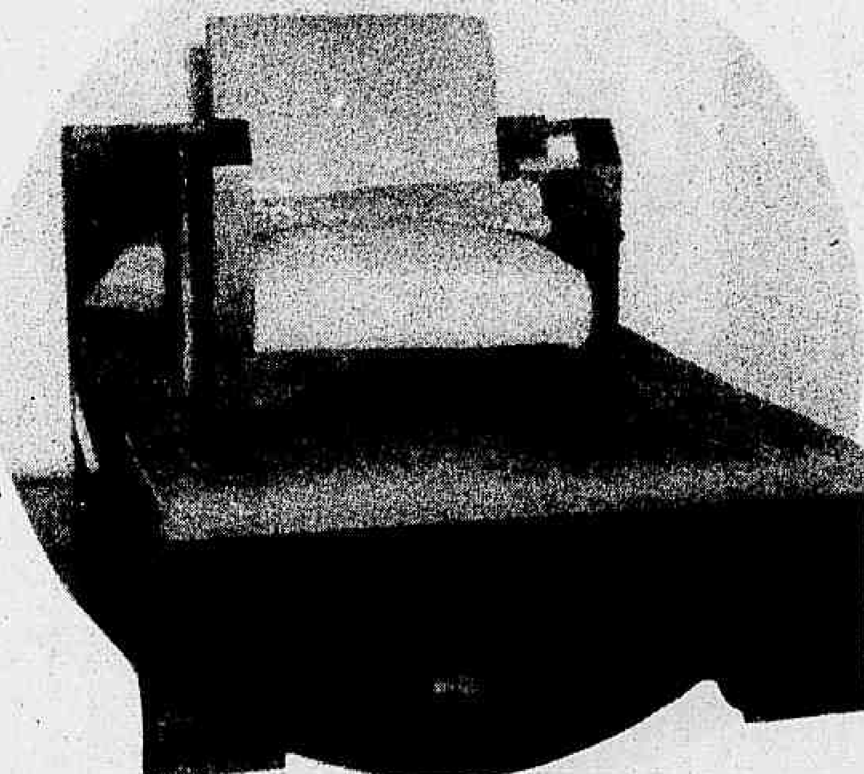
ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 400,00
Seis meses ..... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6º andar, Sala 60.



O CASO DO LENÇOL

ÊSSE doloroso drama que se desenrolou em um hotel suspeito, há dias, ensangüentando a fascinante paisagem da Gávea, com um crime de adultério e a morte de dois homens, poderá servir para muitas lições, nesta hora em que ninguém quer aprender coisa alguma, todos desejando viver ao sabor dos acontecimentos que levam muitos ao necrotério ou à prisão.

Aos divorcistas poderá fornecer uma justificação a mais para a causa que defendem. De fato, a instituição do divórcio poderia atenuar o mal do adultério. Todos sabemos que a maioria dêsses casos se origina na indissolubilidade do casamento civil. Apoiados nesse vínculo, os «don-juans» cortejam impunemente a mulher do próximo, declaram-se apaixonados, seduzem-na, carregam-na para os hotéis clandestinos e, no dia seguinte, como o seu modêlo do Tirso de Molina, deixam-na com uma desilusão ou um remorso, nos braços do marido que a sustenta. Se houvesse o divórcio, essas «paixões» improvisadas dos caçadores de aventuras teriam um limite natural. Êles não poderiam se servir das juras do amor eterno, para seguirem para a estrada da Gávea: as Donas Ineses, embriagadas de paixão, talvez lhes dissessem, entre dois galanteios:

— Está bem, querido, então vou me divorciar e nós nos casaremos...

SERIA uma ducha no inflamado galã que, como o outro, que achava a galinha do vizinho mais gorda do que a própria, também se sente muito atraído pela mulher de paredes-meias que tenha um marido para sustentá-la. O mesmo aconteceria, em contrapartida, com os cavalheiros casados que trafegam pela Avenida à noitinha, catando brotos para levar à zona Sul, certos de que as filas são exaustivas para as meninas que trabalharam o dia inteiro, certos também de que, a bordo de um «rabo-de-peixe», é tão fácil seguir para uma rua honesta, como ir parar, com a desculpa da tarde linda, naqueles pontos-de-encontro da Avenida Niemeyer... Teriam que explicar às ingênuas adolescentes porque não se divorciavam antes de subir para os hotéis do Trampolim.

OUTRA triste lição dêsse caso que, aqui e ali, foge ao melodrama para cair nos grotescos adulterinos do Eça, poderá servir às damas inquietas que, tendo marido e filhos, se deixam enlear nos galanteios dos bonitões e cedem às aventuras clandestinas: o ridículo arrasador daquele lençol que um detective trouxe do hotel para juntar ao corpo de delito. Meditem nesse lençol as impetuosas Bovarys que por aí sonham com romances cinematográficos: haverá coisa menos romanesca, mais torpe, mais arrasadora do que essa peça de roupa suja, metida num idílio? Ao que se saiba, apenas o travesseiro de Desdêmona, a serviço do ciúme, coube num drama sério... Lençol é horrível e estragaria o próprio Shakespeare, se êle usasse um lençol para convencer Hamlet dos deslises maternos, ou para dar a Macbeth a prova da ruindade da mulher. Antes de ouvirem o segundo galanteio e da primeira volta da Gávea, minhas senhoras, pensem nesse lençol horrendo, aparecendo no distrito policial. Antes de fazer a curva do Leblon, meditem um pouco no caso do mesquinho lençol do hotel barato, erguendo-se como pano-de-fundo de seu romance de amor... E' sujo e é torpe. Evitem a todo o custo que êsse lençol infamante, sujo e indecoroso se misture eternamente à sua vida, destruindo tudo de belo que poderia ter, capaz de dar mau cheiro ao mais sublime romance de amor. Se Don Juan tivesse sido enfrentado pelo lençol do adultério e não pelo fantasma do Comendador, sua legenda não teria se construído. Êsse lençol, transformado em corpo-de-delito, saiu dos realistas, mais crus, veio diretamente de uma página que o Eça esqueceu de escrever: é trágico, mas, ao mesmo tempo — é de um ridículo atroz.

EDMUNDO LYS

A PERSONAGEM DA SEMANA



O sr. Agamenon Magalhães, no seu último período de govêrno, em Pernambuco, se caracterizou, sobretudo, pelo combate ao «coronelismo». E o sr. Etelvino Lins, então senador, parecia, de certo modo, não apoiar a conduta do governador. Uma vez, porém, no govêrno do Estado, o sr. Etelvino Lins vem-se revelando figura interessante, e, a propósito dos aborrecimentos de um «coronel» político, acaba de surpreender o país com a seguinte nota, digna dos maiores aplausos:

«Ao aceitar a me candidatar ao govêrno do Estado, com o apoio das mais ponderáveis fôrças políticas, outro pensamento não me preocupava, senão executar ou melhor, obedecer fielmente às diretrizes que me impus, de criar em Pernambuco um ambiente de cordialidade democrática, capaz de permitir atividades e o livre pronunciamento das diversas organizações partidárias. Não era uma simples atitude vaga e inconsciente que tomava, mas uma posição definida, clara e firme, que me sentia obrigado perante a opinião esclarecida de minha terra.

Assim, durante quase seis meses de govêrno, tenho consciência de não me haver afastado dessa orientação nem mentido à confiança de quantos, livre e espontâneamente, concorreram para minha eleição. Como chefe de partido e, eventualmente, à frente do govêrno, minha conduta tem sido a mais firme e leal, de respeito às convicções políticas dos meus concidadãos, jamais me utilizando de processos ou de métodos ilícitos para entravar, absorver ou impedir a natural expansão dos órgãos partidários a que pertencem. A todos, indistintamente, tenho feito sentir, por outro lado, o empenho inabalável do govêrno em estabelecer em quaisquer recantos do Estado, o império da lei, com acatamento e prestígio às autoridades judiciárias, respeito aos direitos e liberdades individuais, que não podem estar na dependência ou arbítrio dos detentores de posições políticas de mando. Essa é a obra de renovação que me empolga o espírito e que não o permitirei seja perturbada ou comprometida. Jamais me acumpliciaria a circunstâncias que constituíssem um desmentido a tão sérias diretrizes.

O divisor de águas está lançado: de um lado o espírito de renovação política; de outro, os processos obsoletos e superados, contra os quais cumpre reagir para salvaguarda dos mais puros ideais democráticos e do próprio bem-estar da comunidade pernambucana. E' óbvio, pois, que não me interessa o apoio político de quem quer que seja, com sacrifício dos elevados propósitos que hei-de manter sem tibiezas até 30 de janeiro de 1955.»

Não há dúvida: tem Pernambuco um estadista à frente de seu govêrno.



Já é hábito entre torcedores de futebol, saírem em caravana para «torcer» pelo clube de suas simpatias, quando o mesmo vai jogar em campo adverso. Foi o que sucedeu agora com apaixonados vascaínos, transportando-se até Santos para estimular os seus jogadores no embate com o «Santos». Ao terminar o jôgo, os torcedores do Vasco sofreram agressões incríveis, atacados a pedradas e vaiados. A camionete que os trazia de volta, ao chegar às proximidades de Taubaté, foi abalroada por um caminhão que vinha em sentido contrário, resultando da colisão, nove mortes! Aqui estampamos o estado em que ficou o veículo.

A SEMANA EM REVISTA



Manuel Canuto e Maria Soledade da Conceição, com seus onze filhos, todos menores, moravam em S. Braz, Estado de Alagoas, modesta cidadezinha do baixo S. Francisco. Não suportando mais a fome, desceram a Propriá, Sergipe, e ali tomaram o primeiro «Pau de Arara» para o Rio. Foram morar, de favor, em Padre Miguel, Bangu. Êle procura trabalho, enquanto a mulher sai com a filharada a pedir auxílio. Esta cena foi tomada a 1º de junho dêste ano de 1953, «Dia Mundial da Criança». Maria Soledade não sabia disso. Nunca soube que havia tal dia. Sabe, porém, que tem onze bôcas inocentes para alimentar, e moída de vergonha, pede esmolas.

EM SETE DIAS...

1 O grupo escolar «Barão do Rio Branco», em Rio Bonito, Estado do Rio, está sem água, o que põe em perigo a saúde das crianças ali matriculadas. E' curioso. Tanto Rio e tão pouca água. Será que a doença do Rio de Janeiro pegou?

2 Está no Rio o Pe. José Aires, vigário de São Miguel e Luís Gomes, oeste do Rio Grande do Norte, implorando socorros para os flagelados daquela zona, até agora sem nenhum auxílio recebido daqui, quer do govêrno, quer de particulares.

3 O avião C-47, n. 1039 do CAN, comandado pelo capitão Paulo Ribeiro, ao levantar vôo em Aragarças, Goiás, com destino ao Rio, sofreu pane, despedaçando-se. Tripulantes e passageiros nada sofreram no acidente de Aragarças. Ora, graças.

4 Apeles dos Santos Morais, hóspede opulento de luxuoso hotel de Copacabana, dizia-se «comandante», gastava a rôdo e conseguiu seduzir uma rica viúva ali residente. Tratava-se de refinado gatuno E' que êle, como o outro de Apeles, foi além do sapato...

5 Conforme assevera o almirante Álvaro Alberto, o Brasil construirá o primeiro reator atômico para fins industriais na América do Sul. Custará uns 5 milhões de dólares e será montado nas cercanias de Belo Horizonte.

6 Quíntuplos num barracão em Petrópolis! Almas caridosas foram vê-los para auxiliar o casal proletário. Mas tudo não passava de simulação. O «pai» foi prêso, e logo sôlto, depois de lições de moral. Mas o de que precisava era de algumas pratas...

7 Produtores de aguardente de Mato Grosso, não concordando com as resoluções do IAA, impetraram mandado de segurança, o que foi denegado pelo Juiz da Primeira Vara da Fazenda Público do Distrito Federal. Muita gente tem certa cachaça por divergências...

O DESERTOR

Conto de **Pat Frank**

AQUI há algo estranho (falou o sargento Cole) — Trata-se de uma mulher de Nova Iorque cujo marido desapareceu no campo de batalha. Deram-no por morto e ela contraiu novo matrimônio. Seis anos se passaram e agora a mulher recebe uma carta dêle pedindo-lhe dinheiro para voltar ao seu lar.»

— «Em nosso território, eu suponho. (Falou o coronel Prentice olhando pela janela a velha praça florentina).

O sargento atravessou o aposento e colocou um envelope grande sôbre a mesa do coronel. Era do ministério da guerra e dirigido ao comandante em chefe do grupo de registros de sepulturas 431, Florença, Itália. O coronel e o sargento compunham o grupo. Eram magros e ossudos, tão semelhantes em seu físico e na maneira de pensar que pareciam irmãos. Apenas suas insígnias eram diferentes. E esta diferença, às vêzes, o coronel preferia esquecer embora o sargento estivesse sempre lembrado pois ambos eram bons militares do exército regular. Já tinham ambos tempo de serviço suficiente para se reformarem porém o exército era o seu lar e aí eram necessários homens idosos, experientes e compassivos para lidar com os farapos humanos restantes das guerras.

Uma guerra não termina enquanto o último dos mortos não fôr encontrado e honrosamente recolhido sob a bandeira e até que o último dos desertores seja arrancado de seu esconderijo e compareça perante a justiça.

A carta do departamento era coisa rotineira. Teria o coronel Prentice a bondade de proceder às investigações devidas? Acompanhavam a carta os documentos e a fôlha de serviço e antecedentes do soldado Anthony Lupin.

O coronel pôs os óculos e examinou a carta da mulher. Estava cuidadosamente escrita, penosamente redatada com os erros de ortografia borrados e emendados como se tivesse consultado um dicionário. Havia conhecido Lupin em 1941, quando ela contava dezoito anos. Descrevia-o como de alta estatura, muito moreno e de boa aparência, com uma cicatriz no rosto. E dizia: «Êle me pareceu um ator de cinema. Transformou-me e eu nem sei o que fazia. Êle era mecânico e trabalhava numa garage, quando trabalhava, mas nunca parava muito tempo num mesmo lugar. Bebia muito e às vêzes se metia em brigas quando estava embriagado e quase sempre levava umas pauladas. Tanto pior para mim então porque quando o pegavam êle vinha para casa e descontava em mim. De vez em quando arranjava bastante dinheiro mas não sei como nem onde e então desaparecia até gastar o último tostão. Sempre tive que sustentar a mim mesma. Era arrumadeira. Quando êle voltava eu tinha de sustentá-lo também.

Certa vez se embriagou e como eu não quisesse dar-lhe dinheiro me bateu e disse que ia embora para sempre. E não voltou até que o sortearam e foi ser soldado. Tratou de fugir mas em 1944 o mandaram para a Itália em disponibilidade. Não me deixou nota alguma e nunca me escreveu».

E a carta contava que em setembro ela recebera um telegrama com estas palavras: «O departamento de Guerra lamenta informar...». Semanas depois chegou uma carta do seu capitão em que contava que o soldado Lupin não estava entre os companheiros depois da tomada de um forte ao norte de Florença. Ninguém o viu morrer nem o corpo foi achado de modo que o capitão tinha esperanças de que êle ainda estivesse com vida. Mas em 1945 informaram-na de que seu espôso não havia aparecido prisioneiro e que o departamento o considerava morto.

— «Um ano depois me casei com Robert Higgins» (leu em voz alta o coronel) «Êle é um homem excelente, serviu na Marinha, e temos dois belos filhinhos e moramos numa boa casa em Jackson Heights. Agora recebemos esta carta da Itália, enviada por minha mãe que mora em Whitestone, e que nos tem preocupado muito. Supõe-se que seja do meu primeiro marido. Anthony Lupin. Diz êle que estava sofrendo de amnésia mas que já está bom de todo e que lhe mande imediatamente trezentos dólares para que possa voltar. Diz que lhe mande o dinheiro em cheque e que não deve mandar em seu nome mas sim para Antônio Lupino que é como o conhecem em Florença».

E a carta terminava asim:

«Não sabemos o que fazer e pensamos então que o exército poderia ajudar-nos». E dava a direção de Lupino na Vila Nullo.

O coronel falou:

— «Bem, êste ao menos está aqui bem perto».

Em geral seu trabalho era monótono e incômodo. Às vêzes tinham de subir os Apeninos para desenterrar a ossada de algum bravo. Outras vêzes se metiam nos pântanos do Pó ou iam aos aredores dos portos do Adriático ou às oficinas do mercado negro. A fôlha de serviço de Lupin era breve e interessante. Duas vêzes se ausentara sem licença, uma nos Estados Unidos e outra em Nápoles. Foi dado como morto depois que sua companhia se bateu durante três dias ao norte de Florença. Ninguém se lembrava de tê-lo visto durante o combate mas um dos caminhões da companhia foi estraçalhado por uma granada alemã na primeira etapa da luta e outro se perdeu ao atravessarem um rio, por essa razão o puseram na lista dos mortos entre outros cujos corpos não foram encontrados imediatamente.

A Vila Nullo era uma ruela íngreme que vai serpenteando até o Arno entre a Ponte Vecchio e o poente. A casa era de pedra e argamassa. Os Lupino moravam no sótão. Uma mulher abriu a porta, um garôto escapou correndo e outro menor se escondeu atrás da mulher. Esta tinha côr macilenta e seus cabelos eram vazios e sem vida, mas era jovem.

— «Esta é a casa de Antônio Lupino (falou o sargento com firmeza, em italiano).

A mulher não respondeu logo e o coronel viu o pavor estampado em seu rosto. Depois ela falou:

— «Eu já sabia que vocês viriam. Eu sempre disse a êle».

— «E onde está êle? (perguntou o sargento).

— «Por favor! (exclamou ela apertando para si o garôto menor). Por favor vão embora. Não o levem. E' verdade que êle não vale grande coisa mas nós precisamos dêle».

— «A senhora é espôsa dêle? (perguntou ainda o sargento).

— «Sim, agora sou sua espôsa... no ano passado, durante a Páscoa, nos casamos».

E então ouviram passos no corredor e o viram entrando pela mísera residência. Tinha o rosto magro, e olhar arrogante.

— «Quem são vocês? (perguntou com voz autoritária).

O coronel notou a cicatriz do rosto dêle e o sargento disse:

— «Você é Lupin».

— «Vocês devem se ter enganado de casa».

— «Talvez, mas eu não creio. Você terá de vir conosco até à polícia. Precisamos conferir suas impressões digitais».

(Cont. na pág. 38)

Tradução de **Sylvia Jambeiro**

Ilustração de **Gil Ribeiro**



O LEGADO VERMELHO DE STALIN

(Da revista inglêsa «Everybody's)

JOSEPH Stalin morreu. O mapa que aqui apresentamos ilustra a herança por êle deixada, isto é, conquistas militares, políticas e ideológicas. Do seu modesto início como um dos mais obscuros auxiliares de Lenine, êle viveu para governar, direta ou indiretamente, mais de 700 milhões de pessoas, número êste que constitui um têrço da população mundial.

De 1922 a 1926, Stalin consolidou sua posição no Kremlin, tornando-se Secretário-Geral do Comité Central do Partido Comunista e colocando astutamente em

ESTADOS UNIDOS — Embora não seja ilegal fazer parte do Partido Comunista, todos os membros do mesmo são registrados pelas autoridades do Govêrno, como pertencendo a uma organização de caráter subversivo, e a maioria dêles é vigiada constantemente. Número de membros: 30.000, mas o partido está dissolvido; 87 líderes presos ou em vias de o ser. Os mais perigosos não são os vermelhos já registrados e conhecidos.

MÉXICO — O Partido Comunista local, antes muito poderoso, encontra-se agora desacreditado, embora tenha ainda bastante influência sôbre os astecas, graças a Lombardo Toledano.

GUATEMALA — Centro de atividade comunista na América Latina; os elementos vermelhos procuram agora se infiltrar na Honduras Britânica.

CANADÁ — Os comunistas locais designam-se pelo nome de Partido Progressivo do Trabalho. Sua fôrça atuante decaiu em cêrca de cinqüenta por cento, desde 1947. Encontra-se reduzido atualmente a um número de 7.000 simpatizantes registrados. Nenhuma influência vermelha sôbre os membros do Parlamento, e o Partido se encontra em grande declínio.

ARGENTINA — Um dos últimos estrangeiros a ver Stalin antes dêste morrer, foi o embaixador argentino em Moscou; os russos se agradam de Perón, em virtude das suas cabais demonstrações de anti-americanismo. O Partido Comunista da Argentina é pequeno, mas sua atividade é constante.

BRASIL — O comunismo é considerado ilegal, mas possui uma forte cadeia subterrânea, ainda dirigida por uma das figuras mais conhecidas, entre os comunistas das Américas, Luís Carlos Prestes.

ISLÂNDIA — Proporcionalmente à população, conta com um dos mais poderosos partidos comunistas de todo o hemisfério ocidental. Sua representação na Câmara local é formada por 9 deputados, para um total de 52; existem ainda, na Islândia, diversos jornais comunistas e fortes uniões trabalhistas.

SUÉCIA — Contam os vermelhos com um número elevado de adeptos ali: 30.000; cinco membros no Parlamento, contra quinze de outras coligações políticas. A influência geral está em decadência, mas o partido continua poderoso nas minas do norte. O país foi agitado, recentemente, com o julgamento dos traidores comunistas suecos.

NORUEGA — A potêncialidade vermelha foi reduzida à metade, desde o fim da guerra. Em 1945, os comunistas contavam com 11 representantes no Parlamento e, atualmente, estão restritos a 6 por cento do total de votos do povo, nas eleições. Apresentam maior poder na parte norte do país, onde os vermelhos foram «libertados» pelos russos.

POLÔNIA — O chefe comunista Gomulka foi demitido em 1949 e, desde então, o mais próspero e mais íntimo satélite da Rússia tem sido governado pelo Marechal Rokossovsky, do Exército Vermelho. Há uma pequena coletivização, e forte influência por parte da Igreja Católica.

DINAMARCA — Os comunistas perdem terreno, sensivelmente. Dos 18 assentos que possuíam no Parlamento, em 1946, ficaram reduzidos a 7. O temor que a Rússia inspira a êste país, e a situação econômica satisfatória são as razões principais para o declínio vermelho ali observado.

ESPANHA — Os comunistas foram banidos do país por Franco, em 1940, mas ainda sobre-resta uma certa atividade subterrânea. Muitos líderes vermelhos estão no cárcere; alguns, conseguiram escapar para a Rússia recentemente, foram ali expurgados.

ITÁLIA — Aqui existe o mais forte Partido Comunista, fora da Rússia. Nas últimas eleições, os vermelhos e os seus aliados conseguiram totalizar 33 por cento dos votos e continuam em franca evidência. O chefe dos comunistas no país é Palmiro Togliatti. Existem, no entanto, algumas dissenções no seio do partido; dois proeminentes líderes abandonaram-no recentemente. Milhões de italianos seguem as idéias moscovitas, por causa da fome que reina na Itália.

ALBÂNIA — E' o menor, o mais distante de Moscou, e o mais débil dos países satélites. Existem ali muitas contendas pessoais e políticas. O mais conhecido líder comunista, Foxe, foi morto em 1949, acusado de ser Titoista. Existem poucos russos na Albânia.

RUMÂNIA — Foi o último satélite a ser «purgado», sob as ordens de Stalin. Milhares de pessoas foram presas e, entre elas, a flamejante Anna Pauker. Para a Rússia, êste constituí um aliado deveras insatisfatório.

HUNGRIA — E' o único país satélite cujo líder, Rakosi, ainda não foi expurgado, embora o seu «braço direito», Rajk tenha sido o primeiro comunista da Europa Oriental a ser liqüidado, em 1949. Foi recentemente prêso o chefe de polícia judeu, Gabor. Existe na Hungria muito anti-semitismo.

BÉLGICA — Existiam na Câmara do país, em 1946, sete deputados comunistas contra vinte e três. O Partido, ali, se encontra muito sangrado e inativo.

TCHECOSLOVÁQUIA — Slansky, Clementis e mais nove vermelhos de nomeada foram fuzilados em dezembro último, durante o maior expurgo comunista realizado na Europa Oriental, dirigido principalmente contra os judeus. A indústria tcheca é de grande utilidade para os «planejadores» do Kremlin.

GRÃ-BRETANHA — Partido Comunista muito fraco, com cêrca de 30.000 adeptos. No entanto, sua atividade ainda é notada no seio das uniões trabalhistas (serviços de mineração, eletricidade, etc.). Conta com bom número de «camaradas» no seio da igreja, nas universidades, e nos vários ramos da ciência. Sem representantes no Parlamento. O líder, Politt, recebe suas ordens do Partido Comunista Francês.

FINLÂNDIA — O comunismo continua em evidência, embora os seus representantes tenham sido excluídos do Govêrno, há quatro anos. Cêrca de vinte por cento dos votos em tôda a Finlândia vão para os vermelhos que continuam ativos, em freqüentes arremetidas.

GRÉCIA — Falhando em sua tentativa, posterior à 1945, de implantar a guerra civil no país, os russos expurgaram a maioria dos líderes vermelhos locais, inclusive o General Markos, em seguida aliando a Grécia dos seus planos expansionistas. No entanto, apesar de banido em 1947, o Partido Comunista local reapareceu agora sob uma outra denominação, obtendo 179 mil votos dentre um milhão e meio, nas últimas eleições. Vem atualmente decaindo.

ALEMANHA OCIDENTAL — Os comunistas locais são em número decrescentemente pequeno, em virtude das histórias de opressão e trabalhos forçados que se contam, a respeito do outro lado. Freqüentemente há lutas e desacôrdo entre os seus chefes. Um dos principais líderes, Kurt Muller, foi atraído para o Leste, e raptado.

AUSTRIA — A despeito do auxílio direto prestado pelos russos no trabalho de reestruturação do país, o número de comunistas não tem aumentado. Perderam um representante no Parlamento, contando com quatro

FRANÇA — O Partido Comunista local é o segundo em podério, na Europa Ocidental. Nas últimas eleições, conseguiu cinco milhões de votos, ou sejam, 26 por cento do total de votantes; e obteve 104 assentos na Assembléia, o que representa uma perda de 72, desde o fim da guerra. Gradativamente, os comunistas vão perdendo terreno. E as razões para isto: o líder Thorez é mantido na Rússia; a chefia do Partido se encontra dividida, tendo os chefes vermelhos Marty e Tillon sido recentemente purgados. Embora não tenham conseguido sucesso nas últimas tentativas de subversão da normalidade do país, os comunistas ainda controlam as uniões trabalhistas.

BULGÁRIA — Sessenta por cento das terras, neste que é o mais sovietizado dos satélites da Rússia, já se encontram coletivizadas. O líder Dimitrov morreu misteriosamente em Moscou, no ano de 1949; seu auxiliar, Kostov, foi enforcado, e quase todos os chefes vermelhos foram liquidados.

ALEMANHA ORIENTAL — Foi o último dos satélites russos a ser sovietizado. A coletivização da terra se encontra apenas em início, e o Partido apresenta um estado de «pré-purgação». O secretário Geral do mesmo, Walter Ulbricht, usa uma barba que — segundo julga — fá-lo parecer com Lenine.

HOLANDA — Nesse país, os comunistas têm oito assentos no Parlamento, entre o total de 100; houve uma ligeira diminuição nas atividades comunistas, desde 1945. No entanto, o Partido ainda conta com bastante influência nas uniões operárias de construção naval. O líder local demitiu-se, recentemnete

execução o protótipo de tôdas os modernas purgas políticas.

Entre 1926 e 1939, o grande derramamento de sangue entre amigos consolidou a situação.

De 1939 a 1945, Stalin, com uma energia quase sôbre-humana, defendeu seu império contra Hitler e contribuiu, em grande dose, para a debacle da Alemanha Nazista.

No período entre 1945 e 4 de março de 1953, o supremo chefe dos vermelhos utilizou o seu poder para obter ainda maior fôrça política. Em dois países, na Grécia e na Pérsia, seu movimento de expansão política foi interrompido pela fôrça das armas e, num terceiro país, a Iugoslávia, pelo patriotismo e interêsse próprio do governante local. Em cinco nações, ou seja, na Malaia, no Viet Nam, em Burma, na Coréia e nas Filipinas, Stalin e o império expansionista que êle criou, continuam a ser combatidos por homens armados.

Em quase todos os demais países do mundo, Stalin deixou uma verdadeira chaga, formada por um grupo de homens que o obedeciam como a um semideus.

CEILÃO — O Partido Comunista de Trotsky é mais poderoso, ali, do que o formado pelos próprios seguidores de Stalin. De um modo geral, os vermelhos não são muito proeminentes no país.

ISRAEL — Os vermelhos são profundamente prejudicados pelo anti-semitismo do Kremlin, e têm sofrido severas perdas, recentemente.

TURQUIA — E', talvez, a mais anti-comunista de tôdas as nações. Os vermelhos foram dali banidos, nestes últimos trinta anos, e os poucos agentes que ainda restam não gozam da menor simpatia por parte dos turcos, que sempre odiaram a Rússia.

BURMA — Muito devastado pela guerra civil, o país ainda batalha contra dois grupos de rebeldes comunistas, que enfrentam as tropas governamentais no interior. No entanto, como na Malaia, os vermelhos se vêem em grandes apertos e vão sendo gradativamente eliminados.

NIGÉRIA E COSTA DO OURO — Não há atividade comunista oficial, mas alguns estudantes de tendências comunistas que retornam à Pátria procuram «trabalhar» os nativos nacionalistas.

EGITO — Os comunistas foram banidos pelo General Naguib, porem muitos agitadores ainda operam no seio dos estudantes e dos trabalhadores; alguns, foram recentemente presos, pelos distúrbios que provocaram. A influência russa progride.

KENIA E RODÉSIA — Não há organizações comunistas oficiais, mas os seus agentes continuam indubitàvelmente a t i v os, por trás da Mau Mau, e reina a inquietação entre os nativos. Kenyatta, o chefe da Mau Mau, estêve em Moscou como hóspede.

AUSTRALIA — O govêrno da Comunidade Britânica desterrou o Partido Comunista, mas o «referendum» popular rejeitou tal banimento. Embora não possuam representantes no Parlamento, os vermelhos continuam poderosos nas uniões de trabalhadores (mineiros, estivadores, etc.), apesar de haver sido instituído o voto secreto, nas eleições das corporações, isto mostrando que os chefes comunistas têm ainda bastante influência.

PÉRSIA — Antes dissolvido, o Partido Comunista Tudeh parece agora estar novamente legalizado, e prossegue muito ativo, nos distúrbios que promove nas ruas. Exilados no Azerbaijan, após a guerra, os comunistas persas retornam ao país.

VIET NAM — A rebelião chefiada por Ho Chi Minh continua a requerer a presnça de grande número de tropas francesas. Os vermelhos estão de posse de diversos distritos do país. Embora vá demorar a derrota dos comunistas, a França e os vietnameses anti-comunistas vão dominando gradativamente a situação, e o futuro lhes pertence.

AFRICA DO SUL — O Partido Comunista foi banido em 1950, mas os simpatizantes vermelhos continuam em atividades subterrâneas, trabalhando especialmente entre os nativos das grandes cidades.

INDONÉSIA — Uma violenta revolta comunista foi sustada, três anos atrás, tendo sido fuzilados os seus chefes. Os vermelhos ainda mantém 16 dos 264 assentos no Parlamento, mas vão perdendo a sua influência, em virtude do poder dos nacionalistas.

CORÉIA — Aqui verificou-se uma invasão comunista, e o conflito se prolonga por três anos. Os norte-coreanos, que foram os agressores, são apoiados por tropas da China Vermelha. Esta constitui a «guerra de contrôle remoto» mais bem sucedida, entre tôdas as que são promovidas por Moscou.

FILIPINAS — A revolta dos civis doutrinados pelos comunistas ainda continua, no interior, desperdiçando os esforços dos filipinos de tornar o país uma República forte. Os Hukbalahaps, denominação dada aos revoltosos, são em número aproximado de 20.000.

MALAIA — Três a cinco mil comunistas prosseguem na luta de guerrilhas contra o govêrno. O número de simpatizantes, entre os chineses, é grande e os vermelhos vão sendo destruídos aos poucos.

JAPÃO — Os comunistas são em número pequeno, mas muito ativos. Têm tido algumas dificuldades e desavenças em tôrno da liderança, mas são ainda poderosos no seio das uniões trabalhistas.

SIÃO — Não há Partido Comunista, mas existe uma poderosa missão russa, ainda subterrâneamente ativa. Êste é o centro de intrigas no Sudeste da Ásia; os agentes vermelhos locais estão auxiliando os comunistas malaios.

ÍNDIA — Os adeptos do Kremlin conseguiram 13 por cento dos votos na primeira eleição ali realizada, e 23 assentos no Parlamento, num total de 489. São mais fortes em Madras, Hiderabad e Travancore, mas existe uma certa variação ideológica na chefia dos vermelhos locais. Foram beneficiados com a indefinida atitude de Nehru, em relação à China de Mao Tse Tun.

O RISO DOS OUTROS



Marco Aurélio disse:



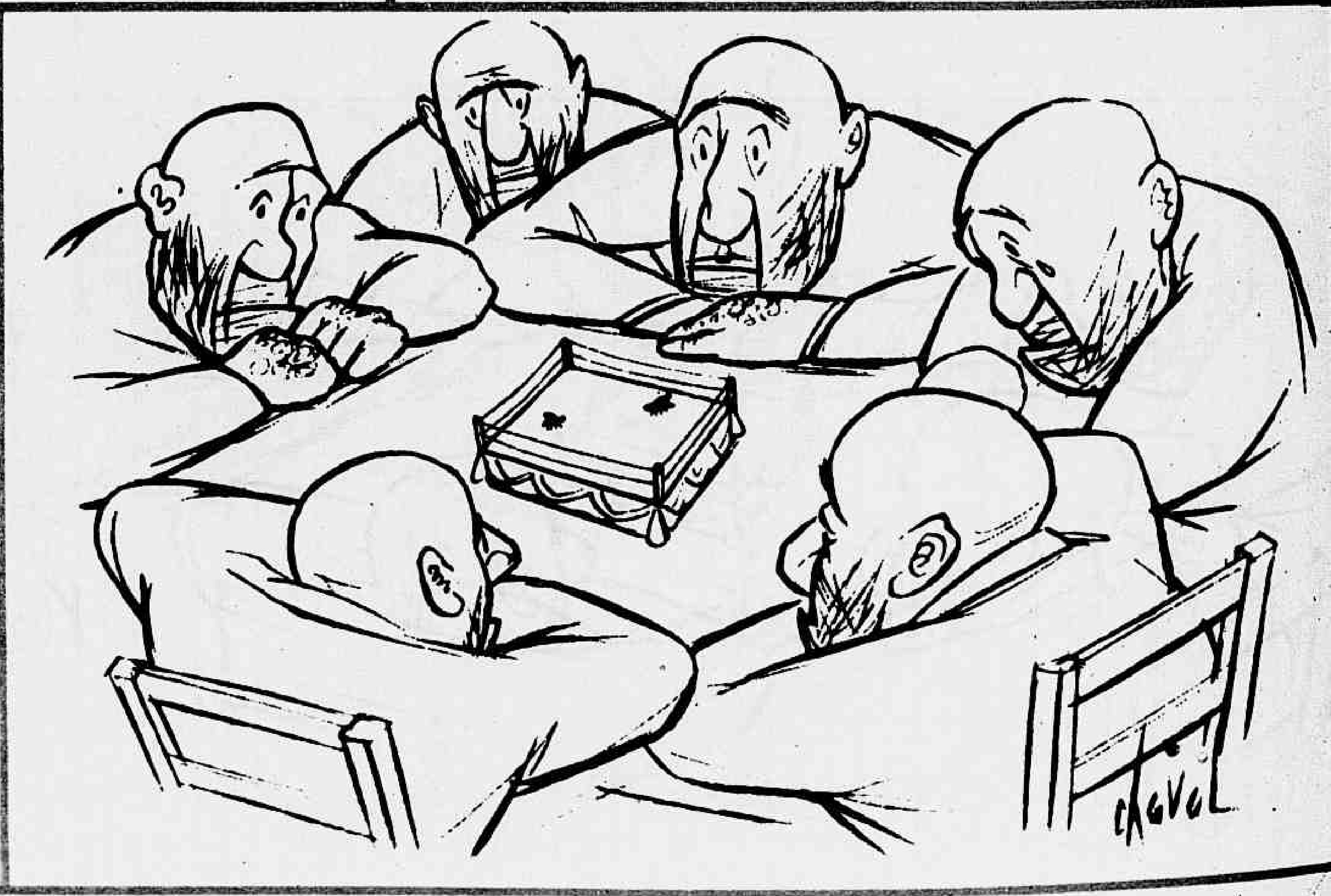
— «E' preciso saber encontrar a maneira mais fácil e mais tranqüila de viver...»



— Pagun vrs lipkip!



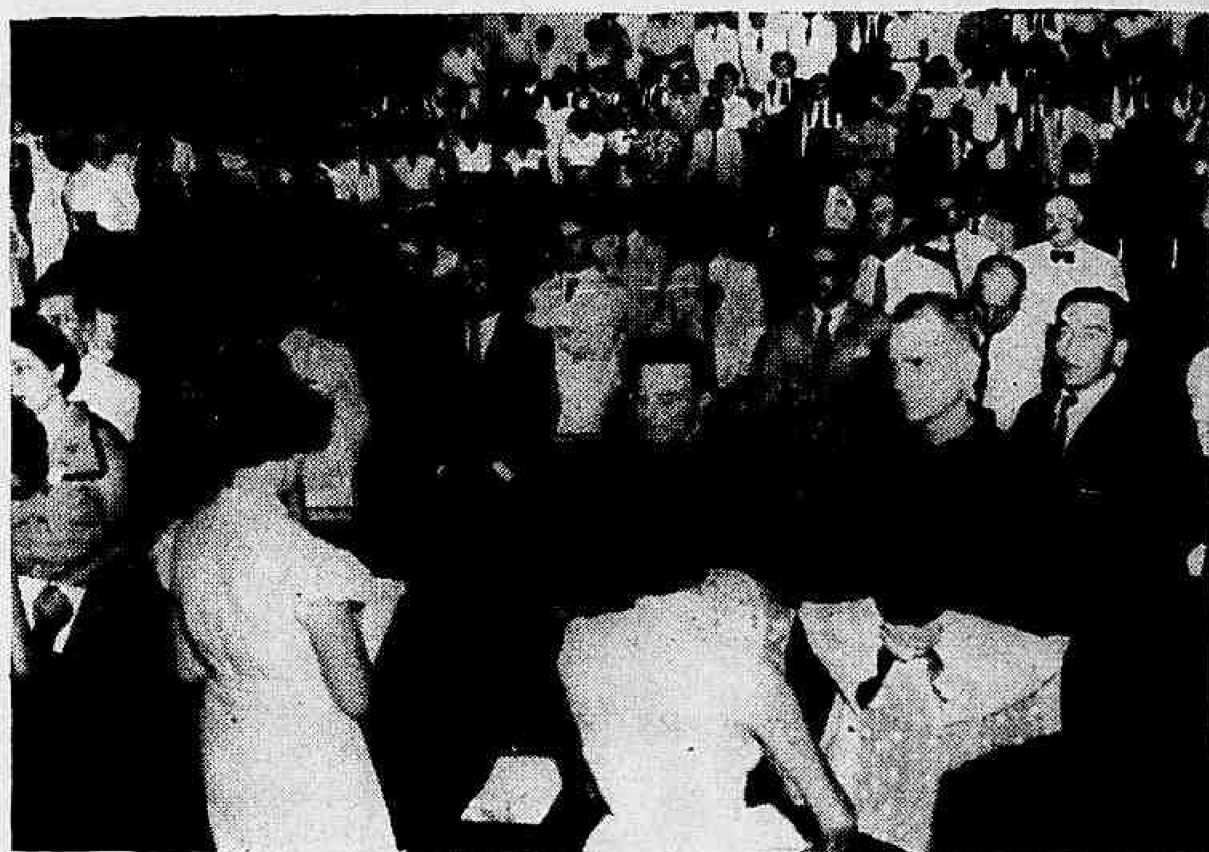






A IMAGEM PEREGRINA DE N. S. DE FÁTIMA

DURANTE a sua recente visita ao Estado do Espírito Santo, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi recebida em sessão solene da Assembléia Legislativa local. Rendeu, assim, êsse ramo do poder público capixaba suas homenagens à Virgem Peregrina, o que constituiu uma das cerimônias mais tocantes da sua permanência em terras de Domingos Martins. Na fotografia do alto, vê-se a Mesa da Assembléia, quando discursava o seu presidente, deputado Jefferson de Aguiar que tem à direita o governador do Estado, sr. Jones Santos Neves, o Bispo Diocesano do Espírito Santo, D. José Joaquim Gonçalves, e o 1º secretário da Casa, deputado Francisco Schwarz. A Imagem Veneranda foi colocada sôbre a Mesa da Presidência, sendo saudada pelos líderes dos diversos partidos políticos e pelo presidente Jefferson de Aguiar. A fotografia de baixo é um aspecto parcial da sala de sessões da Assembléia, vendo-se no primeiro plano a senhora Alda Santos Neves, os deputados Judith Leão Castelo Ribeiro, Mileto Rizzo, Eurico Rezende, Dirceu Cardoso, Luiz de Lima Freitas, Sebastião Thiebaut, Otto de Oliveira Neves, Jair Giestas, Eugênio de Souza Paixão, Argilano Dario, Aníbal Faria, Ely Junqueira, Alfredo Antônio, Arsílio Ferreira, José Buaiz, Benjamim Barros, Clóvis Stenzel e Lauro Calmon Nogueira da Gama, além de secretários de Estado, representantes diplomáticos e prelados.





Nesta livraria dos irmãos Carvalho, em Lourenço Marques, possessão portuguêsa na África, a única que mantém estoques permanentes de livros brasileiros, a polícia apreendeu «Moscou, ida e volta», que teve uma circulação livre aqui no Brasil e na República Argentina.

UM LIVRO BRASILEIRO PROVOCA UM PROCESSO NA ÁFRICA



João Antônio Carvalho, processado pelo crime de expor um livro sem ter lido o seu conteúdo. Mas houve Justiça! Foi absolvido.

"MOSCOU, IDA E VOLTA", DO REPÓRTER EDMAR MOREL, FOI CONSIDERADO INJURIOSO AO GOVÊRNO DE PORTUGAL — JULGAMENTO QUE EMPOLGOU MOÇAMBIQUE — QUEM SÃO OS IRMÃOS CARVALHO — A DEFESA — A PERGUNTA FINAL

Reportagem de ALMEIDA SANTOS

VERIFICOU-SE o acontecimento em Lourenço Marques, colônia lusitana. Os conhecidos livreiros irmãos Carvalho expuseram a venda o «best-seller» «Moscou, ide e volta», do repórter Edmar Morel, editado no Rio de Janeiro, por Pongetti e em cujas páginas 31, 32 e 45, segundo o Promotor Público, há injúrias ao govêrno de Portugal...

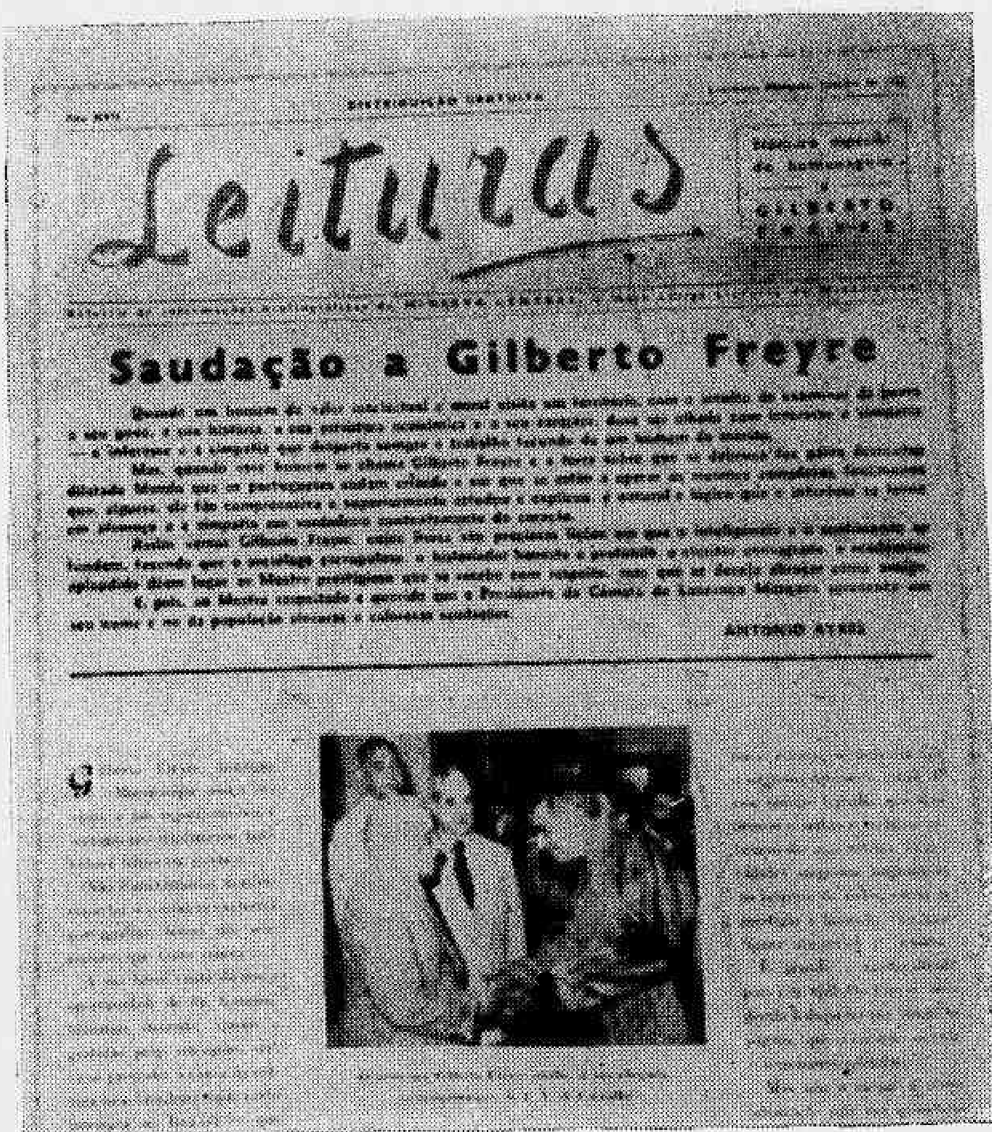
E' preciso ressaltar que os irmãos Carvalho são os únicos livreiros que mantêm em várias colônias portuguêsas uma exposição permanente de livros e revistas brasileiros, inclusive a «Revista da Semana».

Por ocasião da passagem do sociólogo Gilberto Freyre, por Lourenço Marques, êles fizeram circular um número especial de «Leituras», publicando o resumo da obra do notável escritor brasileiro. O sr. Marcos Carneiro de Mendonça e sua espôsa, a conhecida escritora Ana Amélia Carneiro de Mendonça, foram testemunhas do trabalho cultural do sr. João Antônio de Carvalho que, há 57 anos, vende livros brasileiros e portuguêses no continente negro, mantendo diversos estabelecimentos no interior, em lugares aonde não chegaram, ainda, os trilhos da estrada de ferro.

A sua casa é considerada uma espécie de velha Livraria Garnier, à rua do Ouvidor, no Rio, onde se reunem os elementos mais destacados da colônia. Daí a repercussão do processo movido pelo govêrno de Moçambique, únicamente, porque foi exposto «Moscou, ida e volta». Note-se que o referido repórter é o único biógrafo do Almirante Gago Coutinho, porém, em virtude de fazer



Sebastião de Carvalho que, em Juízo, representou a Central Minerva, agente da REVISTA DA SEMANA na província de Moçambique.


Leituras

Saudação a Gilberto Freyre

Exemplar de «Leituras», numa edição especial, em homenagem a Gilberto Freyre, editada pelos Irmãos Carvalho.

reportagens contra o chamado regime Salazarista, tem sido alvo de inúmeros ataques por parte da imprensa oficial. Recentemente saiu o livro «As portas do mundo», de autoria do sr. Marques Gastão, da Secretaria de Propaganda, com dez páginas de ataques cerrados contra o conhecido Edmar Morel.

O PROCESSO EMPOLGA

A notícia do processo foi divulgada, discretamente, pelos jornais. Entretanto por informações chegadas de Lourenço Marques, via aérea, são conhecidos os detalhes do julgamento que empolgou a população de Moçambique. Funcionou como juiz o dr. Faria Martins. O dr. Lopes de Freitas fêz o papel de Promotor Público e a defesa estêve confiada ao causídico Almeida dos Santos.

A bancada da imprensa e do rádio ficou superlotada. A primeira testemunha foi o sr. José Botelho Mariano, guarda do Corpo de Polícia. O Juiz interrogou:

— Quando comprou o livro sabia que era subversivo?

— Não!

— E como descobriu que era uma obra nociva?

— Aí é que está o segrêdo! — respondeu o guarda para prosseguir. — A capa do livro tinha o túmulo de um tal de Lenine...

Desfilaram outras testemunhas de acusação, inclusive Maria Amélia Cardoso, empregada da livraria, a qual declarou, em síntese:

— Recebemos 30 exemplares do livro «Moscou, ida e volta» e vendemos 25. Os outros cinco foram apreendidos pela polícia.

— Sabia que o livro era insultuoso ao Govêrno de Portugal? — perguntou solenemente o magistrado.

A mocinha ingênua respondeu:

— Nunca! Acredite, senhor, pelos olhos de N. S. de Fátima!

A DEFESA

Há 35 anos não havia um processo de imprensa em Lourenço Marques. Daí o interêsse pelo julgamento. A principal testemunha de defesa foi o deputado José Diogo de Mascarenhas Galvão, da União Nacional, o qual travou o seguinte diálogo com o Promotor Público:

— Que julga da obra da «Minerva Central» sôbre o ponto de vista de interêsse nacional?

— Acho-a a todos os títulos utilíssimas. De resto, os principais elementos do nosso govêrno que por aqui passaram, incluindo o falecido Presidente da República, souberam dar-lhe o valor que ela tem.

— Considera os irmãos Carvalho capazes de expôr, propositalmente, quaisquer obras de fundo subversivo?

— Absolutamente!

As leis portuguêsas proibem terminantemente que os livreiros exponham à venda quaisquer obras que não sejam lidas demoradamente. O conhecido intelectual Reis Costa, a terceira testemunha da defesa, declarou:

— «Os livreiros, passe o paradoxo, são os homens que menos lêem em Portugal. Assim como o dono de uma confeitaria é o que menos rebuçado come, porque enjoa, o livreiro toma a mesma atitude de enjôo ante os livros que importa e vende. Nestas circtâncias, acusar um livreiro português de vender literatura tendenciosa, é o mesmo que acusar um merceeiro que venda velas de estiarina, não desconfiando que está vendendo dinamites.»

ABSOLVIDOS

Depois de cinco horas de julgamento, o Juiz leu a sentença:

— Tendo sido acusada a Minerva Central de ter exposto 30 exemplares, vendendo 25, do livro «Moscou, ida e volta», do jornalista brasileiro Edmar Morel, que nas páginas 31, 32 e 45 contêm injúrias e não se provando que o argüido tivesse conhecimento do conteúdo da obra, absolvo.»

FALA O AUTOR

O repórter Edmar Morel, que já estêve várias vêzes em Lisboa, falando ao matutino «O Tempo», de S. Paulo, fêz as seguintes declarações:

— O fato revela, apenas, a falta de liberdade em Portugal, sem dúvida, o esteio do regime fascista instituido pelo sr. Oliveira Salazar. As páginas 31, 32 e 45 do meu livro não injuriam, em ab- (Cont. na pág. 41)

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

A MORTE DE RENATO VIANA

É com profundo pesar, que lamentamos a morte do destacado teatrólogo brasileiro Renato Viana, ocorrida domingo, pela manhã, dia 24 de maio, vítima de um infarto do miocárdio. Contrariando os desejos de seus pais — José Gonçalves Viana e Abelina Gonçalves Viana — o conhecido homem de teatro, com a idade de 25 anos, abandona a profissão de advogado, para se dedicar de corpo e alma ao teatro, escrevendo nada menos de 25 peças, destacando-se dentre elas «Fogueiras de Carne», «Deus», «Sexo», «Mona Lisa», «Divino Perfume», «A última encarnação de Fausto», «A última conquista» e «Jesus bate às portas». Além de teatrólogo, Renato Viana também era ator, mas ùltimamente se vinha dedicando ao ensino da arte dramática na Escola de Teatro Martins Pena, fundada por Coelho Neto, para onde foi nomeado diretor na gestão do prefeito Mendes de Morais. O intérprete de Hendrik Ibsen também fundou o Teatro Anchieta no Rio Grande do Sul, sendo o autor de outras iniciativas como «A caverna mágica» e «A batalha da Quimera».

★ O entusiasta das idéias de Jacques Copeau teve as suas peças representadas por Leopoldo Fróes, Jaime Costa, Olga Navarro e Itália Fausta, e no ano passado se dedicava aos estudos de Ibsen, tendo montado no Teatro Municipal a peça de sua autoria «Inimigo do Povo», depois de uma série de conferências sôbre o autor de «Heda Gabbler», a ponto da própria Embaixada da Noruega participar da iniciativa, oferecendo um retrato do famoso dramaturgo à Escola Martins Pena. Na mencionada escola realizou diversas conferências e citamos como as mais importantes as de Viriato Corrêa, Luís Forjas de Trigueiros e Gustavo Dória, tendo ainda teatralizado a vida do Duque de Caxias, pondo em execução a sua idéia de divulgar a história do país através do teatro, e encenado a famosa peça de André Gide «Édipo».

★ Desde 1947, vinha sofrendo do mal que o vitimou, afastando-se de suas funções a pedido de seus médicos, falecendo aos 59 anos de idade e deixando dois filhos: Rui Viana — atualmente trabalhando no rádio-teatro da Rádio Nacional e atuando às segundas-feiras na peça «A Bruxa», de Nestor de Holanda, no Teatro Dulcina, e Maria Caetana, que se encontra afastada do palco. Seu sepultamento se realizou no mesmo dia em que morreu, verificando-se às 17 horas no Cemitério de São João Batista, com o acompanhamento de certas personalidades como Roberto Accioli — Secretário da Educação da Prefeitura do Distrito Federal; Aldo Calvet — diretor do Serviço do Teatro; vereadores R. Magalhães Júnior e Carlos Magno; o ator Jaime Costa e o professor José Oiticica — êste falando em nome da Escola de Teatro Martins Pena no ato do enterramento. Perde, assim, o teatro brasileiro um dos seus maiores batalhadores.



Iris Delmar, estrêla da revista «E' Fogo na Jaca», que Walter Pinto está apresentando com grande sucesso tôdas as noites no Recreio.

★ **ZILCO RIBEIRO** vai apresentar no Teatro das Segundas-feiras no Follies uma combinação de comédia e revista escrita e dirigida por Herbert Martins e musicada por Kalua e Yvon André Gaillard, com os artistas Flávio Cordeiro, Sílvia Fernanda, Lisete Barros, Roberto Duval e a bailarina Bilinha.

★ **Já se acha** em cartaz a peça «Mulheres Feias», comédia de um autor italiano em tradução de Henrique Pongetti, que os «Artistas Unidos» estão apresentando no Teatro Copacabana, tendo à frente a atriz Henriette Morineau. Fêz a sua estréia nêste elenco a atriz Fernanda Montenegro.

★ **A atriz Alda Garrido** recebeu um convite de Portugal para uma temporada de seis meses. O seu espôso, sr. Eduardo Garrido, embarcou para Lisboa para tratar dos entendimentos. A peça de estréia será a mesma que se encontra em grande sucesso no terceiro mês de representações — «Dona Xepa», de Pedro Bloch, com Mário Brasini na direção de cena.

★ **Eva Tudor** estreará em outubro no Rio Grande do Sul no circuito do «Coliseu» numa temporada de 60 dias, sendo que a sua peça de estréia ainda não foi escolhida.

★ **«Treze degaus para baixo»**, de Lúcio Fiuza, será a peça de estréia do Teatro do Estudante, e a sua renda do primeiro dia no Teatro Duse, será oferecida por Pascoal Carlos Magno para a Cruz Vermelha Brasileira, que a distribuirá para as vítimas das enchentes no Estado do Amazonas. Êste acontecimento além de patrocinado pela Cruz Vermelha Brasileira, também o é por um grupo de senhoras da nossa sociedade e da sociedade amazonense, sob a presidência da senhora Senador Vivaldo Palma Lima.

★ **Zaquia Jorge** apresenta no seu teatrinho de Madureira a revista «Chegou o Guloso», às 20 e 22 horas.

SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

HÁ uma capacidade congênita de reação afetiva em face de determinados estímulos. Para as pessoas que conhecem os efeitos duma queimadura, as reações de defesa se apresentam à aproximação do fogo. Entretanto, animais sem nenhuma experiência anterior têm terror do fogo. Admite-se, em tal caso, uma transferência ancestral hereditária. E' o caso da atitude assumida por um gatinho, sem qualquer experiência, à vista de um rato: persegue-o, procurando caçá-lo e toma atitude oposta, fugindo ao ouvir o latido de um cão. Os autores chamam a isto «instinto de caça e de fuga». E' uma resposta reflexa que está inteiramente ligada ao organismo, independente de aquisição individual ou de aprendizagem prévia. A êste sistema de atividade complexa que se desenvolve ao primeiro incitamento, chama-se instinto.

● Suscitando o desdobramento de um instinto, o estímulo possui valor afetivo próprio, parecendo agradável ou desagradável, provocando igualmente emoção de alegria, mêdo ou cólera, liberando, pois, uma energia que pode desbordar na esfera visceral e glandular. Quanto mais desenvolvidas forem as funções mentais, tanto mais se manifesta a flexibilidade adaptativa, crescendo ainda mais a variabilidade.

E' de tal modo a complicação no homem que os instintos não são perceptíveis algumas vêzes. O instinto é o impulso, sem raciocínio, que determina dum modo invariável o caráter, os costumes e os hábitos animais. Cada espécie tem um instinto que a distingue: o instinto puro ou quase sem mistura de inteligência dotada de reflexão parece, principalmente nos insetos; a sua existência é tão curta que Deus não podia confiar ao tempo o cuidado de os misturar; nascem, pois, instruídos, sabendo o que lhes cumpre, se assim nos podemos expressar, e, sem precisarem de lições, nem de exemplos para levarem ao cabo o seu destino. Ao ver as astúcias, os trabalhos, os combates, o ataque, a defesa destas multidões armadas, admiramo-nos de que êste quadro tenha mudado desde o princípio do mundo: tôdas as espécies se guerream e, todavia, nenhuma se aniquila, nenhuma é mais poderosa que a sua inimiga; neste caos de destruições e reproduções, nesta variedade de fôrças e instintos, há uma harmonia que regula, uma inteligência que vela.

● Na espécie humana vemos que, num adolescente, a presença de uma jovem provoca vivo interêsse, emoção agradável, e lhe desperta, ademais, desejo de brilhar e de agradar. O estímulo produz atividade instintiva. Dir-se-á que êste estímulo desperta uma tendência, o que significa que êle tem fôrça de excitação, valor afetivo em relação com todo um sistema de atividade pronto para funcionar.

E' a esfera afetiva das tendências que condiciona o incitamento necessário a tôdas as formas de atividade, é a ela que cabe a regulação do comportamento. Entre as tendências definidas, algumas serão adquiridas (por fenômenos individuais de transferência associativa); e a educação social implica na criação de um jôgo completo de tendências. Mas as de maior eficácia são as tendências inatas, que correspondem às grandes categorias de instintos.

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRACKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS A EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● NADINHA — (Rio)

SONHO: — Era quase noite e a sala estava em penumbra. Quando me levantei para acender a luz, vi um rapaz conhecido e ficamos de pé conversando. Durante a palestra, notei que êle ia rejuvenescendo: de cada vez que o olhava, via que êle ia remoçando; agora, aparentava 27 anos; depois 20; depois, ainda, um adolescente de treze; logo o vi garôto, entre os 6 e os sete anos, para, em seguida, vê-lo como um bebê no colo da mãe, também muito mais moça. Essas transmutações se processavam como se êle estivesse andando de costas num longo caminho à minha frente. O curioso é que, apesar de vê-lo bebê, eu o reconhecia perfeitamente através de traços marcantes de sua fisionomia. Logo após, eu o vi, de novo, crescendo, isto é, voltando pelo mesmo processo ao estado atual; era já um guri com calção branco, começando a andar; depois, um menino de sete anos, carregando uma peteca; logo se tornou um rapazinho vestido de calça comprida cáqui, camiseta de lã e trazia uma fôlha de papel almaço enrolada; a seguir, um rapaz com um chapèuzinho branco de marinheiro americano. Logo voltou a ser o homem que conversava comigo na sala em penumbra. Não sei sôbre que falávamos, mas, a certa altura, eu disse: — Vou tomar nota — e tirei da bôlsa um caderninho e, tendo escrito qualquer coisa, arranquei a página para entregar-lhe. Êle, porém, já havia saído e, então, fui até a varanda, certa de encontrá-lo. Ao abrir a porta, vi um vaso de planta sôbre o gradil; quase caindo; peguei-o cuidadosamente, pulei no chão e afofei a terra com o lápis que trazia. Quando me levantei, uma menina de côr de rosa bateu palmas aplaudindo-me; verifiquei, então, que não estava na varanda e sim num palco; o rapaz com quem conversara tocava ao piano o «Rêve D'Amour» e eu comecei a cantar suavemente; sentia-me calma como uma artista e vestia uma «toilette» de gase branca, orquídeas na cintura e longas luvas côr de lilás. Ao terminar vi novamente a menina de côr de rosa aplaudindo-me do jardim, à frente de muitas pessoas que a imitavam; desci do palco e dei à garôta o rôlo da música. As pessoas começaram a sair por um portão largo, mas algumas passavam entre as grades; quis imitá-las, mas não consegui passar e rodeei o muro para sair por um portão de madeira, que era da garage; ao atravessá-lo, vi-me numa sala, indo sentar-me junto a uma grande mesa preta, ao lado do meu marido. Pela porta à nossa frente, vi entrarem alguns homens que conservavam abertos os guarda-chuvas gotejantes. Observei êsse fato a meu marido, mas, quando êle levantou a cabeça, entrou o mesmo rapaz, trazendo como abrigo um pano de lona escura na cabeça; ao chegar à nossa mesa, tirou o pano da cabeça e inclinou-se para dizer-me alguma coisa. Pus-lhe a mão no ombro, molhado pela chuva e êle, inclinando-se mais me beijou a face. Fiz um gesto para afastar-me, apreensiva pela presença de meu marido; mas êle relutou, prolongando o beijo e apertando-me nos braços. Depois afastou-se, indo conversar com os outros que ainda conservavam os guarda-chuvas abertos. Pareceu-me que estavam em cima da mesa, o que noitei a meu marido, que respondeu: — Pois você não vê que estamos no cinema? — E o beijo... você viu? — perguntei ainda. — Ora, boba, vi, sim; êle fêz isso por causa da terceira dimensão; se não fôsse isso levaria um sôco. — E meu marido sacudia a cabeça diante de minha ignorância. Abri a porta e vi que ainda estava chovendo; achei delicioso andar na chuva; um menino que vinha correndo, escorregou e caiu; abaixei-me para ajudá-lo e acordei.

INTERPRETAÇÃO: — Todo o seu grande sonho se resume numa faculdade rara que você deve aproveitar: a de ver-se, retrospectivamente em passadas encarnações. E' o que me diz a primeira parte do seu sonho, quando você vê o rapaz voltar à infância e retornar à idade adulta. Confirmando essa asserção, há o palco em que representava com naturalidade o seu papel na vida... Finalmente, o beijo que você ganhou e que ficou impresso no Éter, ou antes no Reino da 3ª Dimensão. Seu marido, mais experimentado do que você, reconheceu que a cena se passava há muitos milênios, portanto, não havia, no presente, nem perigo, nem malícia... Os desenvolvimentos anímicos, isto é, o aperfeiçoamento, ou mesmo, o desabrochar da consciência, se faz de vários modos: pela leitura de livros espiritualistas, pela concentração, pelo trabalho fenomentista nas sessões espíritas, ou pelo sonho, quando dormimos.

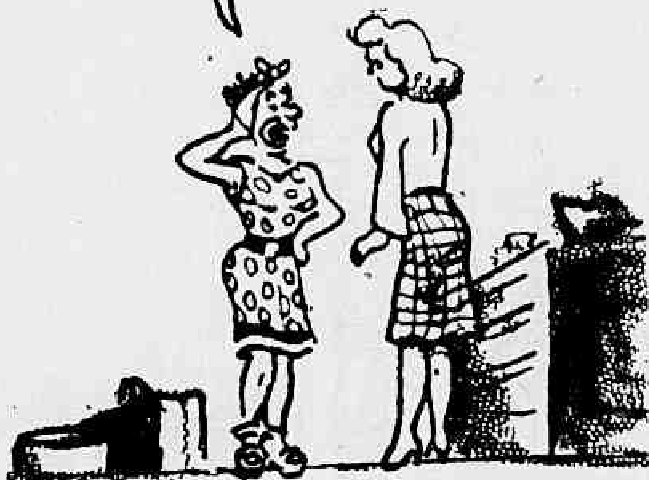
A meu ver, êste último é o mais sadio e puro modo de desenvolvimento, por não haver a participação da vontade, da personalidade, evitando a mistificação, ou a interferência de conhecimentos externos. Seria de grande alcance para você ampliar suas possibilidades mediúnicas com pessoas que estivessem à altura e que possuíssem bases científicas, morais e educacionais bem equilibradas e sólidas.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

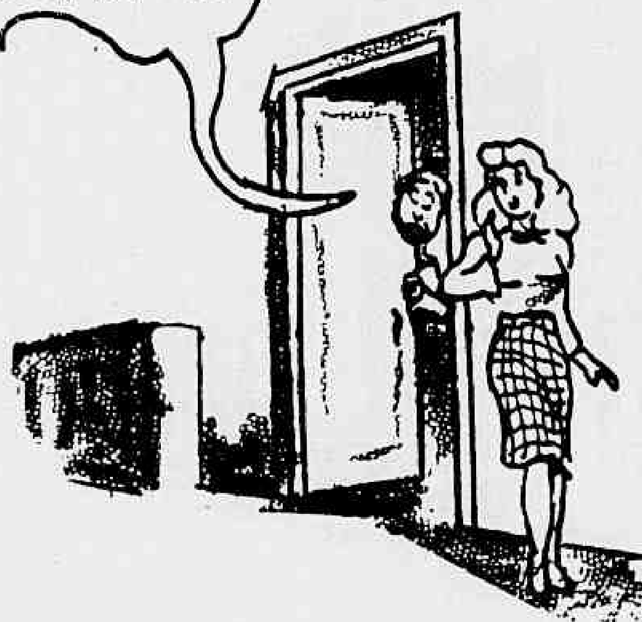
DELÍCIAS CARIOCAS
5 - As domésticas

CRIAÇÃO DE DARCY



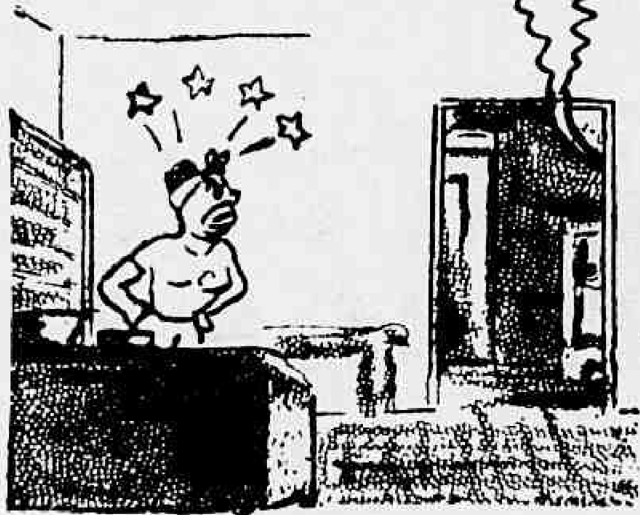


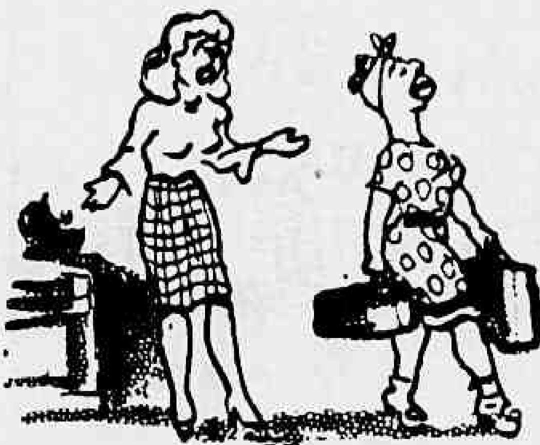














A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo entre 20 e 26 de junho de 1953
(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — Os negócios profissionais vão ser encaminhados com tôda facilidade. O novo período será favorável às suas iniciativas e lhe proporcionará um rendimento maior no seu trabalho.

TOURO (21/10-20/11) — Não se antecipe em qualquer sentido nem procure andar à frente dos acontecimentos. Em trocados, isto quer dizer: não tenha pressa, reflita bem no que tiver de fazer e conte até dez, antes de agir.

GÊMEOS (21/11-22/12) — Não alimente a amizade ou amizades que fizer, de modo imprevisto, na próxima semana. Tais relações serão danosas aos seus interêsses futuros e se converterão numa fonte de constantes aborrecimentos.

CÂNCER (23/12-20/1) — Negócios novos e relações proveitosas darão um rumo diferente às suas atividades. Não descure da saúde nos próximos sete dias nem se entregue a excessos de qualquer natureza.

LEÃO (21/1-20/2) — Sua paz doméstica estará ameaçada, principalmente nos dias 22 e 25. Seja tão discreto quanto possível. Os intrigantes o escolherão para vítima, envenenando-lhe a ambiência do lar.

VIRGEM (21/2-22/3) — Poderá agir com a necessária desenvoltura, indo mesmo, além do que ordinàriamente lhe é permitido. Durante os próximos sete dias estará sob os melhores eflúvios astrais.

LIBRA (23/3-20/4) — Continue impondo sua vontade. No seu caso, a boa ambiência dos astros não sofrerá modificação. Suas atividades continuarão bem amparadas. Aproveite.

ESCORPIÃO (21/4-20/5) — A semana entrante não lhe oferecerá uma boa margem de lucro nos negócios que empreender. O melhor, no seu caso, é ficar alheio às especulações, até que uma fase melhor lhe seja oferecida.

SAGITÁRIO (21/5-23/6) — Os negócios imobiliários serão um campo magnífico para a inversão das suas disponibilidades. Nesse setor tudo lhe será facilitado. O período será de chance nos negócios profissionais.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — Os reumáticos atravessarão um período muito favorável de cura. Devem aproveitar a chance, intensificando o tratamento a que estiverem submetidos. A situação, em geral, será satisfatória.

AQUÁRIO (23/7-21/8) — Sua capacidade de produção vai ser aumentada, refletindo-se tal circuntância sôbre a situação financeira. Haverá, a êsse respeito, uma folga bem sensível. Aproveite a chance para equilibrar seu orçamento.

PEIXES (22/8-20/9) — Sua posição diante dos astros estará completamente modificada e, felizmente, num sentido favorável. Haverá melhoria nas relações com os parentes e possibilidades para uma melhor remuneração do seu trabalho.

Os Nomes da Semana

Junho 20 — Roberto — Ângela
" 21 — Oscar — Zélia
" 22 — Ricardo — Nirlei
" 23 — Márcio — Juliana
" 24 — George — Fátima
" 25 — Valdir — Mirta
" 26 — Elísio — Nilse.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol. Meio-dia de Greenwich . . . . . .

Jun.	20	28º 50'48"	(Sig. dos Gêmeos)
"	21	29º 48' 4"	(" " ")
"	22	0º 45'18"	(" do Câncer)
"	23	1º 42'31"	(" " ")
"	24	2º 39'44"	(" " ")
"	25	3º 36'56"	(" " ")
"	26	4º 34' 9"	(" " ")

JANELA SOB



TITO, chefe do Estado iugoslavo, acaba de visitar a Inglaterra, onde conseguiu estabelecer bases para melhorar as condições de intercâmbio comercial com a nação inglêsa. Logo depois de sua chegada à terra natal, houve demarches para que as relações entre seu país e a URSS e seus satélites também fôssem restabelecidas. Parece, pois, que sua ida à Inglaterra teve maior amplitude do que dava a entender à primeira vista. Mas uma contrariedade experimentou o chefe da Iugoslávia: ao regressar muito contente pelo êxito obtido no campo internacional, soube que o seu cão «Tigre» estava com uma pata ferida. Tito não se cansou de afagar seu amigo fiel, tratando-lhe o ferimento, amorosamente. Ao lado, a espôsa e o filho.

- O presidente da Coréia do Sul, Sigman Ree, declarou que sua pátria concordará com a proposta de armistício apresentada pelos Estados Unidos aos sino-coreanos, se, em troca, o govêrno de Washington firmar um tratado de assistência.

- Prossegue a luta entre tropas regulares francesas e os rebeldes do Viet-Nam, havendo os franceses cortado vias férreas que servem de abastecimento aos comunistas na zona de Annam. Também muitos juncos vermelhos foram afundados.

- Grandes e copiosas chuvas cairam em Londres no dia 1 de junho, estando o tempo ameaçador, comprometendo o brilho das festas da coroação de Elizabeth II, mas o povo não se deixou entibiar pelo mau tempo e encheu as ruas da capital.

- O sr. Foster Dulles, em discurso pelo rádio, bordou muitas considerações sôbre a política dos Estados Unidos no Oriente Próximo e no sudeste da Ásia, advertindo o govêrno sôbre a necessidade de agir com prudência, mais eficientemente.

- Às 12,33, hora de Londres, o arcebispo de Canterbury colocou a coroa sôbre a cabeça de Elizabeth II. Logo que as trombetas anunciaciaram o sensacional acontecimento, tôda a capital inglêsa foi sacudida por intensas aclamações.

- Durante a noite do dia 2 de junho foram travados violentos combates, tendo os sino-coreanos conquistado dois postos avançados no setor da colina da Âncora. Unidades sul-coreanas se preparavam para recuperar o terreno perdido.

O PAVOR DO CANCER

Está aberta à visitação pública, no térreo do edifício Municipal, ali no comêço da Avenida Treze de Maio, uma das mais terríveis exposições: a do que o câncer pode fazer em organismos humanos. O objetivo clínico está muito bem programado, mas, segundo pode o observador verificar, quase tôdas as pessoas que vão ver de perto a calamidade, saem convencidas de que estão prêsas do pavoroso «caranguejo» devastador. Não sabemos se há outro meio menos cruel para educar o povo em matéria de câncer: mas seria o caso de tentar-se coisa mais suave.

QUEM DISSE ISSO?

1 — Nunca faltarão amigos a quem de nada precisa.

2 — A amizade é o amor sem asas.

3 — Na amizade nada deve ser fingido ou falso.

4 — Não há nada melhor do que a vida de solteiro.

5 — O melhor partido que se pode seguir contra a calúnia é desprezá-la.

(Respostas na pág. 41)

RE O MUNDO

QUINHENTOS MILHÕES

A opinião pública ainda está interessada no caso da dissolução da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. Como todos vimos pelas notas oficiais, o caso não teria a importância que se queria dar, vendo na extinção daquele órgão, a suspensão dos empréstimos em andamento. Procura agora o govêrno dos Estados Unidos, contornar as dificuldades e servir o Brasil, deixando fluir o caudal de dólares destinados ao nosso desenvolvimento econômico. Mas, — pergunta-se — virá mesmo o empréstimo, ou se procura um meio de chorar na cama que é lugar quente?

O DRAMA DE ADALMAIR

Lembra-se leitor? Trata-se daquela fiel de tesoureiro, da Agência Postal-Telegráfica de Botafogo, que, em setembro de 1952 fôra denunciada como autora de um desfalque de cem mil cruzeiros. A funcionária, de 35 anos, casada, sòmente agora compareceu à justiça para o prosseguimento do processo penal. Ela se mostra surpreendida, pois o desfalque foi coberto pela fiança, e sustenta que não furtou e sim perdeu o dinheiro. Mas não perdeu apenas os cem contos, e sim, o marido, que a abandonou, e o emprêgo do qual ia vivendo calmamente.

● O govêrno francês acaba de conceder anistia a 38 criminosos de guerra japonêses das categorias "B" e "C" e cumprindo pena na prisão de Sugamo. O fato foi anunciado oficialmente pelo govêrno de Tóquio após cientificado pela França.

● Grupos de "Mau Mau" voltam a cometer atrocidades em Quênia. A polícia surpreendeu vários dêles e lhes deu caça, matando vinte. A situação da localidade de nome Meru está piorando cada vez mais em virtude da audácia dos fanáticos.

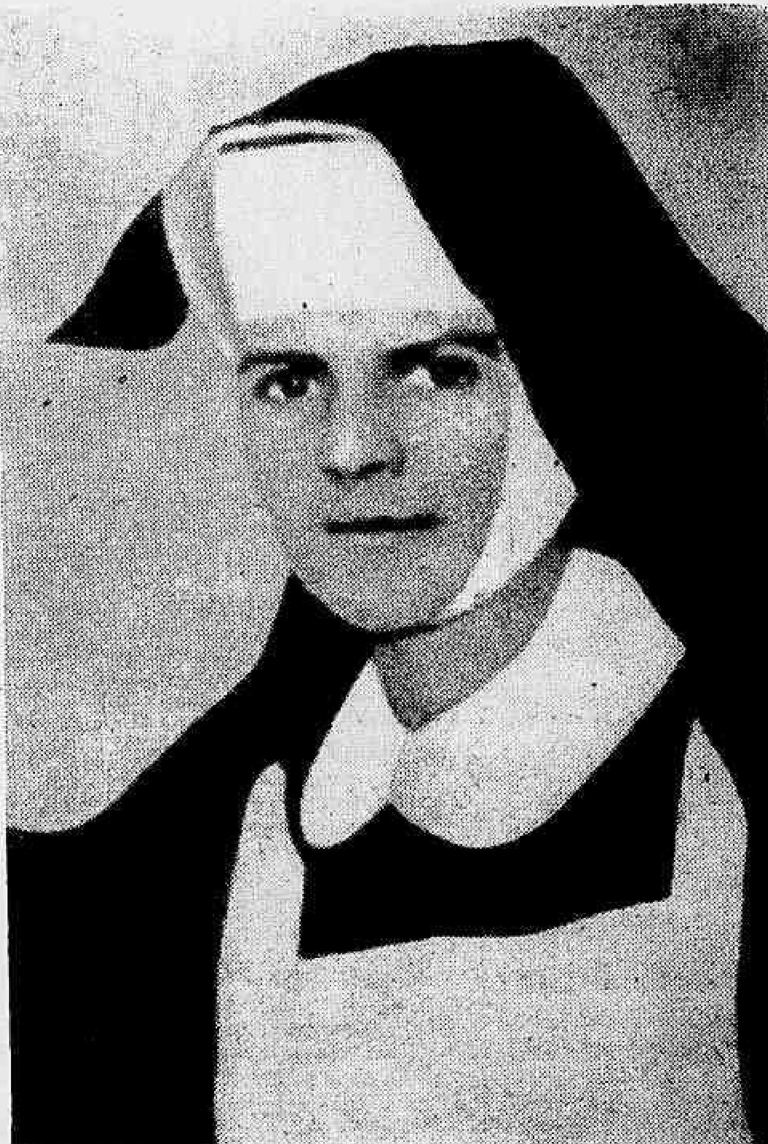
● Alguns órgãos da imprensa norte-americana têm-se ocupado do empréstimo feito pelos Estados Unidos ao Brasil, no total de 300 milhões de dólares, suspeitando de que estejam servindo para fins ilícitos de comércio cambial.

● Durante as comemorações do "Memorial Day" que terminaram a 1 de junho, morreram por acidentes vários, 385 pessoas. Segundo as estatísticas, sòmente em desastres de rua faleceram nada menos de 241 pessoas. Todos os anos é a mesma tragédia.

● O sr. Foster Dulles fêz ver ao general Naguib, do Egito, que, se aquêle país não solucionar suas diferenças com a Inglaterra de forma amistosa, os Estados Unidos não fornecerão nenhum auxílio ao Egito nem o apoiará em caso de dificuldades.

● Notícia sensacional para os alpinistas: a expedição britânica acaba de atingir o cimo do Everest, o chamado "Telhado do Mundo". Se tal notícia fôr confirmada, será a primeira vez que sêres humanos conseguem tal façanha.





AMAVA UMA FREIRA — Paolo Domasi é um italiano de trinta e sete janeiros, o qual, tendo saído de sua terra, em 1948, fôra trabalhar em Florange, na França, perto da fronteira com o Luxemburgo. O operário, contra tôdas as expectativas, veio um dia a apaixonar-se pela religiosa irmã Denise, sem imaginar que uma união, mesmo pelo matrimônio, era impossível. A irmã Denise, cujo nome civil é Amélia Dolisy, não podia aceitar a côrte do italiano e não lhe dava a menor esperança. No dia 14 de abril último, Paolo Domasi, atormentado pela mórbida idéia de unir-se com a freira, e vendo ser impossível, vai falar-lhe, mata-a com dois tiros e, virando a arma contra si, dá ao gatilho. Cai ao solo, mas o ferimento na cabeça, embora grave, talvez não o leve à sepultura.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE DESTES

1—De quantos ossos se compõe o esqueleto humano:
— 208 ?
— 300 ?
— 181 ?

2—Quem foi o maior bailarino do mundo:
— Arturo José ?
— Nijinsky ?
— Ferrari ?

3—Quem foi Aspásia:
— A mulher de Nero?
— A mãe de Sócrates?
— A espôsa de Péricles?

4—De quantos metros é a inclinação da famosa tôrre de Pisa:
— Dez?
— Três e meio?
— Quatro e trinta centímetros?

5—Em quantos anos foi construido o Canal do Panamá:
— Dez?
— Quinze e oito meses?
— Cinco e meio?

6—Qual o vulcão que destruiu Pompéia:
— O Etna?
— O Stromboli?
— O Vesúvio?

7—De que metal é a cadeira do Papa:
— Prata?
— Ouro?
— Aço?

8—Como se chama a cidade sagrada do bramanismo:
— Benarés?
— Meca?
— Cabala?

9—De que Estado era o grande escritor brasileiro Sílvio Romero:
— Maranhão?
— Pernambuco?
— Sergipe?

10—Qual o último pôrto navegável do baixo S. Francisco, subindo o rio:
— Piranhas?
— Pão de Açúcar?
— Entre-Montes?

11—Quantas foram as vítimas da bomba atômica sôbre Hiroshima:
— Trinta mil?
— 110 mil?
— 55 mil?

12—O helicóptero é invenção:
— Americana?
— Espanhola?
— Turca?

13—Qual a cidade de cêrca de 500 mil habitantes, que não possui automóveis:
— Veneza?
— Málaga?
— Rangon?

14—Que produto industrial resulta da fusão de: areia sílica, carbonato de potássio, carbonato de sódio, sulfureto de potássio, sulfato de sódio, óxido de ferro, óxido de cálcio, carbonato de cálcio, óxido salino de chumbo, alumina e barruta:
— Cimento?
— Alvaiade?
— Vidro?

15—Quantos minutos gasta a luz do sol para chegar à Terra:
— Trinta?
— Oito?
— Quinze e meio?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Cont. na pág. 41)

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

CLEÓPATRA

Por ALMERICO RIBERA

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

O ORIENTE estava em chamas. As vitórias e as derrotas se alternavam. Ora suscitavam grandes esperanças, ora provocavam profundos desânimos. Em Roma, Otávio, alerta, pesava os defeitos e qualidades de seu maior rival. Dêles se serviria para seus obscuros fins. Conspirando na sombra, tirando vantagem das fraquezas dos outros, reforçava suas próprias posições para se desfazer do pouco temido Lépido e do muito embarassante Antônio.

Êste, excessivamente crédulo, não percebia os perigos a que se atirava. Dominado pela rainha, aprisionado na vertigem da imoderada ambição feminina, preparava-se para realizar um plano já combinado com Cleópatra desde sua primeira estada em Alexandria. Segundo êsse plano, o Império Romano se transformaria em monarquia oriental, com a capital de Alexandria. O intervalo conjugal, com Otávia, parecera destruir as ilusões de Cleópatra. A volta de Antônio puzera de novo no tabuleiro tôdas as suas doidas esperanças.

Enquanto Antônio, porém, perdia tôda sua fôrça de vontade, transformando-se em brinquedo nas mãos da rainha, seus oficiais, com louvável energia, conseguiam deter os avanços dos partas. Reclamavam, porém, a presença do general e o seu comando. Êste empreendeu uma expedição contra aquêles inimigos obstinados quando a ocasião se apresentou propícia: a rebelião do povo parta contra seu rei Fraate. O engenhoso plano de ataque, porém, por êle mesmo delineado, levou-o, através a Armênia, a países desconhecidos e hostis. A expedição se transformou num melancólico insucesso, durante um inverno rígido, em condições dolorosamente adversas.

Cleópatra, porém não se dava por vencida. Ébrio, incapaz de raciocinar, êle criava para ela novos reinos; reconhecia os filhos que dela tivera (que agora já eram três); e, ajudado fugazmente pela sorte, conquistava a Média. O triunfo dessa vitória celebrou-o em Alexandria. Roma sentiu a ofensa como uma punhalada, cuja ferida Otávio procurou manter bem aberta, satisfeito com os erros de Antônio que, dia a dia, se tornavam mais graves.

Cada apaixonada concessão amorosa de Cleópatra tinha por compensação a satisfação de um seu capricho. Isso acontecera algum tempo antes, quando sua irmã, Arsinoé, fugida de Roma — e por isso mesmo um perigo para ela — fôra mandada matar por Antônio, no templo de Artemis. Assim acontecia, agora que ela desejava para si um grande reino. Antônio organizou uma federação de reinos orientais e como chefe colocou a rainha, considerando o filho que ela tivera de César como tendo direito à descendência.

Cleópatra, porém, também se embriagara demais e a embriaguez já não lhe permitia medir os passos que dava. Otávio se erigiu em vingador da integridade política e moral de Roma e decidiu agir.

★

Otávia — digna de melhor sorte — passando por cima de seu orgulho de mulher, assim que compreendeu que a sorte do marido estava para ser decidida, expressou a Otávio, seu irmão, o desejo de encontrar-se com Antônio, para uma extrema tentativa de reconciliação. Otávio consentiu; não tanto para agradar a irmã, mas porque, sendo ela mais uma vez repelida e ofendida, teria êle mais um motivo para declarar guerra ao cunhado. Chegando em Atenas recebeu Otávia uma carta de Antônio em que êsse — pretextando a organização de nova expedição guerreira — ordenava-lhe que não prosseguisse. Ela, humilhada, escreveu-lhe perguntando onde entregaria tudo que lhe trouxera: «consiste em grande quantidade de vestimentas militares, animais de carga, dinheiro, muitos presentes para o general e dois mil homens escolhidos, armados, magnìficamente como pretorianos».

Quando Cleópatra soube dessa tentativa começou a temer Otávia por sua grandeza moral e sua dignidade de mulher. Como Antônio parecesse deprimido por secretas nostalgias resolveu vencer mais uma vez com as armas que lhe ditava a falsidade de seu temperamento. Recusou comer, fingiu-se doente, soube desmaiar na presença de Antônio, encenou desgarramento semelhantes à loucura. Enquanto isso, seus cortezãos (por ela instruídos para tal) exprobabam a Antônio o não amá-la bastante e querer abandoná-la — para organizar a expedição contra os medas — mesmo sabendo que, longe dêle, ela morreria.' Para servir à rainha não titubeavam em comparar a situação de Otávia, mulher legítima, porém, aceita por engano, por interêsses pesosais, com a de Cleópatra, concubina voluntária impelida pelo grande amor que por êle sentia.

> **CAPÍTULO III**
>
> **Resumo do capítulo anterior:**
>
> Cleópatra, depois de ter seduzido César com sua beleza oriental, apaixona-se por Antônio, afastando-o de sua verdadeira espôsa Otávia, e de seus deveres para com o Império Romano.

Ela tentou o supremo desafio à mulher que Roma admirava, como havia admirado à mãe dos Gracos. Segundo seu plano diabólico, era preciso levar Antônio a romper tôda relação com seu cunhado e arrebentar das mãos de Otávia as armas de que se valia: o seu profundo apêgo a Antônio, o generoso carinho para com os filhos dêle, a honrada austeridade de sua vida e sua grandeza moral indiscutível. Para derrubar uma rival de tal estatura seria preciso que o assalto, aparentemente dirigido contra ela, ferisse, por reflexão, o irmão. Antônio, na realidade, não se animava a declarar guerra a Otávio. Quando, porém, a ameaça viesse dêste, e fôsse lançado o desafio, não haveria mais possibilidade de se evitar o conflito. Com êsse plano em mente, ela enfrentou a grande rival, com quem manteve um colóquio dramático.

Chegou à noite em Atenas e fêz-se conduzir até a casa de Otávia. A cidade estava envôlta em silêncio. De espaço a espaço, apenas, as trevas eram rompidas pela solitária tocha de um passante. Otávia velava, sob a luz desmaiada de uma lanterna. Junto a ela estavam duas servas fiéis.

Quando a porta repentinamente se abriu ela se levantou de chofre e viu Cleópatra que avançava ousadamente. Otávia nunca a vira antes. Com a sensibilidade sutil e penetrante que têm tôdas as mulheres, compreendeu imediatamente, porém, que se encontrava diante da rainha do Egito.

— Que queres aqui? Que queres de mim?

— De ti, nada.

— Porque vieste, então?

— Pela vontade de conhecer-te e dizer-te pessoalmente que qualquer tentativa de recuperar Antônio é vã...

— Tua prsença aqui é a confissão de tua impotência, Cleópatra. Sabes bem a que tênues fios está prêsa a triste paixão de Antônio por ti, paixão que alimentas com tua luxúria desenfreada. Temes a hora em que êle há de acordar. Sabes bem que, entre a doçura serena e segura de uma espôsa e a vertigem sensual de uma amante, cêdo ou tarde, todo homem acaba vendo claro e fazendo sua escolha. Antes há de abrir os olhos e se afastará horrorizado do abismo em que queres fazê-lo cair.

— Esta tua segurança, esta tua fé obstinada, eu as pisarei a meus pés!

— Como poderás fazê-lo?

— Sou Cleópatra. Sou rainha de cem cidades. Sou mais forte que tu e que teu cruel e ambicioso irmão. Não me deterei até que êle tenha a cabeça enfiada na ponta de uma lança. Tu, Otávia, tu, a casta Otávia, desfilarás nua, como uma escrava a venda, atrás de meu carro triunfal.

— Se isso acontecesse Cleópatra, por um destino adverso, a minha nudez se velaria de tanto pudor que, para não contaminá-la, o povo cerraria os olhos à minha passagem. Ao contrário, se acontecesse ue César Otávio, devesse arrastar-te atrás de seu carro não seria preciso desnudar teu ventre para mostrar os desejos infames que encerra; êstes estão em teu rosto, em tua bôca, em teus olhos. Nossa sorte, está, porém, nas mãos dos Numes.

— Então, reza a teus Numes, para que te salvem de meu ódio e de minha vingança!

Otávia cerrou os lábios para não responder e fechou os olhos para não ver.

Cleópatra saiu de cabeça erguida, lançando chamas dos grandes olhos negros. Sentiu, porém, que não conseguira nada do que esperava.

★

Antônio já estava desorientado, entre tantos acontecimentos, e caminhava, inconsciente mas fatalmente, para o precipício que o havia de tragar. Sua conduta fazia com que os próprios amigos se virassem contra êle: condenavam-lhe a excessiva debilidade, a conseqüente perda de todo equilíbrio mental e a incapacidade de reagir às insídias de Cleópatra. Esta, já no caminho de sua perdição, continuava a desafiar Roma e a paciência de Otávio, através a cega obediência de Antônio.

Quando em Roma se soube da divisão do Império do Oriente, feita em Alexandria, a indignação atingiu o climax. No ginásio foram erigidos dois tronos de ouro, sôbre um estrado de prata: um para Antônio outro para Cleópatra. Em volta, outros tronos menores para os filhos. Diante de uma multidão imensa, congregada de tôdas as partes pelos arautos da rainha, Antônio declarou Cleópatra rainha do Egito, de Chipre, da Líbia e da Cirenáica, indicando-lhe como companheiro e govêrno a Cesariano. Depois, conferiu ao próprio filho, Alexandre, a Armenia, a Média e a terra dos partas, ainda não submetida, elevando-o à dignidade real. Ao outro filho, Ptolomeu, deu a Fenícia, a Síria e a Cilícia. A cerimônia foi faustosa: banquetes, distribuição de dinheiro e de odres e mais odres de vinho, para que a plebe, embriagada, perdesse qualquer possibilidade de raciocínio. Durante três dias as bacanais de

(Cont. na pág. 58)

O PREÇO DOS



«Getúlio Vargas, Estadista, Orador, Homem de Coração», de Zoláquio Dinis, vale um cruzeiro, o preço de um prospeto com 100 anedotas de Bocage.

DONOS DA LITERATURA...

Reportagem de MENDES FRANCO

Fotos de A. VIEIRA

NUM país com 51.000.000 de habitantes, incrível como pareça, existem menos de 5.000 bibliotecas, mais da metade, apenas, com 1.000 volumes. Note-se que o Govêrno Federal tem várias editôras e criou o Instituto Nacional do Livro, sem dúvida, uma bela peça decorativa.

O livro no Brasil é mercadoria de luxo, cujo preço é proibitivo.

Não existe uma iniciativa oficial no sentido de barateá-lo, em particular, os didáticos, que custam os olhos da cara dos pais.

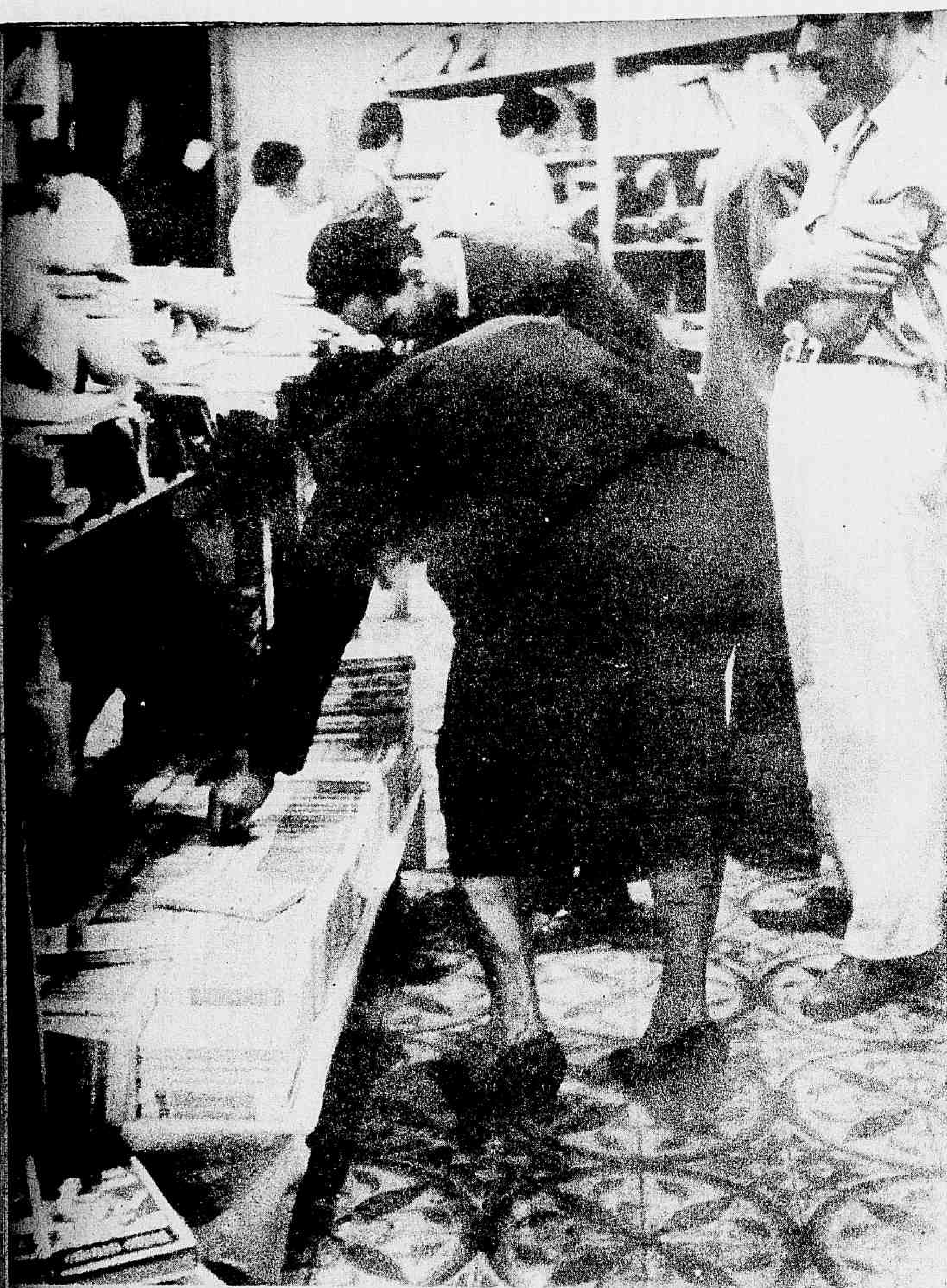
Os movimentos particulares, por falta de apoio dos poderes públicos, não vingam. Os «Clubes de Livros» surgem e desaparecem do dia para a noite. Apenas, em São Paulo, o «Saraiva» conseguiu vencer, agrupando 40.000 sócios.

> Cotação baixa para os membros da Academia Brasileira de Letras —— Desinterêsse pelos documentários políticos nacionais —— Assuntos prediletos: Religião e Obscenidade —— Os que não têm preço —— Uma obra de fachada

Na Capital Federal, por exemplo, o editor do presidente Getúlio Vargas, o conhecido José Olímpio, instituiu o «Club do Livro Selecionado», com sorteios de rádio, geladeiras, batedor de bôlo, enceradeira, etc., visando atrair leitores.

Raramente uma edição ultrapassa 5.000 exemplares, dos quais 10% são dados aos críticos e amigos, coisa que não acontece no mundo inteiro. Isto, infelizmente, ocorre numa época em que «O General do Rei», de Daphne Du Maurier, atinge a 1.295.000 exemplares nos Estados Unidos, contra 1.270.000 de «Perdidos por Amor», de Taylor Caldwell.

Praga, a capital tcheca, com pouco mais de 1.200.0000 habitantes, tem 842 livrarias. No Rio acontece fato desta natureza: acabam com uma



Nada além de cinco cruzeiros! Gustavo Barroso, José Lins do Rêgo, Oto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet e outros donos de suplmenetos.



Autores desconhecidos, mais ou menos inédito, com ores de importantes, não têm preço. Êste é feito pelo freguês que paga o que quer.

Os «Ratos» e a «U.D.N.». Os dois volumes têm o mesmo preço: — seis cruzeiros. O público perdeu tod› o interêsse pelos documen-

O PREÇO DOS DONOS DA LITERATURA...



O ancião separou «Anos de Resistência» e pequena biografia dos Breves, família latifundiária que dominou o vale do Piraí. Custo: Cr$ 2,00.



Que lê êste octogenário? Na seção de 4 cruzeiros, olha «Um brasileiro na União Soviética», de José Campos, saído, há dois meses, em S. Paulo.

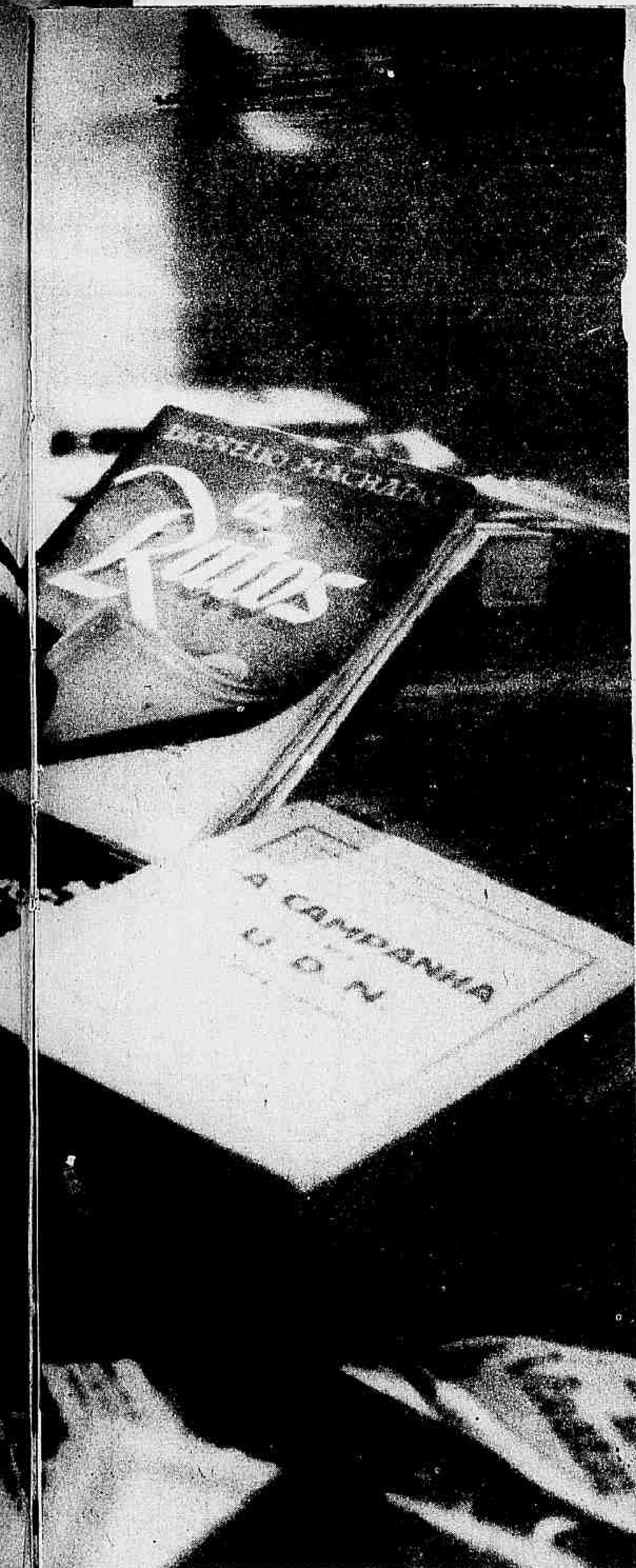
livraria e montam um boteco para vender cachaça.

Daí o espanto do homem que vive atrás de assuntos para os seus leitores, quando vê uma livraria substituindo um antigo cinema na Avenida Rio Branco, aliás, diga-se de passagem, um respeitável «poeira», o El Dorado.

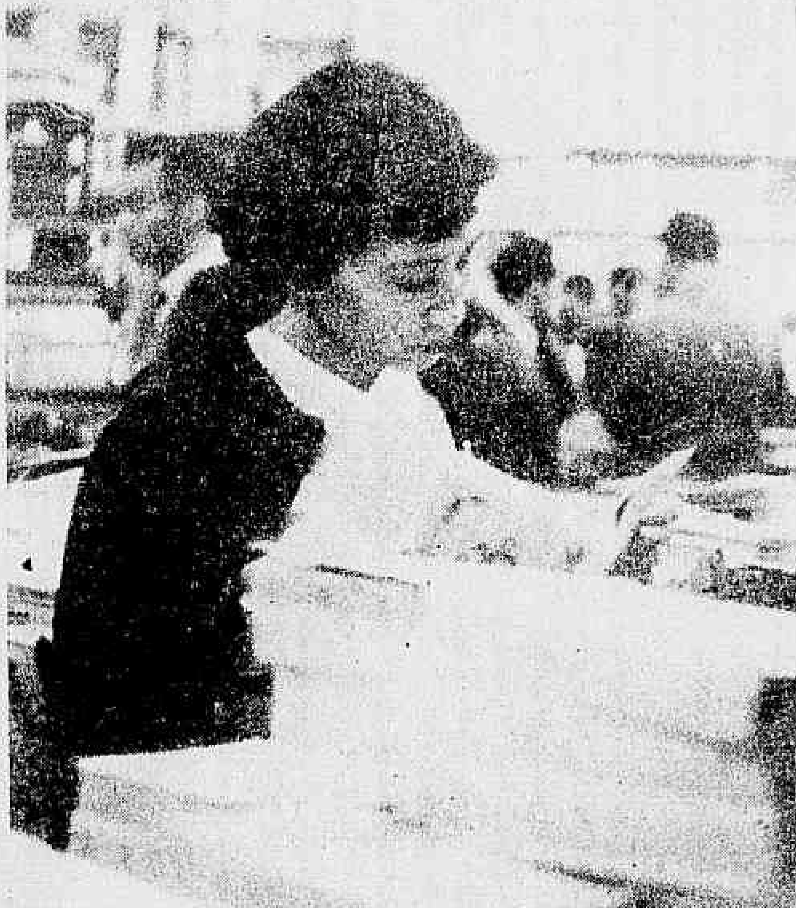
COTAÇÃO

60.000 livros estão sendo vendidos ao correr do martelo, inclusive volumes editados por emprêsas do Govêrno Federal, os quais deveriam ter sido distribuídos às minguadas bibliotecas do país, através do Instituto Nacional do Livro, cuja obra é de fachada, sem nenhuma profundidade. Naturalmente que o comerciante tem interêsse de comprar barato para vender tudo por preços baixos, ao alcance das bôlsas menos afortunadas.

Não existe uma especialização e a casa não recebe a visita dos chamados expoentes da literatura e do jornalismo... E' coisa modesta, com prateleiras de pinho e livros aos montões, jogados ao chão. Quanto vale um José Lins do Rêgo, um Ataulío de Paiva, Gustavo Barroso, Catulo, um Padre Leonel Franca, Oto



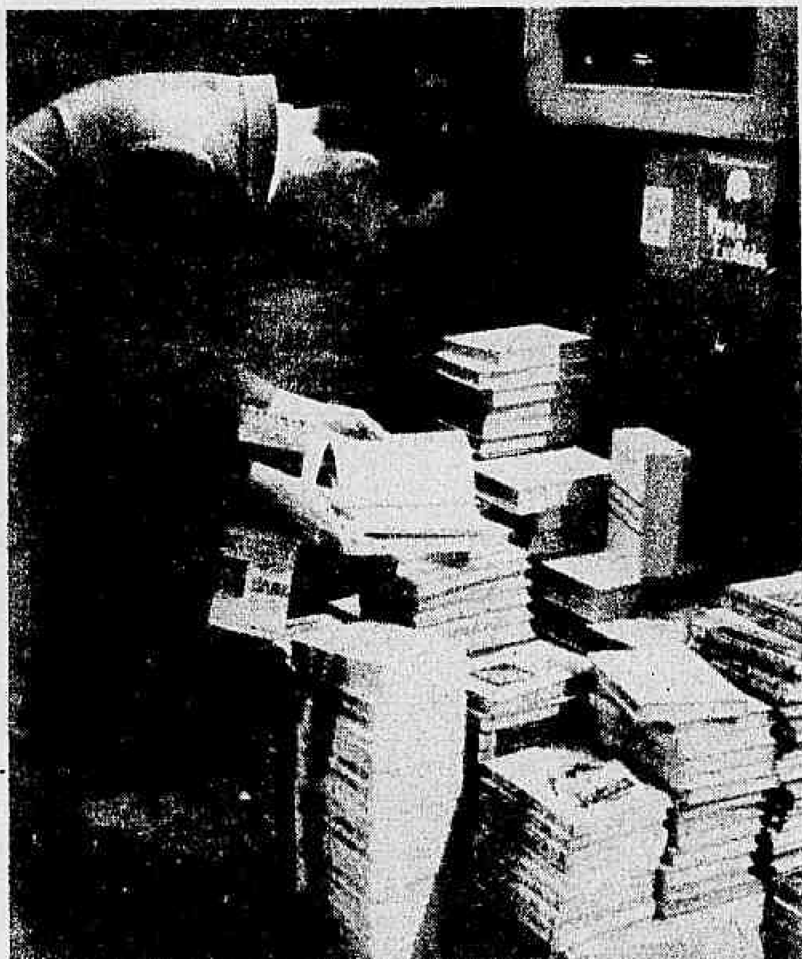
tários políticos. Aqui tem de tudo: religião, literatura, arte de emagrecer e ensino técnico. Os jovens preferem os livros de amor.



A moça aprecia a literatura água com açúcar de Gilda de Abreu e folheia a vida religiosa de Júlio Louzada. Preço dos dois livros: Cr$ 2,50.



O jovem estudante busca um tratado de química e física que custa 350 cruzeiros. O preço do ensino na Capital Federal está pela hora da morte.



Kravchenko, autor de «Eu Escolhi a Liberdade», está ao lado de «Como manipular remédios caseiros». Não tem cotação. Valia: Cr$ 60,00.



O único cidadão que comprou um livro de versos do consagrado poeta Manuel Bandeira, membro da Academia de Letras. Preço: Cr$ 10,00. Barato?

Maria Carpeaux, Sérgio Milliet? Isto varia muito...

«Getúlio Vargas, Estadista, Ação e Coragem», de Zoláquio Diniz, está na tabela de um cruzeiro. Gustavo Barroso, o membro da Academia Brasileira de Letras mais condecorado, tem «Liceu do Ceará» e «Consulado da China», preço: Cr$ 5,00. São seus companheiros de cotação o crítico literário Oto Maria Carpeaux, com «Origens e Fins», o deputado Altamirando Requião, autor do famoso soneto «Mãe»; Viana Moog, também, acadêmico, com «Mensagem de uma geração». A poesia de Manuel Bandeiro e a literatura de Ataulfo de Paiva não têm freguêses. (Ambos são da Academia). Hernani de Irajá, com o seu «Sensualismo na Arte» anda muito por baixo: Preço: 6,00.

OBRAS RELIGIOSAS

O público não demonstra interêsse por determinados depoimentos históricos, em particular, nacionais. «A Campanha da U.D.N.» e os «Ratos», de Dionélio Machado estão no mesmo plano: Cr$ 4,00. Ribeiro Couto, outro acadêmico e que vem de regressar ao Brasil,

(Cont. na pág. 38)



As obras espíritas têm grande procura e são vendidas por preços razoáveis. Êste cavalheiro compra o guia da religião de Alan Kardec.



C. de Araújo, o único jornalista brasileiro que fala corretamente o sueco, busca uma obra de Dostoiewsky. Os seus livros são muito vendidos.



Sensacional disparo do primeiro canhão atômico, quando o Exército norte-americano o experimentava no campo de provas de Nevada. O projétil qu

LOGO que foram fabricadas as primeiras bombas atômicas, duas delas aplicadas em plena guerra contra o Eixo, em cidades japonêsas as autoridades militares americanas se voltaram para **um** problema que se lhe afigurava dos mais sérios: a fabricação de armas e munições nucleares, sob os mesmos princípios científicos das bombas de Nagazaki e Hiroshima. A 25 de maio último, foi anunciada a experiência pela Comissão de Energia Atômica: «Um projétil nuclear, disparado de um canhão de 280 milímetros explodiu esta manhã, sôbre a «Meseta do Francês». O teste, além de conter a parte militar pròpriamente dita, foi realizado também com o fim adicional para estudar-se o efeito da arma em suas conseqüências de natureza civil e diagnose nuclear, bem como, para poderem as fôrças armadas orientar com segurança e eficiência o treinamento dos soldados. Para que pudessem observar o acontecimento em todos os seus detalhes, foram construídas trincheiras a cêrca de cinco mil jardas do local da explosão. Mais de três mil oficiais e soldados das Fôrças Armadas puderem ver a prova, deixando de intervir a aviação a jato, em virtude do mau tempo reinante na base aérea de Indian Springs. Os aviões teriam como programa atravessar a nuvem atômica, colhendo-se depois os resultados práticos. Mas essa parte foi cancelada pelos motivos explicados. A cidade de Las Vegas, que está a cento e vinte e cinco quilômetros de distância em linha reta, do local da experiência, pôde ver a coluna de fumaça e a reverberação nuclear, parecendo ter sido a nuvem formada depois, a maior de quantas já foram admiradas com resultado das vinte e nove explosões levadas a efeito até agora naquela zona. A experiência veio também provar os progressos que os Estados Unidos já ancançaram no campo das armas atômicas, estando na dianteira do mundo. Os que estavam presentes ao disparo, viram um rasto de fogo sair da bôca do canhão, espalhando seu resplendor de intensa luz, formando-se a seguir grande nuvem de fumarada sulfurosa de tons amarelados em frente à peça de artilharia. O projétil foi arremessado a umas sete milhas de distância indo explodir, segundos depois, a cêrca de cento e cinqüenta metros de altura sôbre hipotética concentração de objetivos militares do inimigo, entre os quais figuravam um trem e uma ponte ferroviária. A explosão iluminou uma área considerável e o vivíssimo relâmpago que denunciava a deflagração cronométrica. Tôda a populaço daquela zona se interessou pelo teste, e os testemunhos dos habitantes de Las Vegas, registra, que êsse disparo provocou a maior nuvem atômica dentre as vinte e nove bombas já anteriormente experimentadas no mesmo local. Está o Exército norte-americano, portanto, com a mais poderosa arma de guerra da história da humanidade. Embora não haja perigos imediatos, os Estados Unidos não descuram de sua defesa e da defesa dos

países signatários de tratados internacionais
dizem, o atual govêrno americano prossegue
em prol de sua segurança, estando os cientis
voltados para a fabricação de engenhos de g
rimentado no deserto de Nevada. As pesqui
para estudos nos laboratórios das Fôrças Ar
não devem ser examinadas pelo lado estritar
efeitos nas populações civis, as radiações d
segurança nacional e pela saúde do povo,
intervir nos momentos precisos. Um das cur
enorme cogumelo formado pela fumarada que
terminou assim, e a coluna que ascendia aos
símbolo da explosão nuclear, já muito con
tanto estratégicos como de irradiação atômic
grêdo militar. Pode-se, porém, asseverar, q
absoluto sucesso pelas fôrças armadas dos
bala à distância prevista, seguindo-se o esp
minados. Uma simples granada desenvolveu
das de TNT, o mais violento e poderoso exp
estarão as Fôrças Armadas da grande repúbl
artilharia, com seus obuses atômicos tomando
foi encarado pelos comentadores autorizados
tratégia da guerra. Milhares de espectador
êles, mesmo os que já tinham do assunto un
atômico é qualquer coisa de fantástico, de
dos inimigos que ficarem sob a explosão de
calíptica do obus provoca, já é efeito capaz
a pedir armistício para a rendição. Além
raio de centenas de metros, a língua de
dora, tudo culminando com a explosão e se





A COROAÇÃO NO RIO

A exemplo do que sucedeu noutros países em que a Comunidade Britânica mantém suas representações diplomáticas, também no Rio foi condignamente festejada a data da coroação de Elizabeth II. Além da solidariedade do nosso govêrno, ordenando salvas de artilharia da esquadra e das fortalezas da Guanabara, no momento em que a coroa de Santo Eduardo descia mansamente sôbre a cabeça da Rainha, a Commonwealth na capital federal, ofereceu brilhante recepção à sociedade carioca, corpo diplomático, autoridades civis e militares, na noite de dois de junho, prolongando-se a festa até à madrugada do dia seguinte. Na gravura que aqui estampamos, vemos um detalhe da ornamentação do «buffet» da Embaixada Inglêsa, onde se realizaram as solenidades em homenagem à grandeza do Império Britânico, firmado na solidez multi-secular de suas tradições. Em nossa próxima edição publicaremos reportagem completa dêsse acontecimento, o que deixamos de fazê-lo agora, por absoluta falta de espaço.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, apaixonara-se por Ana Avícia, filha de uma ex-noiva do mesmo. Pierston já estava com seus 40 anos de idade, quando viu a segunda Avícia, jovem de pouco menos de vinte primaveras. Indo à terra natal, uma povoação que também era o berço de Avícia, êle convidou-a para vir servir em sua casa em Londres. Avícia era de cultura rasteira, e ganhava a vida lavando e engomando para terceiros, o contrário de sua mãe, uma mulher culta e de outros predicados sociais. Pierston, porém, com a mania de descobrir sua «Bem-Amada», ser puramente ideal, não sòmente desprezara sua noiva, como, em seguida, rompera diversos outros compromissos, terminando por ficar solteirão. Trazendo Avícia para seu apartamento, onde também estava instalado seu «atelier», êle se afligia com a indiferença com que ela recebia suas provas de afeto. Certa tardinha, mandou-a comprar selos do correio para uma correspondência, tendo a jovem, que não conhecia ainda a cidade, demorado muito, causando séria preocupação ao escultor, que saiu à sua procura, até encontrá-la. Ela explicou ter demorado porque andara procurando comprar uma ratoeira.



GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

DESDE TELEVISÃO A UTILIDTDES DOMÉSTICAS. MAIS DE DUAS CENTENAS DE EXCELENTES PRÊMIOS. VIAJE PELO BRASIL, COLANDO AS FIGURINHAS ABAIXO NO "ALBUM-REVISTA DA SEMANA" CONHEÇA NOSSO PAÍS E SE CANDIDATE AOS PRÊMIOS.



As figurinhas coloridas que deverão ser recortadas da REVISTA DA SEMANA e coladas no ALBUM, começaram a ser publicadas na REVISTA nº 12, de 21 de março de 1953, com os seguintes números: 156, 38, 76, 51, 102, 140, 57, 156, 7, 120, 15 e 39.

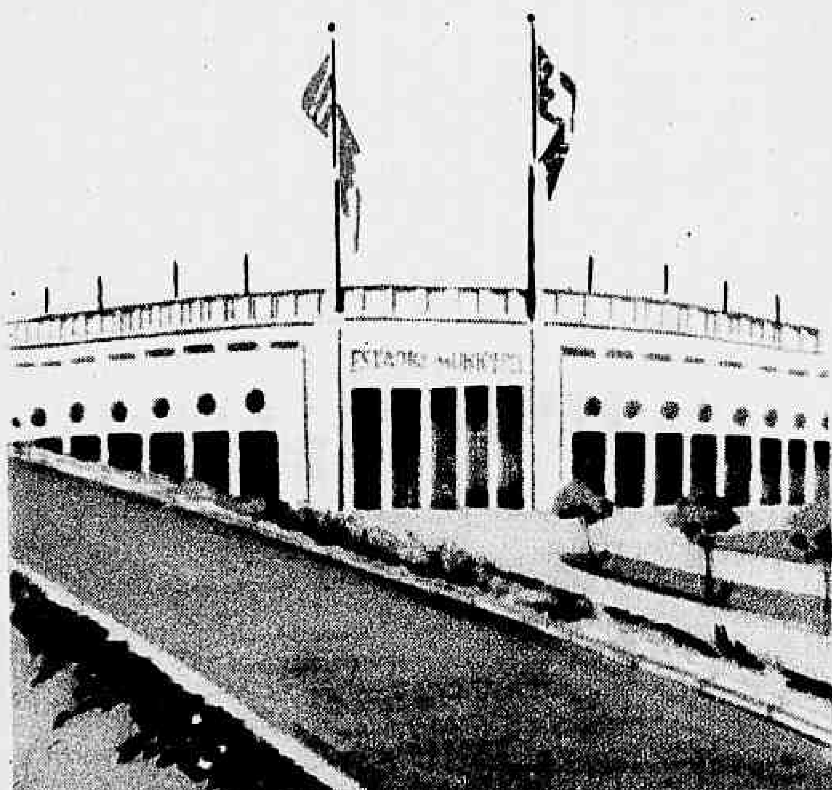
Daí por diante, foram publicadas as seguintes, até ao número presente:

Nº 13, de 28-3-1953: 32, 70, 142, 90, 72, 141, 123, 1, 86, 112, 25 e 114.
Nº 14, de 4-4-1953: 53, 92, 11, 127, 87, 34, 96, 20, 8, 144, 88 e 58.
Nº 15, de 14-4-1953: 29, 146, 26, 17, 3, 54, 94, 81, 134, 98, 4 e 22.
Nº 16, de 18-4-1953: 46, 68, 73, 19, 62, 37, 40, 64, 10, 153, 63 e 27.
Nº 17, de 25-4-1953: 2, 139, 44, 69, 115, 35, 75, 12, 85, 18, 42 e 131.
Nº 18, de 2-5-1953: 28, 154, 74, 60, 136, 82, 5, 100, 6, 113, 65 e 138.
Nº 19, de 9-5-1953: 16, 84, 83, 33, 103, 21, 23, 47, 13, 108, 121 e 36.
Nº 20, de 16-5-1953: 119, 67, 107, 97, 31, 55, 56, 111, 135, 99, 61 e 66.
Nº 21, de 23-5-1953: 79, 95, 59, 126, 49, 149, 78, 14, 104, 52, 30 e 152.
Nº 22, de 30-5-1953: 124, 43, 101, 122, 91, 9, 80, 106, 130, 132, 110 e 151.
Nº 23, de 6-6-1953: 41, 117, 128, 116, 89 e 137.
Nº 24, de 13-6-1953: 148, 24, 48, 77, 133 e 129.
Nº 25, de 20-6-1953: 50, 105, 93, 145, 71 e 118.

Quando não forem encontradas em jornaleiros, podem pedi-las à Companhia Editôra Americana, mediante selos do Correio ou Vale Postal. — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

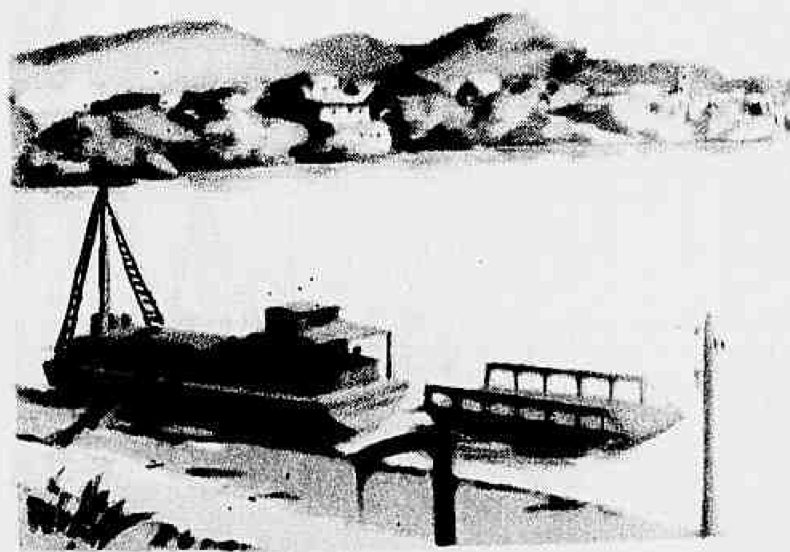
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. —— Rua Visconde de Inhaúma, nº 134 —— Rio de Janeiro.

50





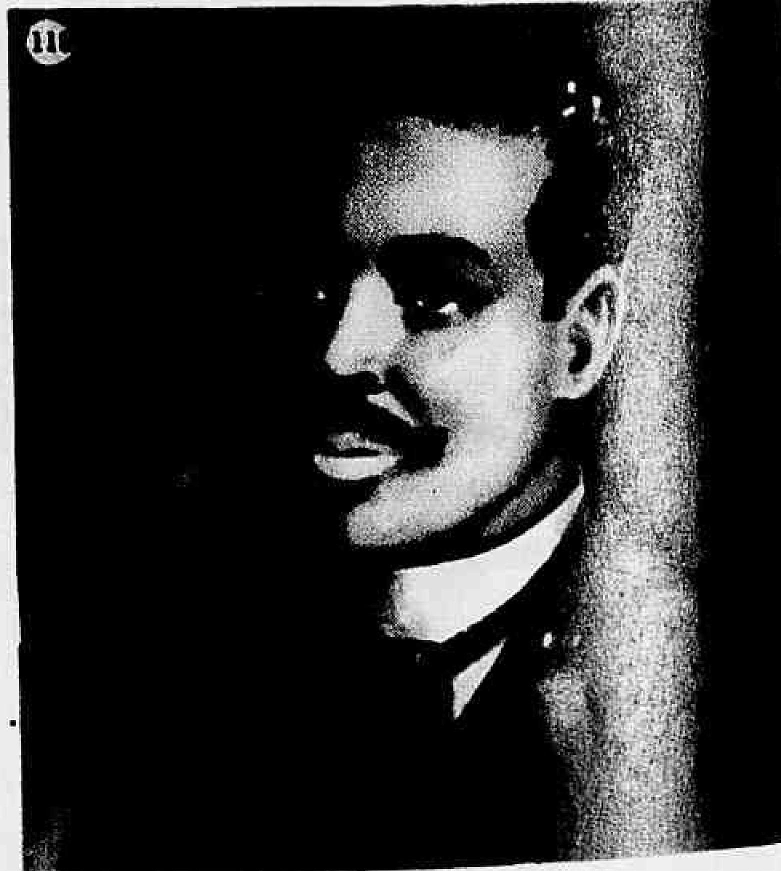
93





71





DISPARADO EM LAS VEGAS

O PRIMEIRO PROJÉTIL ATÔMICO DO MUNDO!

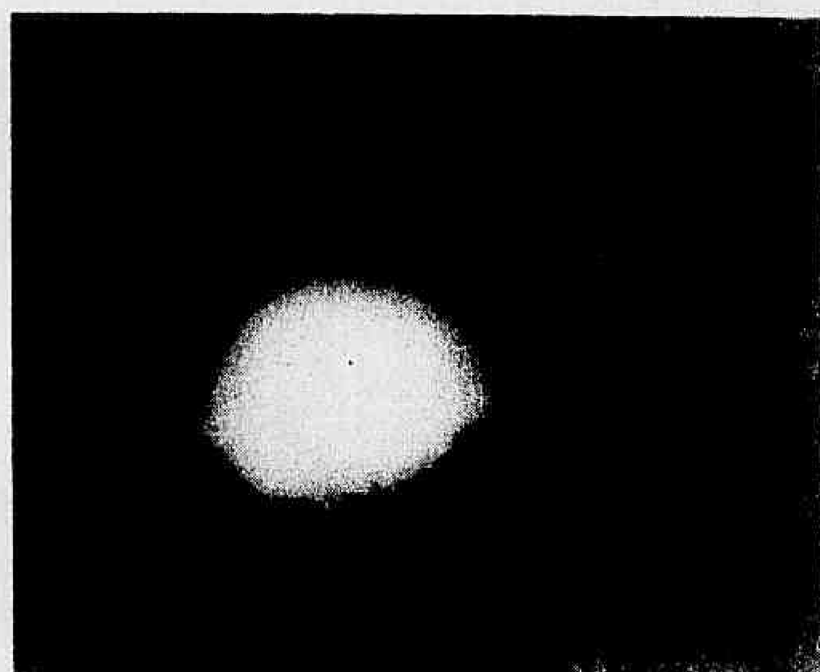
SEU PODER E' EQUIVALENTE A 5 MIL TONELADAS DE TNT — O CANHÃO ATÔMICO E' DE 280 MM. — OS CALCULOS DE EXPLOSÃO FORAM EXATISSIMOS — SEGUNDO OS RESULTADOS, O OBUS PODERIA DIZIMAR UMA DIVISÃO DE SOLDADOS INIMIGOS, OU UMA ESQUADRA INTEIRA

Fotos RECORD

foi lançado **alcançou a distância de sete milhas.**

e ajuda mútua em caso de agressão. Segundo
m suas pesquisas e na preparação geral do país
as e os militares mais responsáveis, inteiramente
erra do caráter do canhão que acaba de ser expe-
as locais também prosseguem, colhendo elementos
madas. Na era atômica, as armas dessa espécie
ente militar; é preciso também que se estudem os
d decorrentes, e de maneira que os responsáveis pela
stejam em dia com os problemas atômicos e possam
osidades das explosões atômicas é a figura de
sobe aos céus. O obus do dia 25 de maio também
espaços ia formando o grande e denso cogumelo,
ecida por tôda a humanidade. Os efeitos reais,
a não são públicos, uma vez que isso constitui se-
e o canhão da nova era, experimentado com o mais
E UU., cumpriu sua performance, arremessando a
táculo da explosão, atingindo os alvos prederter-
o poder destruidor calculado em cinco mil tonela-
osivo até agora conhecido. Dentro de pouco tempo
co do norte, dispondo de várias dessas peças de
o lugar das munições de hoje. O acontecimento
como o início de uma nova era no campo da es-
s autorizados assistiram emocionados à prova e todos
a idéia aproximada, são de opinião que o canhão
surpreendente e destruidor. Numa guerra futura, ai
peças atômicas. O próprio terror que a visão apo-
de deter a marcha da guerra, forçando o agressor
o disparo, que é fortíssimo, abalando a terra num
go que sai da garganta do canhão é estarrece-
s efeitos luminosos e de nuvem de fumaça.





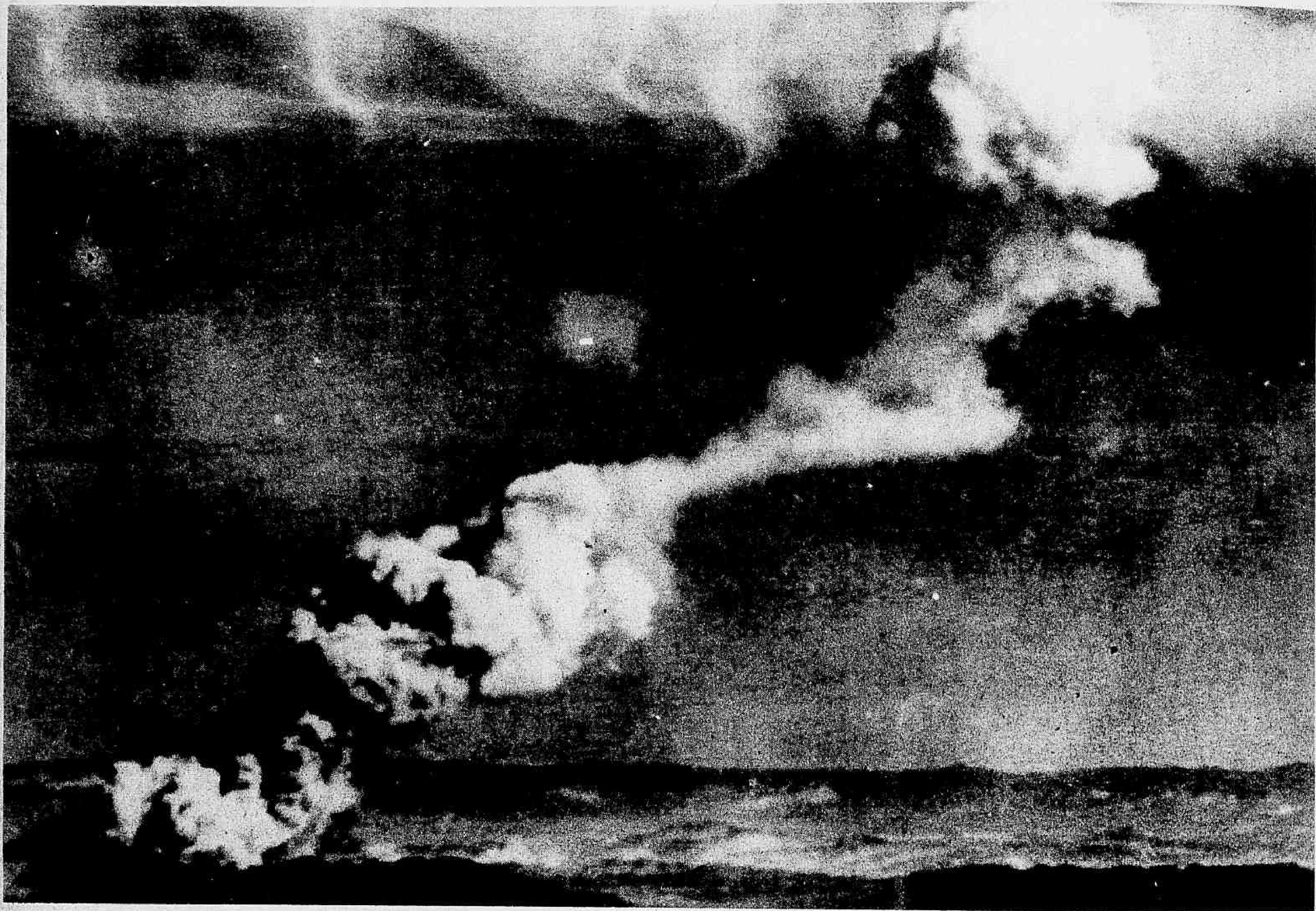
Diversos aspetos da explosão de 25 de maio, ...endo-se ver as fases sucessivas do obus nu-





clear na chamada «Meseta do Francês». A explosão se deu a 500 pés sôbre hipotético objetivo.

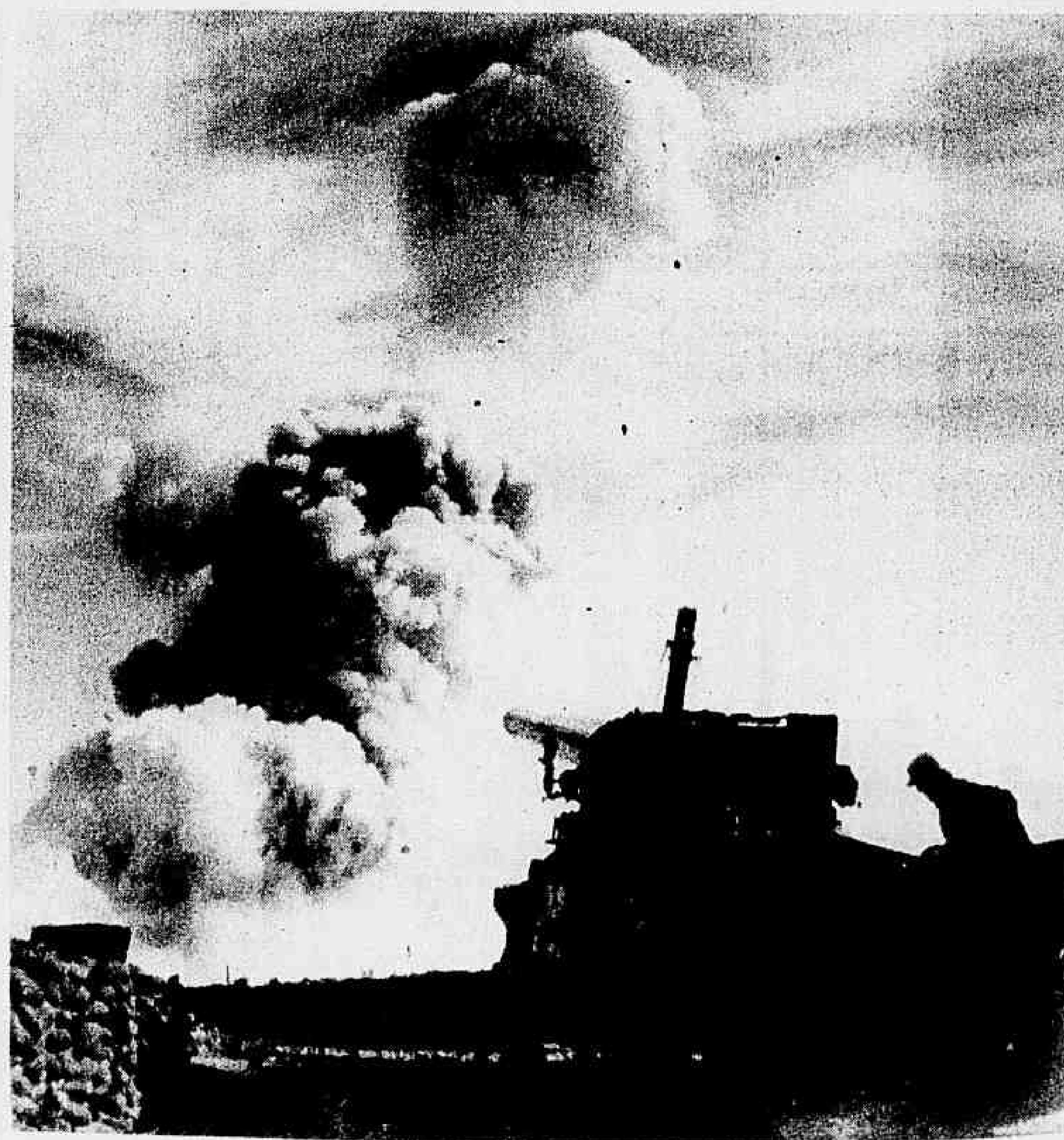
O PRIMEIRO PROJÉTIL ATÔMICO DO MUNDO!



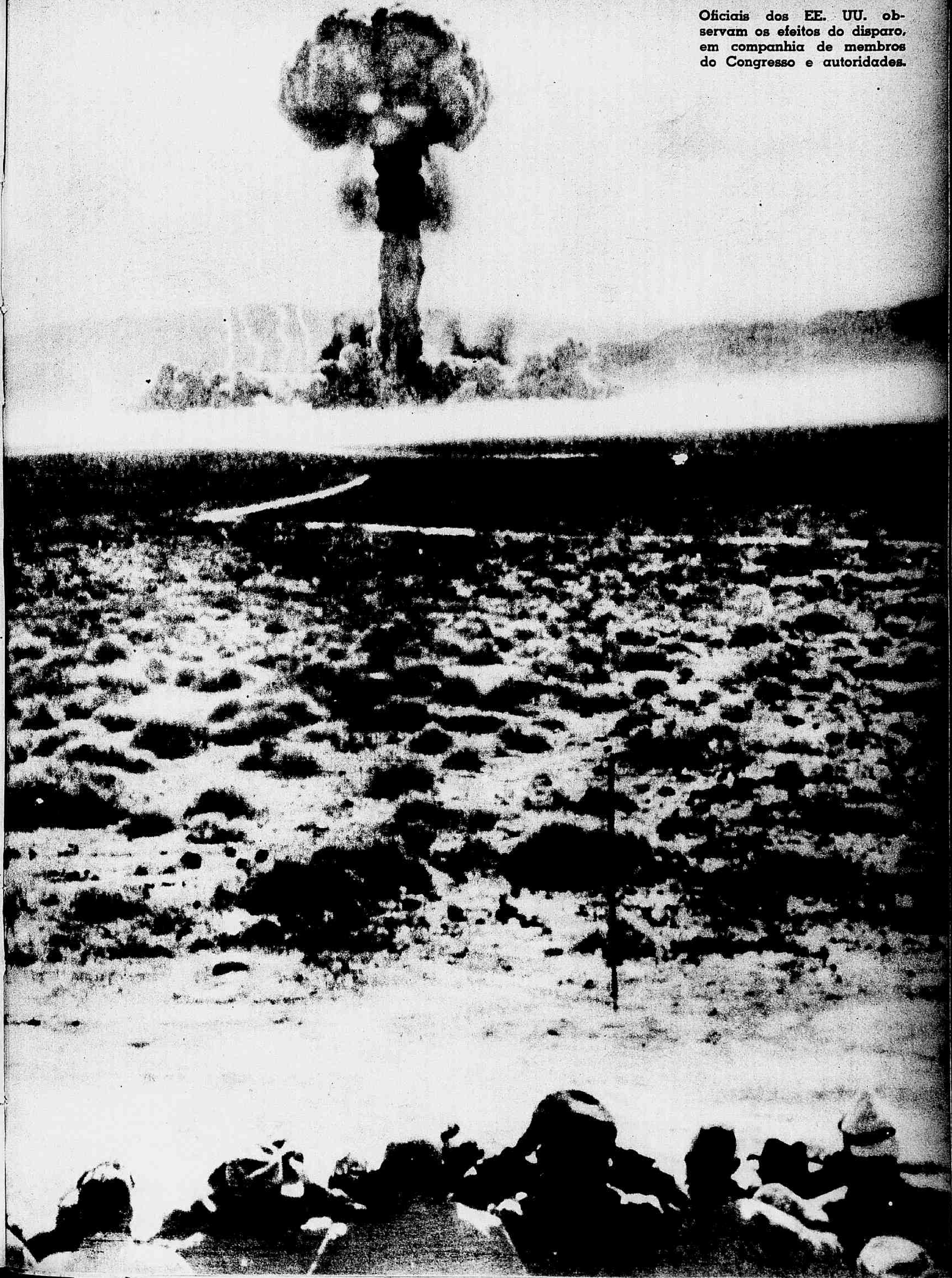
Depois do estrondo, sobe aos céus a já conhecida nuvem côr de rosa da fumarada atômica e que está impregnada de agentes mortíferos.



Visão fantástica da primeira bala de um canhão atômico norte-americano.



Momento culminante do tiro, estando bem protegidos os artilheiros.



Oficiais dos EE. UU. observam os efeitos do disparo, em companhia de membros do Congresso e autoridades.

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

PIERSTON suspirou deixando que Avícia se arranjasse com sua ratoeira da melhor maneira possível, e ao seu gôsto, e se retirou para os seus aposentos a fim de descansar, apesar de não ter nenhum sono.

Altas horas da noite, talvez porque houvesse deixado aberta alguma porta intermediária, ouviu Pierston o ruído do disparo da ratoeira posta na cozinha por Avícia. Outra pessoa de sono ligeiro, devia ter ouvido também, pois, quase imediatamente, ressoaram seus passos surdos em direção à cozinha. Passados uns momentos suficientes para que fôsse novamente armada a ratoeira, ouviu o escultor um grito vindo da cozinha.

Pierston pulou da cama e, vestindo um roupão correu para ver o que ocorria.

E foi encontrar Avícia descalça, trepada a uma cadeira, envôlta em um manto, a ratoeira no solo e o rato a correr de um lugar a outro, como se procurasse uma brecha para escapar.

— Eu ia retirá-lo da armadilha, — explicou ela muito nervosa — e êle quase que me morde!

Pierston agarrou, enquanto ela ficava trepada na cadeira, e, depois de armar novamente a ratoeira, falou-lhe com a maior franqueza, desembuchando o que estava a guardar no fundo do coração:

— Avícia! Não posso acreditar que uma jovem como você se deixe envolver por um operário vulgar! Porque isso?

Estava ela tão absorta com sua tarefa, que, de momento, nem pôde dar maior atenção à impertinente pergunta; mas, depois, disse tranqüilamente:

— Porque sou louca.

— Então... Não o ama? — Exclamou Pierston olhando-a surpreendido. Naquele instante estava ela semelhante à mesma Avícia que o havia beijado vinte anos antes.

— Não há necessidade de falar nisso agora — respondeu ela.

— Quem é êle? E' o militar?

— Sim, embora nunca tenha falado com êle.

— Como? Nunca falou com o militar?

— Nunca.

— Um dos dois lhe fêz algum mal? Algum dos seus namorados a enganou?

— Não. Absolutamente.

— Bem. Juro que não a compreendo. Desejo apenas saber o que você tem a dizer-me. Vem cá, Avícia. Porque não me conta a coisa bem direitinho?

— Agora não, senhor, — respondeu ela olhando-o com sua linda face sorridente e seus olhos garços, como se lhe estivesse a suplicar daquele pedestal, — a cadeira em que permanecia de pé. E concluiu: — amanhã lhe contarei tudo, tim tim por tim tim. Garanto.

Pierston se retirou para seu aposento e se recostou na cama, a meditar. Um quarto de hora depois de tentar dormir, ouviu-se novo estalar da ratoeira. Ergueu-se um pouco e fitou o ouvido a fim de certificar-se do que ocorria. Tão silenciosa estava a casa, que chegou a perceber os saltos do prisioneiro entre as grades da ratoeira. Mas, desta vez, não ouvira nenhum sinal dos passos surdos de Avícia. Como estava sem sono e inquieto, tornou a levantar-se e se dirigiu à cozinha, com uma luz. Retirou o rato e armou novamente a ratoeira. Ao regressar ao seu dormitório se deteve a escutar outra vez, e viu, a distância, a porta do aposento de Avícia. Ela não tinha ouvido o disparo da captura do segundo rato. Pierston percebeu nitidamente um sereno e meigo ressonar, como se fôsse o de uma criança.

Bastante melancólico, entrou o escultor em seu quarto, encostando-se na cama. O desprêzo que lhe dava a moça, o aspeto da cozinha deserta e às escuras, tudo isso lhe deu um sentimento de profunda solidão, como jamais houvera experimentado até ali.

Reconheceu Pierston, que era loucura apaixonar-se por aquela jovem.

Sua desolação e ausência de qualquer pensamento que significa perigo na convivência de ambos sob o mesmo teto, eram, na realidade, poderosa salvaguarda contra os riscos em que êle podia ver-se a respeito dela; mas, o ser a jovem a imagem da outra Avívia, criava riscos para ela a respeito dêle. Contudo, não provinha disso o seu abatimento.

Quando a viu na manhã seguinte, compreendeu Pierston que devia acabar com aquela situação. Mandou-a ao estúdio, escreveu a uma agência pedindo duas empregadas e, depois, passou a trablahar. Avícia cumpria todo trablho que êle lhe confiava. Seu maior prazer era estar atarefada entre os moldes e peças fundidas, que pela primeia vez contemplou com o atento interêsse de uma alma que se esforçava em receber idéias de beleza muito vagamente discernidas. Aquela vivacidade mental de sua mãe, que a segunda Avícia podia ter herdado com o rosto e plástica maternos estava amortecida nela pelo contato com a vulgaridade de seu pai; e quem, como Pierston, recordasse o princípio da organização bilateral, podia ver com freqüência a luta interna dos contrários.

Estavam os dois a sós no estúdio, e Pierston não foi capaz de reprimir seus sentimentos. Envolvendo-lhe os ombros com seus braços, exclamou:

— Minha linda e doce Avícia! Desejo perguntar-lhe uma coisa... Poderá você imaginar o que será? Poic eu desejo saber isto: quer casar-se comigo e viver aqui, ao meu lado, para sempre?

— Oh! senhor Pierston! Que disparate!

— Disparate?! — Perguntou êle um tanto chocado.

— Sim, senhor...

— Mas, por que? Estou demasiado velho? Seguramente não é lá assim tão grande a diferença de idades.

— Oh, não! Isso não me importaria se tivesse de casar-me. A diferença não é muita para marido e mulher, se bem que tivesse importância para viver-se junto.

Procurando ela desligar-se dos braços de Pierston, ao mesmo tempo que êle persistia em mantê-la, Avícia, imprevistamente deu com um dos braços na cabeça da imperatriz Faustina, lançando-a por terra. Pierston afrouxou e deixou que ela lhe fugisse, pois notara que a jovem estava surpreendida e mesmo alarmada.

— E você não me disse porque achava disparate, — objetou êle um tanto acremente.

— Porque não sabia que o senhor pensasse em mim dessa maneira. Nem sequer maldei isso. E estou aqui sòzinha! Que farei?

— Diga-me que sim, minha formosa Avícia! Casar-nos-emos em seguida, agora mesmo, e ninguém saberá.

— Não posso, senhor, — respondeu a moça movendo a cabeça.

— Seria muito vantajoso para você. Acaso não lhe agrado?

— Não é isso. Gosto muito do senhor. Mas não dessa maneira. Talvez que viesse a amá-lo depois, com o tempo, se...

— Pois então, experimente, Avícia! — Interrompeu ansiosamente Pierston, — concluindo imprevidentemente: Sua mãe me amava!

Quis desfazer a revelação; mas já era tarde. Fôra uma imprudência. Mas já era tarde.

Êle sabia que Avícia odiava aquêle que abandonara sua mãe. Se Pierston viesse a revelar-lhe o segrêdo, poderia perdê-la definitivamente, tornando ua causa perdida.

— Minha mãe amou-o, sr. Pierston? — Indagou ela olhando-o com incredulidade.

— Sim... — murmurou êle.

— De certo não teria sido o senhor o noivo perjuro, aquêle que...

— Sim, sim... não diga mais nada.

— O que a abandonou?

— Quase, quase...

— Então eu não poderia nunca simpatizar com o senhor. Não sabia que tivesse sido um senhor... Eu... eu pensei...

— Então não era eu um «senhor».

— Oh! senhor! Tenha a bondade de retirar-se. Não posso suportar sua presença neste momento. Queira Deus venha a simpatizar com o senhor como dantes; porém...

— Não! Não sairei! Por Deus! — exclamou êle irritado — Fui sincero com você; você deve ser também sincera comigo.

— Que deseja então que eu diga?

— O bastante para explicar-me o motivo por que não aceita o meu oferecimento. Nada do que você disse até agora é razão bastante para uma negativa. Agora, minha querida, já não estou zangado.

— Sinto, entretanto,, que ainda está.

— Não, não estou. Vamos ver quais são os motivos?

— O motivo se chama Isaac Pierston, lá em minha casa.

— Como?!

— Quero dizer que me cortejou e me atraiu, segundo o costume da ilha. Depois, fugi, uma manhã até à capela e me casei secretamente com êle, porque minha mãe não o queria, e eu não amava outro, até então. Em pouco tempo brigamos, e, precisamente antes de eu vir com o senhor para Londres, êle se foi para Guernsey. Depois disso vi um soldado, cujo nome ignorava, mas de quem me enamorei. E' que eu sou muito namoradeira... Entretanto, como era coisa assim de súbito, me esforçei para esquecer-me dêle não lhe prestando mais atenção, quando passava. Mas isso me fêz chorar muito, embora não devesse fazê-lo. Eu me julgava muito desditosa. Foi quando o senhor me perguntou se eu queria vir para Londres. Não sabia o que fazer comigo mesma, e vim.

— Valha-nos Deus! — Bradou Pierston, pálido de emoção ao ouvir tão inesperada e sensacional revelação, mostrando pela face o transtôrno que aquelas palavras lhe causavam. — Mas, porque fêz você tudo isto? Bem, porque não me disse antes? De maneira que, agora, é você a espôsa de um homem que está em Guernsey, a quem não ama um tiquinho; mas, em troca, está gostando de um militar, com o qual jamais cruzou uma palavra! E estive a ponto de provocar um escândalo sôbre nós mesmos, se você consentisse em amar-me! Francamente, você é uma mulher malvada!

— Não. Não o sou! — Respondeu ela ofendida.

Avícia permanecia pálida e trêmula, sem atrever-se a levantar os olhos do solo. Depois continuou:

— Eu disse que era um disparate, o seu oferecimento. E, mesmo que não estivesse casada com êsse horrível Isaac Pierston, não poderia casar-me com o senhor, depois de saber que abandonou minha mãe.

— Eu já recebi o meu castigo! — Disse êle tristemente. E continuou: os homens como eu, sempre encontram, de um modo ou de outro, o pior castigo. Agora, Avícia, (e lhe chamarei querida Avícia em memória de sua mãe, e não por si mesma), tenho que procurar tirá-la da dificuldade em que você realmente se encontra. Porque não vai reunir-se ao seu marido, já que está casada com êle?

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM LIVRO:

"ROTEIRO DA BAHIA"

HERMAN LIMA vem de somar à sua significativa bibliografia, êste volume que acaba de editar o Serviço de Documentação do Ministério da Educação, na excelente série Cadernos de Cultura. A obra é das mais interessantes no gênero, sob qualquer aspecto.

Herman Lima é o que podemos chamar um baiano honorário. Cearense, passou grande parte de sua vida, como estudante, na Cidade do Salvador. Com a vocação literária e o amor das belas coisas, natural que êle se integrasse no ambiente baiano, confraternizando cordialmente com os filhos da terra e sentindo essa terra como sua própria. Seu grande afeto pelo passado brasileiro aprofundou nêle o sentimento da Bahia e tôda a sua obra demonstra como êle herdou do cenário ilustre tanta emoção e tanta ternura pelas velhas relíquias brasileiras que guarda o Salvador. Agora, êle quis pagar um pouco do carinho que lhe deu a Bahia e dedicou-lhe êste «Roteiro», que é principalmente um livro sentimental, no bom sentido do qualificativo. Herman Lima nos leva por uma Bahia que lhe mora no peito, de muitos anos. Êle guia o leitor pela paisagem e pelos costumes típicos, esclarece muitos pontos e entra até mesmo em minúcias curiosas, como a que faz, por exemplo, sôbre a incaracterística comida da Gruta Baiana. Mas, o que principalmente sentimos nestas páginas é um grande, enternecido carinho por tudo o que é da Bahia, escorrendo gostoso da pena do ensaísta, como se fôsse dourado azeite de dendê para temperar o estilo, tornando-o tão grato ao nosso sentimento e fazendo com que amemos mais ainda essa Bahia das trezentas igrejas, do Senhor do Bonfim e das pitorescas baianas que emocionaram a Abel Bonard e a quantos outros viajantes passaram pelo Salvador.

★ O «Roteiro» de Herman Lima é um guia e uma página de saudade. Não apenas nos encaminha pelos belos e ilustres caminhos da Boa-Terra, como nos faz sentir o lirismo de que êle redoirou suas descrições, observações e interpretações da paisagem e da gente baiana. E' um gôsto ler estas páginas de artista emocionado, a tratar de seu assunto com devoção fra-angélica, a dar-lhe alma, a imprimir em cada contôrno de seu livro o dengue, a quentura e o sabor que ensinam as baianas do acarajé, no corpo, nos rendados e nos quitutes... A seriação do livro poderá dar ao leitor uma idéia de seu conteúdo, naturalmente uma idéia apenas, sem o calor, o colorido e o ritmo que Herman imprimiu em cada página dêste roteiro da ternura e da saudade: «Expansões de um velho amor enternecido», «Comidas Baianas», «Balanço de um itinerário incrível», «Valença dos Meus Amôres», «Velhos sobrados adormecidos», «Lembrança daquela noite amiga», «S. João Baiano», «Sábado do Bonfim», «Da Arte do Epigrama» e «Presciliano». Êsses os títulos dos capítulos, em que encontramos desde a declaração de amor à Bahia, com a recapitulação de tôdas as páginas ilustres que inspirou, do remoto Gabriel Soares, até o moderno Zwaig, a saborosa página dos acaçás, dos efós e dos abarás, onde se recorda o nome de Sodré Viana, de seu notável «Caderno de Xangô», repositório da cozinha baiana como outro não há, segundo as maiores autoridades no assunto, sem esquecer a opinião de nosso saudoso Rafael Barbosa, que tanto elogiava o «Caderno» como o próprio Sodré — a recordação dos poetas da Bahia e do pintor de seus templos, o grande Presciliano, a aquarela nostálgica dos velhos sobrados, suas estradas e suas praias caymiescas, onde parece que há canções tristes no vento que beija as velas das jangadas... Herman Lima nos dá aqui uma lição de amor, de comunhão com a terra baiana, de ternura no falar dela e de recordá-la como é, velha e nova, ilustre e pitoresca, imagem do Brasil de ontem, de hoje e de sempre, onde o passado antigo se encontra e convive tão bem com o presente, esperando o futuro, com a oferta de todos os seus tesouros de raça, de nacionalidade, de beleza e de poesia.

FORA DO PRELO

.. FÍSICA SEM MESTRE — De conhecida autoridade no assunto — Emil Braunweiler, tradução de Germano G. Thomsen — é o grosso e bem ilustrado volume que as Edições Melhoramentos acabam de estampar. Que é calor? Como se dá a passagem dum estado físico a outro? Que é mais pesado, madeira ou chumbo? Pequenas condições de temperatura também influenciam os corpos? Quais os efeitos da corrente elétrica e suas reversões? Que são ondas eletromagnéticas? Para que servem as linhas hidro e aerodinâmicas? Estas, e muitas outras perguntas, ligadas à vida moderna de modo inseparável do progresso e da cultura geral, encontram resposta clara, positiva e atraente nas magníficas páginas de «Física sem mestre», que estudantes e não-estudantes gostarão de ler — pois é livro de sabor especial, em forma dialogada, repleto de noções que ninguém deve ignorar.

OS MORTOS:

Lindolfo Gomes — Renato Viana — Said Ali

★ **Acabam de perder as letras brasileiras um de seus mais fecundos e modestos cultores: faleceu o escritor Lindolfo Gomes, filólogo e folclorista dos mais eminentes, poeta e prosador, membro da Academia Mineira de Letras, de que foi um dos fundadores, pertencendo ainda à comissão do dicionário da Academia Brasileira. Lindolfo Gomes foi um grande e um modesto. Vivendo durante muito tempo em Juiz de Fora, ali trabalhou sua obra, notável sob muitos aspectos, e pesquisou principalmente o rico folclore mineiro, dando, nesse campo literário e sociológico, inestimável contribuição aos nossos estudos especialisados. Sua obra poética, parece que não foi editada em livro. Seus artigos de imprensa, tratando dos mais variados assuntos e, inclusive, de crítica literária, também ficaram esparsos. Por muito tempo escreveu êle diàriamente em jornais de Minas e do Rio e, como jornalista combativo, fundou e dirigiu em Juiz de Fora "A Imprensa". Era um espírito liberal, um professor ilustre que muito fêz pela instrução em Minas. Sua perda foi muito sentida naquela cidade, onde foi sepultado e onde o povo, recentemente, por meio de seus representantes, lhe havia dado o título de cidadão honorário, em retribuição pelo muito que fizera por Juiz de Fora.**

★ **Renato Viana, morto há pouco, repentinamente, foi um idealista. Viveu sempre para a arte. Abandonando cômodas situações, postos de representação bem remunerados, êle quis viver inteiramente para o teatro que foi sua paixão. Felizes os que assim se entregam dedicadamente aos seus sonhos, entre os quais se encontrava, sempre jubiloso, êsse homem de teatro que outra coisa não queria saber da vida. Autor teatral, ator, diretor, tudo êle foi no teatro. Entregou-se ao teatro de corpo e alma. Era um lutador de têmpera rija, nunca desanimou, nem mesmo em meio às mais terríveis derrotas. Venceu. Se não conseguiu ver realizado seu grande sonho, o de um teatro brasileiro realmente digno dêsse nome — pelo menos viveu feliz, trabalhando o que amava, criando na medida de seu talento e de seu coração, que era generoso e amável... Afinal, os sonhos, não se realizam, nem mesmo os grandes, como o de Renato, principalmente os grandes sonhos. Não foi êle que batisou uma de suas primeiras iniciativas de "Batalha da Quimera"? Essa foi a sua vida...**

★ **A geração dos que já fizeram cinqüenta anos conhece bem êste nome: Manoel Ali. Era um gramático. Estudamos pelos seus compêndios. Seu nome se prestava aos trocadilhos da irreverência estudantil, nos dias da adolescência e do curso secundário. Mas com êle aprendíamos e, nos seus livros, ficamos sabendo o que precisamos para a ciência, a arte e a vida. O professor Manoel Said Ali Ida acaba de falecer. Por muito tempo, por grande parte de sua vida, foi professor do Colégio Pedro II e da Escola do Estado Maior do Exército. Suas obras de filologia são monumentos levantados por um grande e apaixonado conhecedor da língua. Alemão, português, literatura, geografia, língua francêsa (adotou a gramática de Ploetz), inglês e outras disciplinas ensinou admiràvelmente o ilustre mestre que vem de falecer, nascido em Petrópolis em 1890.**

UM AUTOR:

Maria Dezonne Pacheco Fernandes



E' CURIOSO observar que São Paulo não tem muitos romancistas. Enquanto os poetas surgem ali, grandes e numerosos, os romancistas continuam raros, na terra bandeirante. Recentemente, o romance brasileiro viu despertar em São Paulo mais um autor, um ficcionista de recursos que é, ao mesmo tempo, um escritor de raça — Maria Dezonne Pacheco Fernandes.

Aparecendo na ficção, a romancista de São Paulo, tão nova e tão interessante, procurou um velho ambiente e um velho tema: seu livro é uma história de amor que se passa no tempo da escravatura. Isso, dito assim, pode confundir o leitor. Porque o livro não é tão simples: ao lado da intriga que lastreia a história, encontramos também a reconstituição de uma época e uma visão do que econômicamente representava para as grandes fazendas o elemento escravo, ao lado da tremenda injustiça social que a escravatura constituía. «Sinhá Moça», chama-se êsse livro de estréia que credencia à nossa admiração a ilustre romancista nova de São Paulo. Afonso Schimidt, que prefacia o livro, trata o romance como «novela». Um modo de ver e distribuir os gêneros, a não ser que o prefacista tenha empregado novela como sinônimo de romance, que romance e bom romance, perfeitamente caracterizado, é «Sinhá Moça», já em segunda edição, o que dispensa qualquer outro elogio. Isso, com a particularidade de o livro ter sido imediatamente aproveitado pelo cinema que, com um argumento adaptado da obra original, nos deu um filme que está fazendo invulgar sucesso, principalmente por sua história emocionante.

★ Maria Dezonne é uma ficcionista de recursos, capaz de animar uma intriga com facilidade e encanto, fazendo viver seus personagens e dando colorido e verdade à paisagem. Ela escreve com estilo simples, em prosa aliciante, o que torna sua leitura agradável a todos os públicos. Paulista de Jaú, fêz estudos no Rio e muito cedo começou a escrever. Estreou-se, naturalmente, com um livro de versos. Fêz, em seguida, poemas em prosa e, com êles, um livro —, «Punhado de Emoções» — e um romance folhetinesco, entretanto já demonstrando a capacidade de fabulação da futura autora de «Sinhá Moça», cuja terceira edição está anunciada para breve.

MOYSÉS DUEK micro-novelisou

LARGA MEU HOMEM

comédia em 2 atos e 5 quadros de José Wanderley e Mário Lago

(Um só intervalo) EM PALCO GIRATÓRIO

Distribuição (pela ordem de entrada)

LEONARDO	Afonso Stuart
NORA	Carminha Brandão
TADEU	Rodolfo Arena
ELIZABETH	EVA
MARIA	Almerinda Silva
AFRÂNIO	Armando Rosas
DUDU	Ada Camargo
FELIPE	Fernando Tôrres

Época: ATUALIDADE — Ação: RIO e S PAULO

Direção Geral de LUIZ IGLEZIAS

SIM, tudo estava saindo às mil maravilhas para Nora: Elizabeth, quando soube que seu marido não a queria mais, disse-lhe apenas: «Está muito bem, Tadeu. Você é livre». Por outro lado, o velho Leonardo, o último protetor de Nora, imediatamente se conformou em perdê-la para sempre. Tadeu, seu amigo, fizera-lhe uma grande traição roubando-lhe a amiguinha que o encantava, que esticava mais um pouquinho o final de seu calor — visto que o amortecimento natural da velhice já não estava longe — mas nada lhe restava que não fôsse se conformar. E agora, em seu apartamento, Nora já estava fazendo os últimos retoques para a viagem: costureira, chapeleira, joalheiro, etc. Iam à São Paulo, para longe do Rio, isto é: para longe de Elizabeth.

Tadeu, por sua vez, já não estava tão tranqüilo quanto Nora: receava pela pronta renúncia da espôsa. Conhecia bem Elizabeth e sabia que a montanha aparentemente calma era um vulcão disfarçado. Preferiria vê-la em seus rompantes.

Nada mais inquietante, pois, que a visita de Elizabeth, no apartamento de Nora. Grande reboliço. Mas Nora não era tão covarde quanto Tadeu e Leonardo. Que Elizabeth entrasse e ensinar-lhe-ia com quantas tábuas se faz uma canoa.

Nora estava pronta para suportar uma grande cena. Mas que surprêsa! Depois de examinar sua rival, Elizabeth saiu-se com esta:

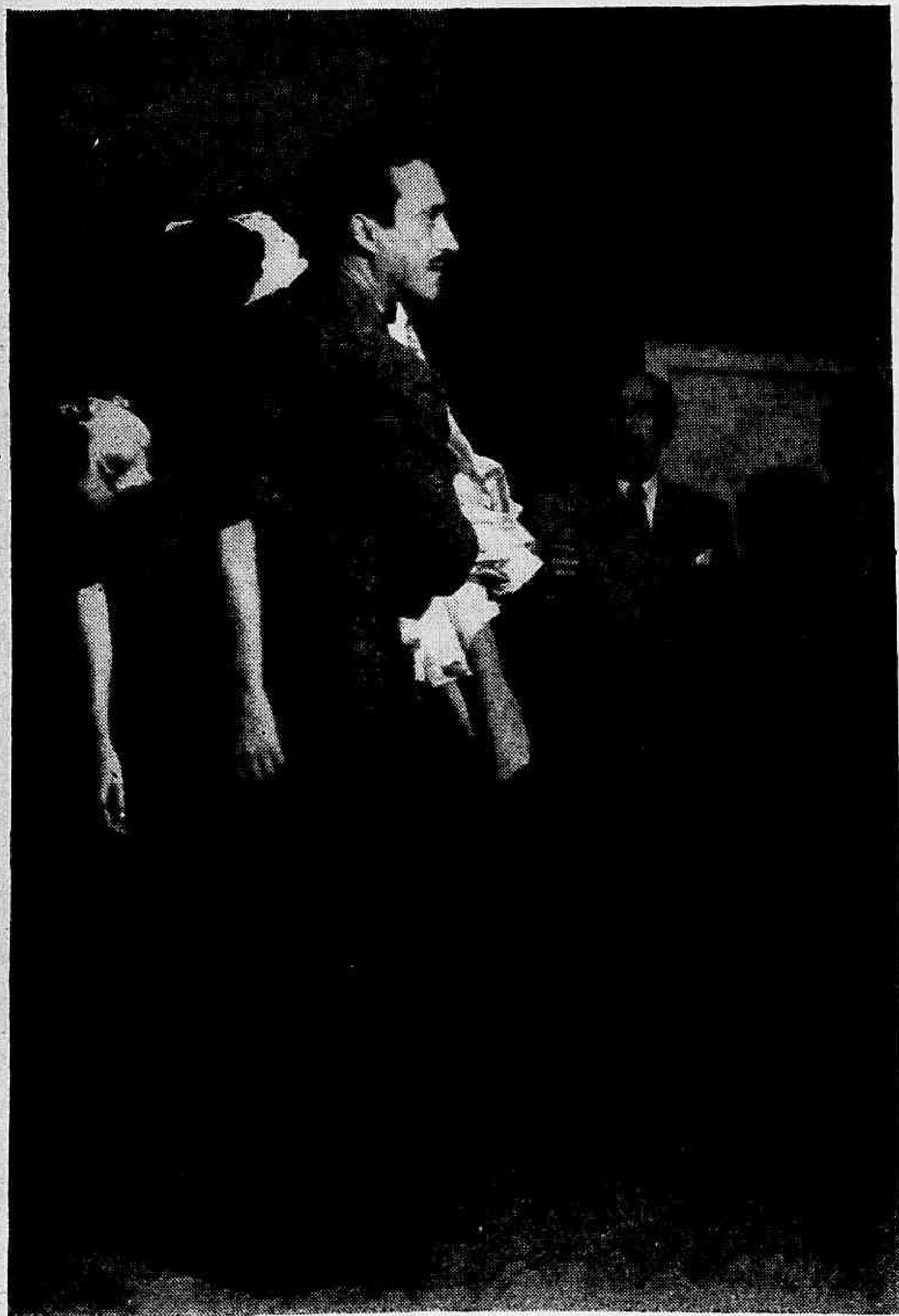
— Ah, é você que é Nora! Mas como é bonitinha! Que simpatia!

Nora, entre surprêsa e desarmada, ouvia a bonita espôsa de seu amante:

— Estou contentíssima! Contentíssima. Tadinho...

— Tadinho? Quem é Tadinho?

— Tadinho é o Tadeu... Pois Tadinho foi muito amável. Mesmo me pondo para trás, deu-me prova de grande consideração! Você já imaginou, Nora, se êle tivesse me deixado para preferir uma velha? Mas você é nova e muito bonitinha.



Tadeu ficou desapontado com a embriaguês de Nora

A surprêsa de Nora cedeu lugar a uma funda simpatia. Que atitude simpática a de Elizabeth! Que elegância! Que desprendimento! Quanta comprensão!

— Agora, Nora, farei tudo para que você viva bem feliz com Tadinho!

— Oh, Elizabeth, como você pode ser tão boa?

— Tadinho exige na mulher uma forte personalidade, um caráter intransigente. Você deve ser dura em suas idéias, não deve mover nadinha de suas decisões!

Nora estava surprêsa:

— Oh, Elizabeth, como você é bondosa! Mas eu pensei que Tadeu...

— Não diga Tadeu! — interrompeu a espôsa. — Êle faz questão de ser chamado de Tadinho...

Nora ia de surprêsa em surprêsa:

— Pois eu pensei que Tadeu gostasse de mulheres meigas, suaves, maleáveis.

— Nem pense nisso! Gosta é de mulheres duras! Severas! E, se você quer saber mais (olha, isso é muito em segrêdo!) êle até gosta de apanhar. Adora uma surra! Para mim é um suplício ter de bater no Tadinho, mas êle me obriga a isso. E' louco por uma surra.

Nora está arrasada. E anota, mentalmente, todos êsses segredos de bem-viver com Tadeu. Que conselhos preciosos!

Eis que Tadeu, farto de aguardar o grande barulho, resolve entrar em cena para ver como vão as coisas. Pois não é que encontra a espôsa e a amante conversando como duas amiguinhas?

Mal Nora se afasta por um pouco, Elizabeth persuade Tadeu a dirigir-se a Belo Horizonte em vez de ir a São Paulo, porque Tadeu está muito cansado e repousaria na tranqüilidade das montanhas de Minas. Quando Nora torna à sala, Tadeu informa-a de que resolveu alterar o destino da viagem.

— Para Belo Horizonte? Absolutamente — contesta Nora com vigor.

— Iremos para São Paulo!

— Belo Horizonte!

— São Paulo!

— Belo Horizonte!

— São Paulo!

Brigam. Atracam-se. E todos os vasos e «bibelots» à mão são arremessados contra Tadeu.

Satisfeita com o resultado, Elizabeth volta para casa e, com ela Leonardo, o bom amigo do casal. Tadeu também volta para casa, com galos na cabeça e ferimentos, jurando não voltar a ver Nora. Mal Elizabeth se vê sòzinha com o velho Leonardo, não esconde seu júbilo:

— Leonardo, venci! Tadeu vai voltar para mim!

— Mas, Elizabeth, eu não compreendo você! Você estava tão satisfeita com a união de Tadeu com Nora! Você deu tão bons conselhos a ela!



Elizabeth dançava feliz, enciumando o pobre Tadeu.



Elizabeth tinha sempre uma idéia para reter o marido.

— Eu? Você pensa que estou para botar azeitona na empada dos outros? Pois saiba que tudo isso que eu disse a Nora foi puro cálculo! Aconselhei-a para fazer com Tadeu justamente tudo aquilo que mais o irrita.

— Oh, Elizabeth, você é maravilhosa!

E, para surprêsa de ambos, surge, de dentro, Tadeu anunciando:

— Iremos para São Paulo.

— Nós, Tadeu?

— Que nós, qual o quê? Nora e eu.

No apartamento de Nora, a reconciliação foi rápida. Beijam-se. Abraçam-se.

Eis que Elizabeth volta em campo:

— Querida Nora, minha amiga! Eu também vou com você! Vou para proteger a felicidade de vocês. Serei um cão de guarda, deitado no tapête da entrada de sua Felicidade.

— Também eu vou com vocês! — anuncia Leonardo.

— Ótimo, Elizabeth! — diz Nora.

Mas Tadeu não gosta da idéia. Enfim, embora relutante, vai comprar os bilhetes das passagens.

Sòzinhas as duas mulheres, Elizabeth sugere um gole de «wiskey» para alegrar o ambiente.

— Mas, eu mal posso beber... — confessa Nora.

— Que tolice! Um pouquinho só, meu bem! Tadinho adora mulher que bebe.

Vem o «wiskey». Elizabeth beberica o seu. Nora é induzida a beber sua boa dose sem soda nem nada. Logo queixa-se de ardência no estômago e, para isso, Elizabeth fá-la beber «rhum». Pobre Nora. Sente-se fraca e tonta. Mas, a título de cura dos distúrbios, Elizabeth dá-lhe a beber boa quantidade de aguardente.

Sem tardança, Nora deixa-se prostrar, inteiramente bêbeda, dizendo desatinos e chorando e rindo a um tempo.

E' assim que Tadeu vem encontrá-la. Fica possesso e desapontado. Uma bêbeda!

— Pois, querido, que luta tive eu para arrancar-lhe o copo da mão — informa a espôsa, com carinha de santa.

Tadeu vai deitar Nora e eis que se ouve a aproximação de alguém turbulento. Quem é? Nada menos que uma mulher vulgar, vulgar em palavras e em atitudes, de pronto transparecendo sua vida boêmia.

Elizabeth e os homens surpreendem-se com tal presença.

— Cadê a Noreca?

— Quem?

— A Noreca-pé-de-coelho! E' assim que nós chamamos a Nora, lá na «Gaby».

— Mas deve haver engano... Aqui não existe nenhuma Noreca...

— Como não? E' a nossa colega... — E voltando-se para Leonardo: — Ah, já sei! Você é o velho que lhe mantém a erva, não é isso?

— Sim, sou — confessa êle humilhado.

E para Tadeu:

— Aposto que é o gajo que largou a mulher pra lhe dar sopa...

Todos estão chocados.

— Bom galho pegou a Noreca! Sempre teve sorte! Por isso é que o apelido dela, lá na «Gaby», é Pé-de-Coelho. Bom galho! Bom galho!

Tadeu, num acesso de desespêro, corre para o quarto.

Mal se vê livre do marido, Elizabeth atira-se, agradecida, aos braços da criatura que acabara de entrar:

— Oh, 'Talita, meu bem! Você foi maravilhosa! Como representou bem! Foi perfeita! Tadeu está convencido de que você disse a verdade!

— Foi mesmo, Elizabeth? O pior foi tomar o táxi na porta do edifício em que moro... Como me olhavam... Bem, querida, espero ter sido útil a você... As amigas são para êsses serviços. Adeuzinho. Tenho um compromisso. Antes, naturalmente, tenho de ir para casa e mudar de roupa. Adeus, Elizabeth.

Porém, mal Talita sai, eis que Tadeu anuncia:

— Estou resolvido: seguirei para São Paulo com Nora.

Elizabeth está surprêsa:

— Como? Depois dessa cena?

— Ora, Elizabeth! Acreditei em tudo. Mas acontece que ouvi a conversa de vocês, atrás da porta! Eu preguei o ouvido na fresta da porta.

Elizabeth suspira desolada. Mas está resolvida a lutar até o fim. Por isso ratifica: — Eu também irei!

★

Em São Paulo, porém, a situação tornou-se tensa: Elizabeth mostrava-se demasiadamente próxima de Nora, impedindo assim que o casal de amantes usufruísse as delícias que a viagem prometia.

(Cont. na pág. 41)

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 59

A	Pândego; que é muito mangano	1	17	23	125	103	96	149
B	Marcar prazo	2	32	16	22	127	55	147
C	País independente	112	46	95	104	33	■	■
D	Conseguirei; ganharei	41	139	58	76	24	110	6
E	Observa; faz exame	50	7	145	132	60	117	81
F	Serve para abanar	42	5	51	109	84	■	■
G	Presente, donativo	12	136	62	101	43	57	■
H	Calça com pedras	63	9	49	122	27	141	89
I	Torcidas; rastilhos	10	53	142	88	48	3	■
J	Queres bem	131	21	61	115	■	■	■
K	Rubiácea, riqueza do Brasil	87	66	36	128	■	■	■
L	Desfalecer; desvanecer	8	18	69	74	116	40	■
M	Está na dependência	34	86	56	11	93	4	140
N	Rezam	79	47	100	111	■	■	■
O	Sociedade de cantores	97	71	130	15	113	31	■
P	Parte submersa das plantas (pl.)	59	67	126	38	28	19	■
Q	Instituto Profissional 15 de Novembro	13	99	82	26	■	■	■
R	Fazem operações	98	144	35	124	107	73	■
S	Contava, falava	45	133	14	148	91	■	■
T	Exibe com aparato; alardeia	105	64	78	137	29	118	123
U	Produto feito de leite coalhado	108	83	39	44	75	114	■
V	Fiz uso	121	65	72	20	■	■	■
W	Homem de baixa estatura	129	54	30	138	■	■	■
X	Repreendes, admoestas	68	37	134	106	92	77	■
Y	Ato de tosquiar	146	70	85	120	52	135	94
Z	Quantidade de ossos	143	80	102	25	90	119	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	A 1	B 2	I 3	,	M 4	F 5	D 6	E 7	L 8	H 9	—	I 10	M 11
■	G 12	Q 13	S 14	O 15	B 16	■	A 17	L 18	P 19	V 20	J 21	,	B 22
■	A 23	D 24	Z 25	Q 26	H 27	P 28	■	T 29	W 30	O 31	■	B 32	C 33
M 34	R 35	■	K 36	X 37	P 38	U 39	L 40	■	D 41	F 42	G 43	U 44	S 45
C 46	N 47	■	I 48	■	H 49	E 50	F 51	Y 52	I 53	W 54	B 55	■	M 56
G 57	D 58	P 59	E 60	J 61	;	G 62	H 63	T 64	V 65	K 66	■	P 67	X 68
L 69	Y 70	O 71	V 72	■	R 73	L 74	U 75	D 76	X 77	T 78	N 79	Z 80	E 81
■	Q 82	U 83	F 84	■	Y 85	M 86	■	K 87	I 88	H 89	Z 90	S 91	■
X 92	■	M 93	Y 94	C 95	A 96	O 97	,	R 98	■	Q 99	N 100	G 101	Z 102
,	A 103	C 104	T 105	■	X 106	R 107	■	U 108	F 109	D 110	N 111	■	C 112
O 113	U 114	■	J 115	L 116	E 117	T 118	Z 119	■	Y 120	V 121	H 122	■	T 123
■	R 124	A 125	P 126	B 127	■	K 128	■	W 129	■	O 130	J 131	E 132	S 133
X 134	Y 135	G 136	■	T 137	■	W 138	■	D 139	M 140	H 141	I 142	Z 143	■
R 144	E 145	Y 146	B 147	S 148	A 149	■	■	■	■	■	Otaner · Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 58 — M. DE ASSIS. PAGINAS RECOLHIDAS. "Ao clarão de um belo sol, rubro de comoção, levado pelo entusiasmo público, Paranhos seguia as mesmas ruas que, anos antes, voltando do sul, pisara sòzinho e condenado".

O DESERTOR

(Cont. da pág. 11)

— «Porque tenho de ir? Vocês, americanos, não têm autoridade aqui».

O homem olhou do sargento para o coronel e de repente sua arrogância se desfez, seu olhar se tornou mais brando e quando voltou a falar o fêz em inglês:

— «O. K. Suponhamos que eu seja Lupin. Suponhamos que sofri uma emoção no campo de batalha e tive amnésia e quando recobrei a memória a guerra havia terminado e eu me encontrava neste país com uma mulher e um filhinho para sustentar e sem saber como ganhar algum dinheiro. Então?»

O sargento ia dizer qualquer coisa, mas o coronel lhe tocou no braço e durante uns instantes estêve refletindo. E falou: — «Mas você não é Lupin, se fôsse nós teríamos de prendê-lo e conduzí-lo a Trieste onde responderia a conselho de Guerra. A penalidade para desertores ante o inimigo é a morte».

O coronel fêz uma pausa, assustado pela própria decisão. Há também uma pena para os superiores que não punem desertores.

— «Agora não estamos em guerra» (Falou o indivíduo).

— «Não, agora não estamos em guerra, signor Lupino. Atualmente um desertor poderia pegar apenas cinco anos de cadeia em Leavenworth, perdoáveis por boa conduta».

— «Uma cela limpa seria preferível a isto».

— «Houve uma vez um homem chamado Lupin (prosseguiu o coronel.) Era um covarde e um desertor. Primeiro abandonou a espôsa na América e depois desertou deixando os companheiros no campo de batalha. A única coisa que lhe falta é abandonar uma espôsa na Itália mas, isso não é da nossa conta. O Lupin de que eu falo está morto.

Seu processo será encerrado. Anthony Lupin deixou de existir para o govêrno dos EE. UU.».

E o coronel e o sargento deram meia volta e subiram novamente as escadas do sótão.

Altivos e eretos como baionetas. Os ombros quadrados como lápides funerárias.

O PREÇO DOS...

(Cont. da pág. 27)

depois de longos anos na Europa, onde estêve como diplomata, também é barato. «Baianinha e outras mulheres» custa a bagatela de dois cruzeiros.

Paulo Duarte, o vigoroso tribuno da Aliança Liberal, desterrado em 1932, escreveu «Prisão, Exílio, Luta». Valor 8,00.

No que diz respeito às obras religiosas, o panorama é diferente, sobretudo as obras espíritas. Os volumes de Alan Kardec são vendidos com 30% de abatimento, bem como os livros do Padre Leonel Franca, especialmente, «O Protestantismo no Brasil». Procuram Krisnamurti, Vivekananda, Eliphas Levi.

SEMPRE RUI

Enquanto as obras de Aluísio Azevedo como «O Coruja», «O Cortiço», «Girândola de Amôres», «Livro de uma sogra», «Philomena Borges», «O Mulato», e «A Mortalha de Alzira» e outros, aparecem em pilhas, sem freguezia, os livros de Rui Barbosa continuam valiosos. Dos preços correntes, apenas, um modesto abatimento de 10%.

Gilberto Freire, Josué de Castro, Manuel de Abreu, Graciliano Ramos, Agripino Grieco, Jorge Amado, por sinal, nenhum da Academia Brasileira de Letras, conservam seus preços de capa, enquanto «A Evolução da Literatura Brasileira», de Mário R. Martins, «Maquilage», de José Antônio Sobrinho e «A Arte de Comer Bem e Emagrecer», de D. Maricota, «Lições de Português», de Ari Tenório de Albuquerque, estão sob a mesma tabuleta: 7,00. Mais infelizes são os livros de Petrarca Maranhão, Astério de Campos, Iveta Ribeiro, Paulo Gustavo e outros sub-literatos. Preço: 2 livros para quem comprar um.

OBSCENIDADE E INGENUIDADE

Há um gênero de literatura que tem grande procura: obscenidade. Triste sinal dos tempos. O lirismo de Gonçalves Dias e de Alencar tem um reduzido número de admiradores, em particular, colegiais. Os rapazes procuram Dickens e Walter Scott. Os homens que alcançam a maturidade preferem Dostoiewski, Lamartine, Goethe, Euclides da Cunha, Machado de Assis. Alguns buscam Graça Aranha, Gilberto Amado, Oliveira Viana, Vitor Hugo, Érico Veríssimo.

Os modernos apreciam, mas não compram, a poesia de Mauro Mota, Jorge Lima, Lêdo Ivo, Cecília Meireles, J. G. de Araújo Jorge, preferindo folheá-los. Dificilmente procuram Sérgio Milliet, Cr$ 12,00; José Lins do Rêgo, 10,00; Ataulfo de Paiva (inédito); Oto Maria Carpeaux, 5,00; Catulo da Paixão Cearense, 6,50; Olegário Mariano, 12,00. O resto é no correr do martelo. Eis o preço dos donos da literatura, sem a influência das igrejinhas literárias...

CLEÓPATRA

(Cont. da pág. 22)

Alexandria encheram de cantos e de gritos, de regozijo e de danças tôdas as ruas da cidade, do palácio ao pôrto, sem que ninguém procurasse freiar a orgia pública originada pela incontinência do povo. Tôdas as noites, Cleópatra, por sua vez, encontrava novos beijos, inventava novas carícias e novos luxuriosos delírios de amor para Antônio.

★

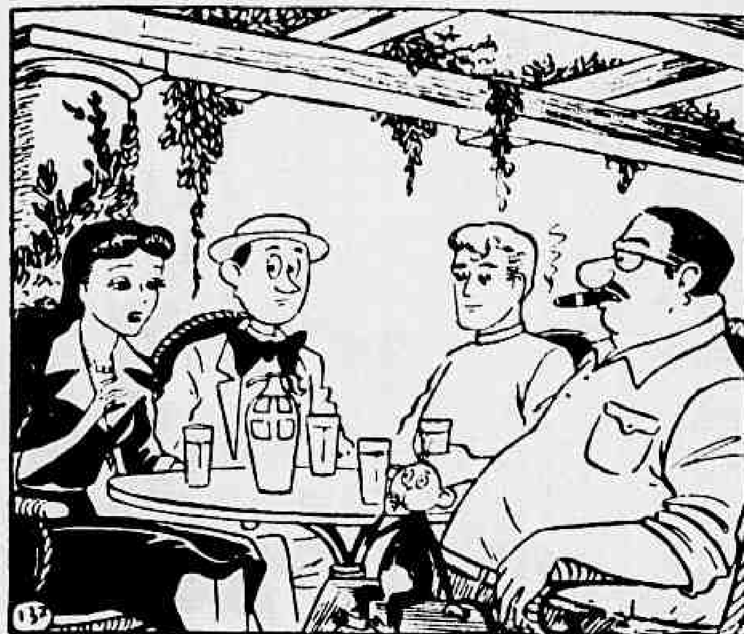
Lançado o desafio à Roma iniciou-se um período de polêmicas e de acusações, seja da parte de Antônio contra Otávio como da parte dêste contra o cunhado. Eram os pródromos da guerra civil que amadureciam. Cleópatra não esperou que Roma lançasse o primeiro dardo. Mandou chamar Antônio, que estava na Armênia, e com êle foi se encontrar em Efeso. Aí êle reuniu dezesseis legiões, cujo comando deu a Canídio, e oitocentos navios, duzentos dos quais lhe foram fornecidos pela rainha além de vinte mil talentos que bastariam para custear tôda a duração da guerra.

Antônio, aconselhado por seus oficiais, pediu a Cleópatra que voltasse ao Egito e esperasse em Alexandria o resultado da guerra. Ela, porém, tinha diante de si o espetro de Otávia e temia uma reviravolta do amante. Resistiu. Convenceu-o de que a deixasse a seu lado e lhe desse o comando da esquadra. Declarou-se capaz disso, já que, por muitos anos, governara um país. A imensa frota de navios de guerra e de naves auxiliares se transportou até Samos, onde faria uma pausa, a fim de se preparar para o que, segundo o plano de Antônio, seria o encontro definitivo com os partidários de Otávio.

Eis, porém, que o descanso em Samos se transforma em passatempo despreocupado e alegre, como se não se estivesse às vésperas de correr sangue em todo o mundo. Atores trágicos e cômicos, cantores, poetas, acrobatas, mulheres de vida alegre, gladiadores, foram convidados a se instalarem dentro e fora da cidade. Organizavam espetáculos, competições e outras manifestações festivas, as quais o par de amantes presidia feliz, despreocupado da tempestade que se adensava no horizonte tenebroso.

(ont. na pág. 40)

ARABELLE a última sereia



Bimbleton, diante de copos de whisky, deixou que Arabelle lhe narrasse suas aventuras e desventuras. Êle ficou indignado quando ela narrou o episódio do escafandrista.



Bimbleton não se cansava de admirar a fortaleza de ânimo de Arabelle e soube por Flor Azul, que sua pupila era hoje muito rica e que êle, ex-gangster, administrava sua fortuna.



Mas Kouki estava zangado porque ninguém citava seu nome naqueles episódios; mas, tudo mudou quando Arabelle o indicou como um herói. Bimbleton lhe apertou a mão e o nomeou mascote de honra do Instituto.



Eis que chega o momento culminante, quando ela conta o caso de sua detenção e liberdade condicional sob fiança. Podia ser prêsa.



Ela rogou a Bimbleton que, com seu prestigio de sábio e milionário, interviesse. E êle, emocionado, prometeu dar jeito.



Chamando Flor-Azul, Bimbleton disse que a polícia de Los Angeles era severa, não sendo de admirar que fôsse prêsa.



Iam os três: Arabelle, "Flor-Azul" e Bimbleton, falar à autoridade, quando passa um jornaleiro gritando: "Alerta! Arabelle, a perigosa está na cidade!" Era a manchete do jornal.



Arabelle fica triste e o velho Bimbleton a tranquiliza. Falará com o Chefe de Polícia. Ela continuou com o dr. John, que a cercava de tôdas as atenções.



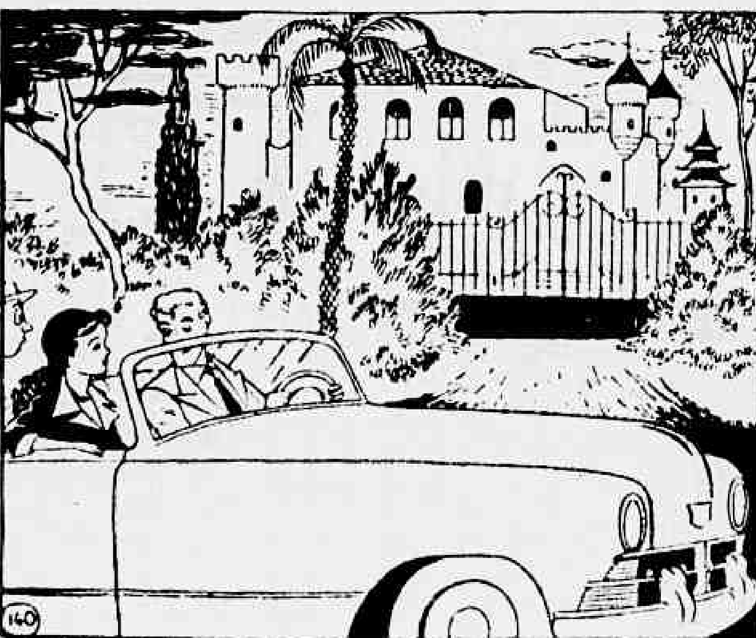
Bimbleton manda que seu filho leve seus amigos à sua propriedade de Beverly Hills e aguardem sua volta, tomando uns bons drinques.



Bimbleton, amigo íntimo da autoridade, com quem jogava gólfe, acende um Havana e se dispõe a expor o *caso* Arabelle.



E lhe diz que ela é sua filha adotiva, que fêz a operação tirando-lhe a cauda de sereia. Quanto ao circo, tudo foi obra do acaso, foi acidente.



Enquanto ela se sentia já muito mais confortada pela presença e proteção de John, ia reparando nas belas vivendas da região, tudo explicado pelo jovem, um perfeito cavalheiro.



Arabelle estava deslumbrada e ainda mais admirada ficou, quando John lhe disse: "Se por fora são belas, por dentro ainda são mais. Brevemente terei oportunidade de mostrá-las."



Mal se encaminham para o bangalô, são assaltados por uma chusma de repórteres que, com suas máquinas, tiram flagrantes de Arabelle. Ela não foge, como no Rio, mas demonstra inquietação.

História de VANIA LAUREZ **Desenhos de JEAN ACHE**

DE CINEMA

NEWTON COUTO

A FÔRÇA DO TALENTO

AO idealizarmos êste artigo, fizemo-lo simplesmente com o intuito de prestarmos uma homenagem a essa personalidade marcante que é Joan Crawford, que depois de uma brilhante carreira pontilhada de tantos êxitos no cinema, inicia agora a de produtora, associando-se ao produtor Joseph Kaufman, que estêve recentemente no Brasil estudando a possibilidade de filmar uma película, cuja ação transcorre no Estado de Goiás, com quem fundou uma produtora independente, realizando ambos o primeiro filme intitulado "Precipícios d'Alma" (Sudden Fear). Para que os nossos leitores se deliciem um pouco, vamos recuar no tempo e voltar ao passado, mostrando como Joan Crawford deu os seus primeiros passos.



Joan Crawford num «close-up" impressionante do filme «Precipícios d'Alma", da RKO-Radio Pictures.

COM o nome de Billie Cassin esta notável intérprete do cinema norte-americano começou a sua gloriosa carreira artística há muitos anos atrás, na qualidade de uma simples e desconhecida corista, depois de passar pelas maiores privações e sacrifícios, pois logo que nasceu em 8 de março de 1908 na cidade de San Antonio, no Estado do Texas, seus pais levaram-na para Kansas City e em seguida se divorciaram, sendo Lucille Le Seur — é êste seu verdadeiro nome — obrigada a trabalhar na cozinha e copa da escola para obter matrícula gratuita. Desde menina Joan demonstrara uma grande fascinação pela dança, ganhando diversos prêmios em concursos, sendo o primeiro dêles no Café "Jack O'Lantern", o que obrigou sua mãe — que também arranjara um emprêgo — a matriculá-la na Academia Columbia, pagando Joan seus estudos mediante trabalho no refeitório. Mais tarde obteve o primeiro emprêgo como modêlo num magazine, percebendo o salário de 18 dólares semanais, comprando, então, seu primeiro vestido conseguido através de um desconto, para se apresentar aos agentes teatrais, obtendo um lugar de corista na companhia que ia iniciar uma "tournée" artística começada em Springfield, mudando no transcorrer da mesma o nome de Billie Cassin para Lucille Le Seur, seu verdadeiro nome.

A mudança de nome lhe deu sorte, porque oito semanas depois já chefiava o grupo de coristas e, numa noite, dessas que existem na vida de quase todos os artistas de teatro, o produtor J. Shubert, que se achava assistindo ao espetáculo, convidou-a para assinar um contrato, fazendo justiça às suas qualidades físicas e artísticas. Três meses depois, quando fazia a sua visita à família, recebeu um telegrama dos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, obtendo o seu primeiro papel no celulóide "Old Clothes". Sabendo que a Metro iria filmar "Sally, Irene e Mary" e onde tinha um papel de uma bailarina, esforçou-se por consegui-lo, sendo finalmente aceita. Com êste desempenho, teve o seu contrato renovado em melhores condições, bem como o seu nome mudado, tendo a Metro organizado um concurso entre o público, escolhendo-se o nome de Joan Crawford, que substituiu muito bem o de Lucille Le Seur, tornando-se a famosa Joan Crawford de hoje.

Vieram em seguida os seus grandes sucessos no cinema, como "Garôtas Modernas", "Manequim", "Pecado da Carne" (Chuva), "Um Rosto de Mulher", "Amor de Dançarina", "Possuída", "Mulheres", "Almas Rebeldes", "Almas em Suplício", onde foi premiada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, e muitos outros que seria impossível enumerar aqui. No terreno sentimental, Joan Crawford não foi feliz, porque contraiu matrimônio três vêzes, sendo em tôdas elas completamente sem sorte, transformando-se em verdadeiros fracassos. A primeira experiência foi com o ator Douglas Fairbanks Júnior, que foi o assunto da crônica cinematográfica durante algumas meses. Um ano depois de divorciados, casou-se com Franchot Tone, com quem apenas viveu alguns anos em completa felicidade e, finalmente, se casou pela terceira vez com o ator Phillip Terry, casamento que durou também muito pouco tempo. Hoje, Joan Crawford prefere continuar solteira, por enquanto, esperando a oportunidade de surgir realmente o seu verdadeiro amor, evitando outra desastrada aventura romântica. Aí está, amigos leitores, um pouco da carreira dessa impressionante atriz cinematográfica, que venceu ùnicamente pela fôrça de seu talento — um dos maiores que Hollywood conseguiu apresentar — e pela sua personalidade tantas vêzes elogiada pela crítica e pelo público.

CLEÓPATRA

(Cont. da pág. 38)

Entre tantos desregramentos cada vez mais crescia a fôrça de Cleópatra sôbre Antônio e o poder de que êle dispunha. Não sabemos depois de que noite de amor ela o fêz prometer que repudiaria pùblicamente Otávia, sua espôsa, expulsando-a de sua própria casa em Roma, rompendo, assim, definitivamente, qualquer ligação que ainda tivesse com ela.

Otávia obedeceu. Deixou a casa do marido com seus filhos e com os filhos de Fúlvia, chorando, não pelo abandono de Antônio, mas pela conseqüência de seu gesto infame: uma outra guerra que se delineava.

Otávio, no entanto, não declarou guerra a Antônio, mas a Cleópatra, para evitar as censuras dos partidários de seu cunhado. Procurou artificiosamente desculpar Antônio, declarando-o debilitado por Cleópatra e assegurando que a luta era dirigida não contra um romano mas contra uma indigna e obscena rainha estrangeira.

★

Cleópatra fêz questão de preparar e dirigir pessoalmente os planos de guerra. Antônio não ousou se opôr a essa sua pretenção. Ficou então, estabelecido — o que era um grande êrro — que o inimigo seria enfrentado no mar, pondo-se de parte o exército de terra que, na realidade, teria muito maiores possibilidades de vitória. E' certo que Roma tinha pouco mais de duzentos navios de guerra para enfrentar os quinhentos egípcios. Possuíam, porém, os romanos, uma equipagem capaz e adestrada, enquanto os navios egípcios tinham sido equipados com gente alistada às pressas, homens apanhados ou capturados aqui e ali, sem treino e sem vontade de combater.

★

A batalha de Acio foi preparada detalhadamente, tal como no palco se ensaiam lutas de guerreiros com atores armados de couraças de lata e adagas de madeira pintadas com purpurina. Os barcos egípcios eram grandes e pesados. Alguns tinham dez e até mesmo doze ordens de remadores, e eram difíceis de manobrar. Contando com a limitação da superfície líquida Antônio dispôs a esquadra em fila frontal, de forma a poder fazer uma manobra giratória das duas alas, prevendo que as pequeninas e ágeis embarcações romanas atacariam os colossos egípcios pelos flancos. Êste estratagema enganou Otávio, no primeiro momento, sôbre o poder marítimo do inimigo, e fê-lo desistir, inicialmente, do ataque. Porém, depois, ainda que a sorte fôsse incerta, resolveu prosseguir as manobras, sempre mais febris, para o encontro. Em vão os oficiais de Antônio, principalmente Canídio, aconselhavam-no a decidir a sorte das armas num encontro terrestre, na Macedônia, e não nas águas de Acio. Em terra Antônio melhor poderia fazer valer suas qualidades de comandante. Mesmo, porém, nessas difíceis circunstâncias, prevalecia sempre a vontade de Cleópatra que resolvera lutar no mar.

Ficando estabelecido que se travaria combate com as embarcações, Antônio escolheu apenas sessenta, das mais poderosas, para enfrentar o inimigo, armando-as com soldados de infantaria. Durante três dias o mar enfurecido não permitiu manobra. No quarto dia os movimentos da esquadra foram iniciados e a batalha verdadeira começou, confiada à habilidade dos estrategistas e ao valor das equipagens.

O colossal combate naval de Acio foi descrito um pouco confusamente por muitos escritores da época. Porém, de tudo ressalta a fuga de Cleópatra à frente de sessenta navios e a de Antônio, resolvido a seguir a amante para não perdê-la. Foram êsses os dois fatôres essenciais da vitória de Otávio.

Ao avistar Antônio no horizonte os navios de Cleópatra, com as velas desdobradas ao vento, esqueceu-se de seu dever de comandante de uma esquadra, embarcou numa quinquereme com dois companheiros, Scelio e Alexandrio Sirio e "seguiu a mulher que já estava perdida e que êle, agora, perdia também".

Triste e desesperado encontro no mar! Tendo chegado até a embarcação daquela que tanto amava, não teve coragem de se aproximar dela. Um na pôpa e outro na prôa, com o rosto entre as mãos, não ousavam se olhar, talvez para não lerem nos olhos o destino que os esperava, a ambos. Três dias durou a navegação de Acio a Tenaro e, durante três dias na embarcação derrotada reinou o mais profundo silêncio. Depois, tendo descido à terra, sob o pêso da desgraça comum se aproximaram de novo e, na mesma noite, se reencontraram, náufragos de violento e insensato amor.

Que se podia fazer? Que se podia esperar? O exército terrestre estava ainda intacto, pronto a combater pelo seu general, talvez mesmo capaz de mudar a sorte da guerra. Como a esquadra, mesmo sem seu comandante resistira valentemente a Otávio, assim também o exército enfrentaria corajosamente o inimigo. Bastaria que Antônio se apresentasse diante de seus soldados, se fizesse vêr, e a êles recorresse. Nem mesmo então, porém, êle se moveu. Estava totalmente privado de fôrça de vontade. Quando finalmente soube que o próprio Canídio abandonara suas legiões, renunciou à luta e deixou-se ir, levado como um despojo pela tempestade.

Desembarcando na Líbia mandou Cleópatra para o Egito e lá ficou, em melancólica solidão. Talvez pusesse então fim à sua desesperada existência, se os amigos não tivessem se opôsto a seus propósitos e não o houvessem acompanhado ao Egito. Êstes ainda confiavam na influência fatal de Cleópatra.

Depois de alguns dias de desespêro, Cleópatra planejava novos empreendimentos. Concebera mesmo um plano que, por sua audácia, superava tudo que a fantasia humana até então imaginara. Quando comunicou seus desígnios a Antônio, êle, mais uma vez, mostrou-se cheio de admiração por ela. Com navios apropriados, transportados através o istmo, por meio de cabos resistentes, puxados pelos músculos dos escravos, ela faria com que a esquadra passasse do mar Egípcio ao mar Arábico. Encheria o navio com tôdas as riquezas que existissem no seu reino e, com Antônio e os filhos, iria viver numa outra terra, longe, livre de qualquer preocupação, amando-se os dois como se tinham amado até então.

O plano, porém, iniciado com entusiasmo ansioso por Cleópatra, fracassou. Os árabes puseram fogo aos navios que já tinham sido levados até Petra. As chamas queimaram e extinguiram as esperanças, as últimas esperanças dos dois amantes. Antônio se abrigou numa espécie de cabana, que mandou construir sôbre um rochedo no meio do mar. Passava aí dias de solidão, odiando os homens e a si próprio.

Seus propósitos, porém, duravam pouco. As recordações dos dias

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N . ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

transcorridos com a mulher amada de tanto em tanto afloravam sua melancolia, mudando-se a princípio em desejos vagos e depois em vontade mais premente. Até que, cedendo a um novo convite de Cleópatra, a quem pesava também a solidão, voltou ao palácio e entregou-se a doidos pagodes, fazendo participar o povo de sua embriaguez. Pensava, assim, afogar as suas desventuras.

Cleópatra, enquanto isso, pressagiando vicissitudes iminentes, "procurava se abastecer de venenos mortais". Para experimentar o sofrimento que causavam, oferecia-os aos prisioneiros condenados à morte. Vendo que alguns venenos faziam morrer sem demora, porém entre espasmos agudos, enquanto que os mais brandos não produziam efeito rápido, resolveu experimentar venenos de animais, sôbre os condenados. Empregou muitos dias nessas experiências. Quando já tinha provado todos os animais venenosos, achou que a mordida da víbora ocasionava, sem delírios e sem lamentos, um grande torpor que deprimia a vítima: aparecia-lhe no rosto um suor úmido, enquanto os sentidos enlanguesciam. Ficavam inertes como acontece com os que dormem profundamente porém, dêsse sono nunca mais acordavam.

A seguir: Cleópatra — Capítulo IV (Final).

LARGA MEU HOMEM

(*Cont. da pág. 37*)

E, o que era pior para Tadeu, era a presença de um rapaz, um tal de Felipe, que vinha, desde a véspera, assediando Elizabeth. Era um rapaz (soube-o por Leonardo) com péssima crônica sentimental: por sua causa muitos lares foram desfeitos, muitas mulheres se suicidaram. E era êsse o tipo que vinha substituí-lo, junto de Elizabeth! Pois não era que Elizabeth já vinha trazendo-o consigo?

— Você nem me apresenta a êsse cavalheiro, Elizabeth?

A moça estava absorvida pelo jovem galã:

— Ah, é verdade... Seu nome, como é mesmo? — perguntá ao próprio marido.

— Oh, Elizabeth! — fêz Tadeu, entre surprêso e ofendido.

— Elizabeth Azevedo — disse ela distraída, referindo-se ao marido.

Só depois de um pouco é que atinou com seu engano.

De fato, tudo nela revelava uma mulher inteiramente absorvida por um grande amor. Só tinha olhos para Felipe. Só tinha ouvidos para Felipe. E como êle lhe dizia madrigais! E com que calor! E com que atitudes! Resolveram, Elizabeth e Felipe, dançar um pouco, ali mesmo.

— Nunca dancei com ninguém que fôsse tão leve, tão gracioso nos passos quanto Felipe — dizia ela, sem rodeios.

— Oh, Elizabeth! — protestava Tadeu chocado.

Pura perda de tempo. Ela era uma mulher transportada pelos sentimentos. E como dançavam! E com que passos!

Mas o furor de Tadeu exorbitou-se a ponto de êle não mais se conter:

— Basta! Não admito essa atitude com minha espôsa diante de mim!

— Espôsa, vírgula! Ex! — emendou ela.

Novos sopapos culminaram mais uma cena na vida do casal Azevedo.

Sem muito pensar, Tadeu resolveu trazer precipitadamente Elizabeth ao Rio.

A felicidade, porém, não voltara. Se Tadeu estava arrependido, nem por isso Elizabeth mostrava-se pronta para perdoar ou esquecer os vexames por que passou.

Ao amigo Leonardo, confessou êle:

— Sou um infeliz. Abandonei Elizabeth por Nora; depois abandonei Nora para voltar para Elizabeth. A essa altura, verifico que Elizabeth não me ama.

— Pois bem feito! Você não estava satisfeito com sua espôsa? Para que foi se meter em aventuras?

— Não seja inclemente, Leonardo. Você vai a um restaurante e come esplêndidamente. Fica, pois, satisfeito. Eis que o garção pergunta a você: "O senhor não quer a sobremesa especial que nós temos? Está maravilhosa!" Claro, dá-se um jeitinho e não se vai desprezar o oferecimento. Pois, meu caro, Nora, para mim, foi uma sobremesa especial.

Mas Nora não se dá por vencida. E aparece em casa de Tadeu, num supremo esfôrço para reavê-lo.

E' Elizabeth quem, a sós com ela, lhe responde. Sim, concorda que seus meios para manter o marido não foram lá muito leais, mas tudo isso se justifica. Êle é seu marido. Ela o ama. Ela o quer. E' ela a espôsa. E' ela que gosta dos roncos dêle. E' ela que arruma-lhe a roupa, trá-lo bem limpo e escovado. Êle é seu lema, seu escudo. Em síntese: é seu marido.

Mal Nora sai, vencida, Tadeu vem-lhe aos braços, reconhecido, envaidecido, coberto de culpa e de arrependimento.

— Perdoe. Fui injusto com você! Você é insubstituível, Elizabeth! Você me ama. Ouvi tudo, atrás da porta.

— Não, não me beije. Já não amo você. Sofri de mais. Os maridos têm a alma de bola de futebol: querem ser disputadas, ainda que chutadas. Mas para mim é de mais.

— Mas, Elizabeth, então tudo isso que você representou não é amor?

— ... Próprio. Amor-próprio, nada mais.

Tadeu sofre. Mas, de repente, Felipe irrompe na sala. Quer conversar com Elizabeth. Tadeu aponta-lhe uns socos, mas o rapaz, antes disso, expõe tudo:

— Eu vim buscar o que tenho direito: meus dez mil cruzeiros. De repente os senhores desapareceram de São Paulo...

— O quê?

— Pois fui contratado para fingir-me apaixonado. Tudo para acordar, ao senhor, através do ciúme, o amor por Dona Elizabeth. Tão distinta senhora!

Tadeu suspira feliz. Ah, a boa, a inteligente, a ardilosa, a compreensiva espôsa! O que não fêz para reavê-lo? Estende-lhe os braços. Ela não recusa o abraço do marido.

— Não negue! Você gosta de mim! Era de mais o tal Felipe, com sua cobrança, expôs os sentimentos dela. Para que negar? Amava Tadeu. E a felicidade, penosamente reconquistada, estava assegurada.

Respostas das págs. 20/21

PUXE PELO CÉREBRO

1 — 208 (excetuados os dentes).
2 — Nijinski.
3 — A espôsa de Péricles.
4 — Quatro e trinta centímetros.
5 — Dez.
6 — Vesúvio.
7 — Ouro (maciço).
8 — Benarés.
9 — Sergipe.
10 — Piranhas.
11 — 110 mil.
12 — Espanhola (engenheiro Juan de Lacierva, 1922).
13 — Veneza.
14 — O vidro.
15 — Oito.

QUEM DISSE ISSO?

1 — Shakespeare.
2 — Byron.
3 — Cícero.
4 — Horácio.
5 — Voltaire.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n. 15-1° - Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

UM LIVRO...

(*Cont. da pág. 17*)

soluto. Narrei fatos que desafiam contestação como sejam:

«Em Portugal ninguém respira sem ordem de Oliveira Salazar e do Cardeal Cerejeira. A imprensa vive arrolhada e os jornais, na última coluna da primeira página, em negrito, publicam, diàriamente, o seguinte aviso:

(*Cont. na pág. 42*)

DE RÁDIO

GUARACY

ELIZETE NO TEATRO MUSICADO

ELIZETE Cardoso, que foi considerada a maior revelação artística do ano de 1952, e que conseguiu uma rápida ascenção com apenas uma única música — «Canção de Amor», de Elano D. Paula e Chocolate, que vendeu até a presente data 10.000 discos, acaba de ser contratada para fazer parte do «show» da «boite» «Casablanca», fazendo, desta maneira, a sua estréia em espetáculos teatrais. Todos estão a par do seu grande êxito verificado no ano passado, quando de sua presença no baile de Jacques Fath no castelo de Corberville, ocasionando em vista disso a sua permanência em Paris, Cannes, Deauville e Lion, onde deixou a melhor das impressões, oferecendo aos francêses um pouco da música popular brasileira.

Hoje, a artista exclusiva da Rádio Tupi e Televisão Tupi é um nome muito conceituado junto ao público brasileiro, acostumado a ouvir a sua excelente voz, através de suas atuações ao microfone, televisão e em discos, que já são em grande número, pois já fêz 15 gravações, destacando-se «Dá-me tuas mãos», «Falsos beijos» e «Canção do Amor», que foram as mais vendidas.

Carlos Machado, o empresário que tantas artistas já lançou no teatro, revelará ao público brasileiro uma nova facêta do talento de Elizete Cardoso, fazendo-a estrear como estrêla do teatro musicado, no «show» «Feitiço da Vila», que será estreado no próximo dia 8 de julho e onde aparecerá ao lado de Sílvio Caldas, Mary Gonçalves, Jardel Filho, Black-Out, Nina de Luca e o «Ballet Wells», interpretando entre outras canções do falecido Noel Rosa, o famoso «Meu último desejo». Neste espetáculo receberá a homenagem de Sílvio Caldas, que lhe brindará com uma serenata, iniciando, assim, uma nova carreira artística, que, estamos certos, terá o mesmo sucesso que a primitiva, porque Elizete Cardoso é realmente dotada de uma grande sensibilidade artística e, portanto, fadada a obter novas glórias, que vão juntar-se às outras que tão bem soube conquistar com rapidez, em virtude da sua vóz personalíssima e das suas qualidades excepcionais de intérprete da música que imortalizou Noel Rosa.



O radialista Carlos Pallut, que foi contratado pela Rádio Nacional.

«**Café Dançante**» é o programa que Moisés Weltman está apresentando na Rádio Clube do Brasil tôdas as quartas-feiras no horário das 20,30 horas, sendo animado pela atriz Mary Gonçalves e com a colaboração de José Vasconcelos e Antônio Nobre, respectivamente mestre de cerimônias e o chefe dos garçons.

★ «**Campanha da Boa Vontade**» é o programa que Alziro Zarur está redigindo e apresentando na Rêde Continental (PRD-2, ondas médias em 1060 quilociclos, e PRD-22, ondas curtas em 11.735 quilociclos), que está no ar todos os sábados às 20,30 horas.

★ **Almirante continua** apresentando ao microfones da Rádio Club do Brasil o seu famoso programa «Incrível, Fantástico, Extraordinário», com arranjos de Cláudio Santoro, que vai ao ar tôdas as terças-feiras às 21,30 horas.

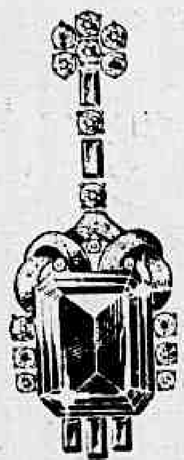
★ **A Rádio Guanabara** irradia diàriamente o programa «Festa Junina», que é transmitido às 11 horas da manhã e que apresenta as últimas novidades musicais sôbre o gênero.

★ **Laércio Alves** acaba de concluir negociações com Buenos Aires e já se acha apresentando os maiores sucessos musicais portenhos no seu programa «Tangos ao Meio-Dia», que é transmitido diàriamente pela Rádio Guanabara.

★ **Dany Dauberson** está se apresentando ao microfone da Rádio Nacional às quartas-feiras e sábados às 22,05 horas, cantando as mais lindas canções francesas.

★

CARLOS PALLUT acaba de assinar contrato com a Rádio Nacional, para trabalhar no quadro de auxiliares de Heron Domingues no Departamento de Jornais Falados e Reportagens da E-8. Pallut também continuará colaborando com a Rádio Roquete Pinto, como vinha fazendo anteriormente.



Deus

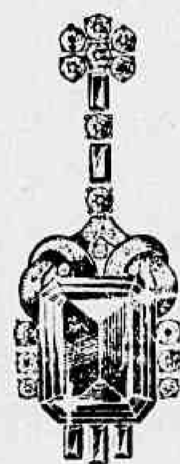
Salve a

Rainha!

Com as palavras tradicionais, o Brasil saúda

ELIZABETH II

oferecendo-Lhe, numa homenagem que traduz profundo respeito e grande simpatia, um belo aderêço maravilhosamente trabalhado por Mappin & Webb



Na montagem em platina do suntuoso colar e dos brincos que o acompanham, foram empregados 607 brilhantes e 12 águas marinhas, sendo que só o do "pendentif" pesa 120 quilates.

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 101 — RIO

IA - 435

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

UM LIVRO...

(Cont. da pág. 41)

«— Êste número foi visado pela censura».

«Por não viajar clandestinamente, pois os jornais noticiaram a minha partida do Rio para a U.R.S.S., um funcionário do Itamarati, que estava no «Constellation» chamou-me a atenção para o perigo de ser molestado, caso falasse que iria para Moscou. Contou-me um fato que divulguei: «Há dois meses assisti aqui a uma cena revoltante. Uma moça russa, que ia servir na embaixada do seu país, na Argentina, enquanto o avião era reabastecido, foi recolhida ao gabinete sanitário das senhoras, com soldado à porta. De nada valeram os protestos do comandante da aeronave.»

— «Creio que a injúria considerada grave foi o rápido diálogo que travei com um garçon no restaurante do aeroporto de Portela de Sacaven:

— Como decorreram as últimas eleições?

— Só houve um candidato para substituir o general Carmona!...

— E quem é o Presidente da República?...

O rapaz apelou para a memória, a qual falhou, chamou um outro colega, que também ignorava o nome do Presidente de Portugal e disse ao meu ouvido:

— Parece que é um coronel reformado...»

O Promotor Público de Lourenço Marques também achou injúria na pág. 45. A única coisa que falei sôbre Portugal na referida página foi o seguinte:

«Apenas, esporàdicamente, passa por Portugal um Vila Lobos, um Eleazar de Carvalho, uma Leticia de Figueiredo, um Portinari, um Arnaldo Estrela e outros que não viajam às custas dos Departamentos de Publicidade de Salazar e Franco, dos quais são clientes certos expoentes das letras brasileiras.

Eis aí o que levou o Govêrno de Portugal a considerar propaganda subversiva e processar dois conceituados livreiros estreitamente ligados à vida cultural do Brasil e sôbre os quais Gilberto Freire, em 1952, escreveu:

— «Os irmãos Carvalho souberam dar ao livro, em Lourenço Marques, o prestígio, a dignidade, que o livro merece. A Minerva é um centro de cultura, em geral, de cultura lusíada, inclusive a luso-brasileira, em particular.»

Nós que, bem ou mal, vivemos numa autêntica democracia, achamos tudo isso muito estranho e até pitoresco. Mas os irmãos Carvalho, êstes, de certo, não acharam graça na brincadeira.

Afinal, muito à puridade, perguntamos ao nosso companheiro que, acima de tudo, é um grande repórter:

— «Morel: E, em Moscou, como é a «escrita» ?

A resposta foi uma boa gargalhada...

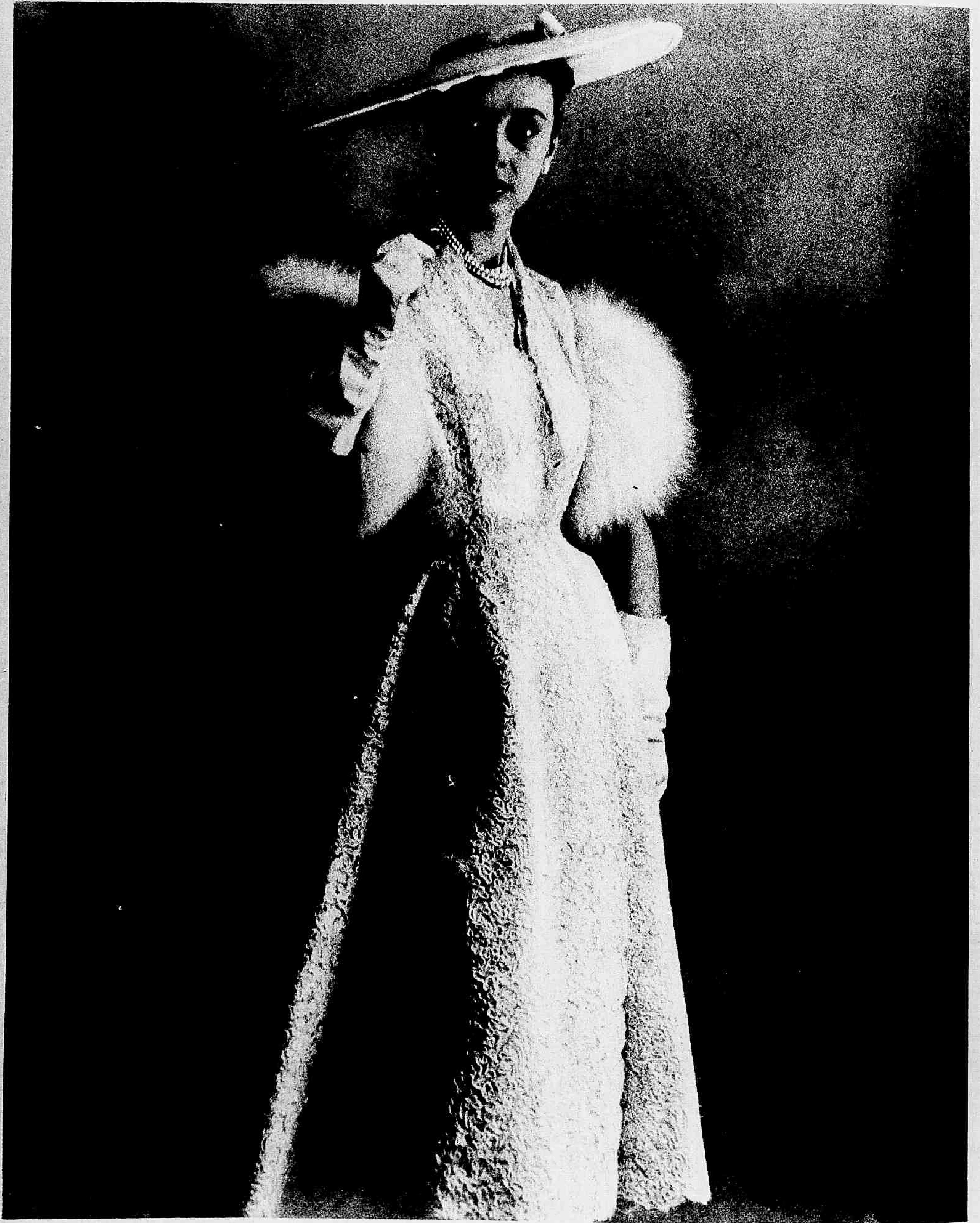


NINA RICCI — Costume em "pied de poule" prêto e branco. Grande capeline negra, de Le Monnier.

Modelos de Paris

EM Paris é a chegada do verão. Para nós, ao contrário, principia o inverno. Isso, porém, não impede, de forma nenhuma, que nos inspiremos na moda francesa para a escolha de nossas tualetes, as linhas gerais são seguidas e às vêzes, mesmo, nos antecipamos na confecção de modelos cuja silhueta, lançada com antecedência pelos costureiros, tem que esperar lá três a quatro meses para estar na estação, e aqui chegam bem na hora de serem usados, quando o clima ainda o permite. De um modo geral, a linha para os vestidos segue uma orientação vaga: corte reto, disfarçando as linhas da silhueta, com algumas partes fôfas ou abauladas, ou então a linha mais ajustada com pinces, às vêzes com saia larga, outras com saia bem reta. Destacam-se algumas mangas de Paquin e Givenchy, a célebre gola de Fath, aberta mas com reverso em tôda volta. Escolhemos alguns modelos de vestidos e costumes ligeiros para as leitoras dessa seção. Todos foram selecionados entre as criações mais bonitas e interessante dos figurinistas franceses. São tualetes para ocasiões de certa cerimônia, como um chá, à tarde, uma festa de casamento, ou um coquetel. Completa-os vistosas capelines em palha ou feltro. Quanto à côr, lembramos que o cinza e o prêto estão muito em moda, em tôdas as nuances possíveis. (Flama)

Modelos de Paris



PIERRE BALMAIN — Vestido-redingote em renda branca, sôbre fôrro de faille também branca, e renda. Rapôsas brancas enfeitam as mangas





JACQUES FATH — Conjunto em sêda grossa, estampada, em branco e negro. Gola debruada de cetim prêto

PAQUIN — Vestido-redingote em lã azul, Bordas brancas na gola e nos punhos

JAQUES FATH — Conjunto em lã bege, com a célebre gola aberta de Fath numa tonalidade ligeiramente mais escura



WEEK-END NA COZINHA

ARROZ COM CAMARÃO

● INGREDIENTES

2 fatias de toucinho ou bacon — picados
1/4 de xícara de cebola picada
1/4 de xícara de pasta de tomate
1 colher das de sopa, de catsup
1 xícara de creme de leite
1 dente de alho, picado fininho
1 colher das de chá, de sal
1 pitada de pimenta do reino
3 xícaras de arroz cozido
1 1/2 xícaras de camarões cozidos.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Prepare o arroz: Para obter três boas xícaras de arroz sôlto, ponha 1 xícara de arroz cru na panela, com 2 xícaras dágua e 1 colherinha de sal. Ferva forte. Depois ponha o fogo o mais baixo que puder. Cubra a panela e deixe-a nesse fogo, perto de 15 minutos. Não destampe a panela, nem mexa o arroz, enquanto estiver cozinhando. Depois, tire do fogo e deixe a panela tampada até a hora de servir.**

2. **Cozinhe numa outra panela o toucinho e as cebolas, até que estas fiquem macias, não tostadas. Acrescente a pasta de tomates, o catsup e misture. Adicione devagar o creme de leite quente. Ponha o alho, o sal, a pimenta, o arroz e os camarões já cozidos. Misture tudo e deixe esquentar bem.**

3. **Passe o arroz com os camarões para o prato ou travessa em que vai servir. Enfeite com alguns camarões inteiros, que deve reservar para isso.**



Os pratos de hoje foram escolhidos especialmente para um almôço de domingo, dia em que você gosta de surpreender seu marido e sua família com alguma coisa diferente. Com uma boa salada a refeição estará completa. — Tia Dulce

CONSELHOS ÚTEIS

● Não jogue fora o **pau de baunilha** ou de canela que ferveu uma vez no leite. Lave-os ou enxugue-os e guarde numa lata com açúcar. Poderá usar o pau outras vêzes e o açúcar, assim perfumado, para doces ou sorvetes.

● E' preferível **guardar o leite** num jarro hermèticamente fechado, pois que absorve êle todos os odores dos outros alimentos que estiverem na geladeira. Pode guardar o leite num vidro de água com tampa, reservado especialmente para isso.

● Varie o sorvete de creme que costuma servir, misturando-o com passas, figos ou qualquer doce cristalizado ou sêco, partido em pedacinhos. Ficará diferente e muito mais saboroso.

● Aproveite os tomates verdes: corte-os em rodelas, tempere com açúcar, limão, e um pouco de mangericão, se gostar. Passe em farinha de rosca e frite na manteiga. E' uma delícia!

BANANAS ENROLADAS

● INGRIDIENTES:

400 gramas de farinha de trigo peneirada
60 gramas de manteiga
60 gramas de açúcar
2 ovos inteiros
1 pitada de sal
1 cálice de rum
Canela em pó e açúcar
Banha ou gordura para fritar.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Bata junto o açúcar e a manteiga. Acrescente a farinha de trigo, os ovos (pode bater separadas as claras e as gemas, se preferir), o sal e o rum. Deixe a massa descansar perto de uma hora.**

2. **Abra a massa com o rôlo, na espessura de 3 milímetros mais ou menos. Corte-a em retângulos em que caiba uma banana e ainda sobre massa para enrolar.**

3. **As bananas descascadas são passadas em açúcar e canela e enroladas dentro da massa. Aperte as extremidades da mesma para fechar o rolinho.**

4. **Frite em banha bem quente e polvilhe com mais açúcar e canela**

CASAR OU... NÃO CASAR?



A moça moderna estuda para poder conseguir um emprêgo que valha a pena, se não puder realizar seu sonho de um casamento feliz. (Virginia Gibson, da W. B.)

ENTRE os projetos alimentados por tôdas as mocinhas está, naturalmente, o de um casamento feliz. Isso, porém, não deve ser interpretado erradamente, indo a jovem ao extremo de se casar apenas para ser uma «senhora casada». Não dará certo, como nunca deu. Existem, hoje em dia, muitas oportunidades e carreiras interessantes para a mulher que decidiu viver sòzinha e que, apesar de serem sempre «escolhas de último caso» são uma solução muito melhor do que um casamento sem entusiasmo que, mais cedo ou mais tarde, se tornará infeliz.

Há pouco tempo atrás, não havia alternativa. A mulher que ficasse «solteirona» previa para seus dias de velhice uma existência monótona. A maioria das vêzes a custa dos parentes ou amigas, sem finalidade e sem segurança. Agora, as coisas mudaram. Quantas oportunidades para a mulher solteira! Pode ser professôra, médica, jornalista, desenhista, chefe de uma casa comercial, ou diretora de revista e, até mesmo, de jornal. Também lhe estão abertos a maioria dos cargos públicos e até políticos. A vida, assim, não será obrigatòriamente monótona para a mulher solteira. Encarando o assunto sob um outro ponto de vista, terá ela até muito mais oportunidade de fazer o bem e se dedicar aos que precisam de auxílio e ajuda, e muito mais tempo para isso do que uma senhora casada. Esta já tem preocupações demais com a família e os filhos.

A história que vou contar ilustra as afirmativas acima:

ERA uma vez... uma jovem que fôra educada para o casamento e nunca lhe passara pela cabeça a hipótese de ficar solteirona. Completou o curso secundário e, entusiasmada pelo exemplo das colegas, desejou continuar os estudos. A mãe e as tias, porém, acharam que seria tempo perdido. Tão bonita e tão prendada, haveria a menina de se casar muito antes dos 23 anos. Por que então estudar? Era melhor que já começasse a tratar do enxoval. Mais tarde, a mocinha tentou arranjar um emprêgo. — «Para quê?» — retrucou a mãe. Tinham bastante dinheiro para que ela pudesse ficar em casa ajudando a bordar e fazer bolos. Vivia uma vida vazia, entre festas, chás, mexericos, a leitura de romances açucarados ou escutando novelas radiofônicas.

O que é mais, raramente tinha oportunidade de conhecer mais profundamente do que numa simples festa ou reunião social rapazes dentre os quais pudesse surgir aquêle que completaria a realização do seu sonho e de sua mãe.

A mocinha bem que era bonita. Tinha o corpo bem formado e uma cintura fina e flexível que os chás e as gulodices das festas não tinham conseguido desmerecer. Completou 23 anos, depois 25 finalmente 30. O enxoval de há muito estava pronto, mas não aparecia o homem que a ajudasse a usar tanta coisa bonita. Bem que até apareceram dois, há muito tempo atrás. Não possuíam, porém, bastante fortuna, nem tantos predicados intelectuais para que os pais se entusiasmassem em aceitá-lo como genro. As coisas estavam nesse pé, quando chegou um solteirão, muito mais velho que ela, propondo-lhe que unissem suas vidas solitárias. A moça recebeu-o como a última oportunidade de salvação. Aceitou-o para marido.

Porém... há um mês atrás se separaram. Durante um ano inteiro tentaram, em vão, encontrar em seus espíritos, em suas almas, em seus temperamentos, um ponto de interêsse comum, uma razão de ser de sua união recíproca. A jovem, já uma senhora, voltou para a casa dos pais, onde continua a bordar (não mais para o enxoval) e a fazer bolos para os lanches que sua mãe oferece às velhas amigas mexeriqueiras. — (L.J.)

a REVISTA há 50 anos

21 de Junho de 1903

CHRONICA

CHEGAM-nos de Paris novos testemunhos da tenacidade e da audacia de Santos Dumont. Deslumbrado pela seducção do espaço, com os seus mysterios e esplendores, dir-se-ia que já não pode viver longe d'elle, que a terra com a sua civilisação tão brilhante, mas tão banal, lhe é penosa e irritante. **Mobilis in mobile** é já agora a divisa d'esse bandeirante do azul, de ideaes mais puros que os dos antigos aventureiros mas não menos atrevidos nem com menos constancia abordados.

Que espera, que tem a esperar, o illustre brasileiro das suas arrojadas tentativas?... Nada, por ora; nada talvez durante a dilatada existencia que decerto o Destino lhe prepara. Mas n'isso precisamente consiste a sua superioridade e a sua gloria, a sua força e o seu prestigio. Nada esperar da obra humana além da satisfação intima de havel-a produzido é a primeira condição da victoria, a essencia das creações immortaes.

Julião Machado definiu admiravelmente em um drama ainda inedito a doença mais grave da sociedade brasileira: o amor exclusivo do ganho. Por ora, a producção mental e as expansões da affectividade são cotadas, não pelo coefficiente de altruismo que contém mas pelo lucro material immediato que representam. «Quanto se ganha!» eis a phrase que involuntariamente afflora aos labios do homem a quem expomos uma ideia nobre, uma invenção util, o plano de um livro, o entrecho de um drama. «Quanto go ..o?» eis o comentario espontaneo a um acto de brio, dignidade, inteireza de animo. E raros, rarissimos, comprehendem que se arrisque a vida, o socego, o futuro, o presente, correndo atraz da linda e doirada borboleta da fantasia.

Santos Dumont é a todos os respeitos um brasileiro excepcional: pela imaginação creadora, pela vontade constante, pela audacia intemerata e, sobretudo... porque nada ganha! Jacques Bonhomme.

SPORT

Derby-Club — Realiza-se hoje mais uma esplendida corrida no popular e elegante prado do Itamaraty.

O programma está magnifico e promettedor de agradaveis surpresas.

Acreditamos que os páreos serão disputados com lisura; de uma vez para sempre devem desapparecer os tribofes no nosso **turf**, principalmente agora que elle parece renascer depois de um longo periodo de quasi aniquilamento.

Os nossos palpites são os seguintes:

Leader — Castanha
Meteoro — Graciosa
Sempreviva — Juréa
Horeb — Globo
Iris — Boulevard
Quito — Juracy
Leão — Decreto.

AZARES

Manifesto, Georgeta, Bonniewarlin, Antonina, Dumont e Colorado.

AVE — MARIA

Desmaia o Sol no occaso: a relva quente
Uma gotta de orvalho á noite implora;
A hera encobre o muro alvinitente,
Onde o espinhoso cactus já se enflora.

Branco cysne deslisa mansamente
A flor do lago; a voz da ave canora
Mistura-se ao gemido da corrente...
O gado muge; a patativa chora.

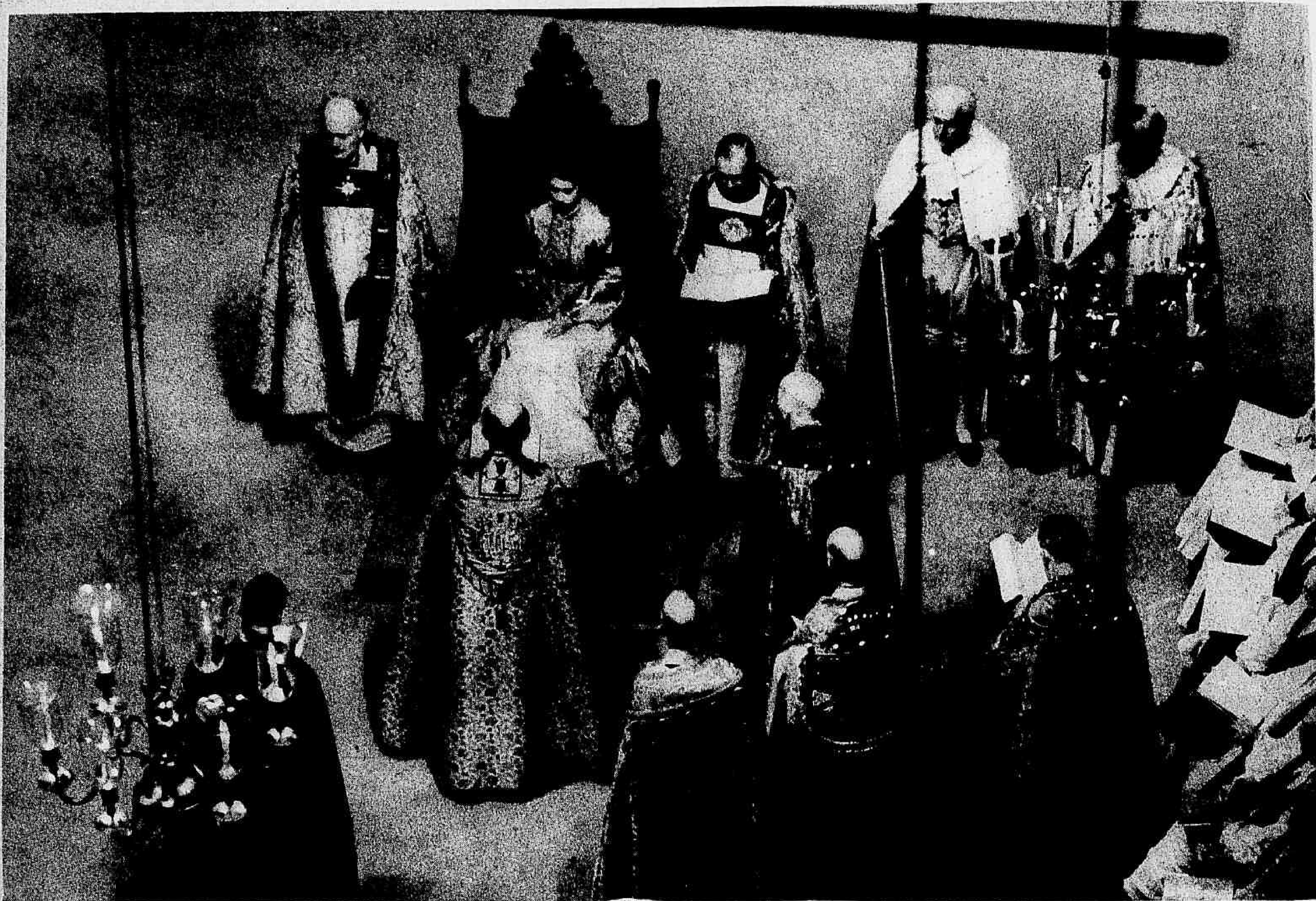
Approxima-se a noite, morre o dia;
E' o crepusculo da tarde, hora saudosa,
Que precede o bater da Ave Maria.

Sóa o bronze, afinal, no campanario,
E a dona do casal, senhora idosa,
Reza, ajustando as contas do rozario.

C. LEAL

Em um restaurante:

O freguez: — Você não é capaz de dizer que esta sopa, que cheiro tem, seja sopa de rabo de boi?
O criado: — Ah! isso digo, e torno a dizer.
O freguez (furioso): — Pois então leve a terrina, e diga ao boi que torne a metter o rabo pelo menos duas ou tres vezes.



Sentada na Cadeira do Estado, empunha a espada de Santo Eduardo, enquanto ouve, a leitura dos versículos bíblicos da praxe.

NA COROAÇÃO DE ELIZABETH II

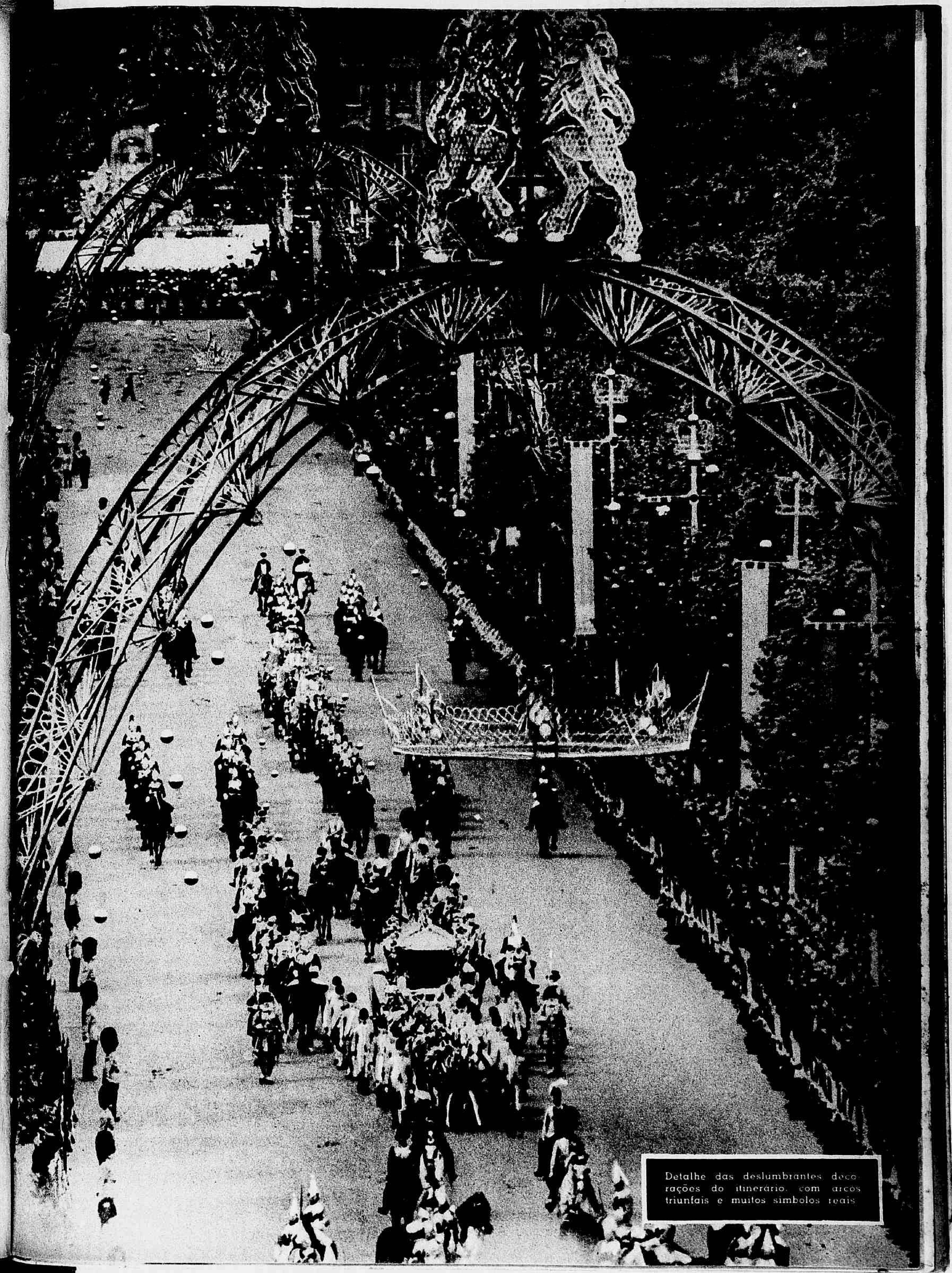


O príncipe Charles chega à Abadia de Westminster e olha através da vidraça a imensa multidão, naquela manhã chuvosa do dia 2.

ajoelhado, trechos dos evangelhos, destacando-se o famoso versículo de S. Mateus, que diz: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». Chegou então o ponto culminante de tudo, com a unção. Quatrocentos cantores juvenis, com suas vozes angelicais, entoaram o versículo do primeiro Livro dos Reis, do Antigo Testamento. «Sadok, o sacerdote, e Natam, o profeta, ungiram o rei Salomão, e todo o povo se alegrou e disse: Deus salve o Rei». Durante a unção quatro cavalheiros da Ordem da Jardineira estenderam o pálio de tecido dourado prêso a varais de prata, com a extremidade superior em forma de lança, e assim ocultaram a rainha da vista da assembléia. Do vaso de ouro em forma de águia, o arcebispo derramou o óleo sagrado em uma colher, e ungiu, fazendo o sinal da cruz, as mãos, o colo e a cabeça da soberana. Terminada a cerimônia, cujas origens datam de tempos bíblicos, havendo apenas o simbolismo da cruz, que é cristão, Elizabeth voltou a ser admirada pela multi-



O Arcebispo de Canterbury entrega à Rainha a Espada em forma de cruz, símbolo real do Poder e da Justiça, antes da coroação.



Detalhe das deslumbrantes decorações do itinerário, com arcos triunfais e muitos símbolos reais



Cerimônias que se processam durante a coroação, vendo-se a Rainha Elizabeth II conduzindo o Orbe e o Cetro. Na outra foto, recebe o beijo do marido, o Duque de Edimburgo.





A Rainha é homenageada pelos bispos durante a

dão que enchia o templo, cêrca de oito mil pessoas. Aí então, as emoções chegaram ao mais alto grau de júbilo. E' curioso dizer, que, durante a comunhão e a unção, foram desligadas as câmaras de televisão que estavam transmitindo as cerimônias. Era chegada a hora da coroação. Todos de pé, ouviram a prece do arcebispo a abençoar a coroa de Santo Eduardo no altar: «O' Deus, coroa dos fiéis, abençoai-nos por meio desta coroa e santificai vossa serva Elizabeth, sôbre cuja cabeça a colocais em sinal de real majestade, para que ela possa ser provida, mediante vossa abundante graça, com tôdas as virtudes dos príncipes, pelo Rei Eterno Jesus Cristo, Nosso Senhor, Amém. Tomou então, nas mãos, a grande coroa a rebrilhar de diamantes, esmeraldas, rubis, pérolas e safiras, feita para Carlos II, ergueu-a sôbre a cabeça da rainha e foi, mansamente baixando-a até



coroação. Na outra fotografia, já com a coroa de Santo Eduardo, que foi colocada em sua cabeça pelo arcebispo de Canterbury, segundo a tradição.

pousá-la nos cabelos de Elizabeth. Estrugiram exclamações: «Deus salve a rainha!» Os nobres colocaram suas pequenas coroas e as «Ladies» procuraram em seus espelhinhos verificar se os seus lucilantes diademas estavam bem postos. Era a vaidade feminina. Quando a coroa acabou de descer sôbre a cabeça de Elizabeth, um oficial do exército, chefe dos oficiais sinaleiros, o coronel Stanley, ordenou por um telefone: «Fogo!» As baterias de Piccadilly, Tôrre de Londres, Hyde Park, etc. trovejaram suas salvas anunciando aos nove milhões de habitantes da capital inglêsa, que sua majestade a Rainha Elizabeth II estava ungida e coroada soberana da Comunidade Britânica. A massa humana que aguardava ansiosamente o ponto alto das festas, ao ouvir os disparos da salva real, prorrompeu em aclamações delirantes, vendo-se grupos abraçados, a rir, a chorar de emoção, a pular, a dançar, transformando a capital inteira numa agitação de júbilo intenso. Ao mesmo tempo em que roncavam os canhões em Londres, em todos os povos da comunidade a artilharia salvava, o mesmo sucedendo em países amigos, como o Brasil, com as bôcas de fogo de seus navios de guerra e fortalezas da Guanabara. Sòmente às 15 e 20 minutos, mais ou menos, deixou a rainha a abadia de Westminster, dirigindo-se com todo o seu cortejo ao palácio de Buckingham, no que dispensou ainda duas horas. Foi um espetáculo curioso. Chovia fininho e o côche dourado deslizava mansamente por entre fantástica seara de enormes cogumelos negros: o oceano de guarda-chuvas abertos. Meia hora depois, porém, a chuva parou e a rainha, apesar de tantas horas de fadiga nessas longas horas de cerimonial que não tinham fim, com o pêso da coroa de três quilos à cabeça, voltou a





O príncipe Charles, que assistiu às cerimônias da coroação entre sua avó e sua tia, princesa Margaret, na Abadia de Westminster.



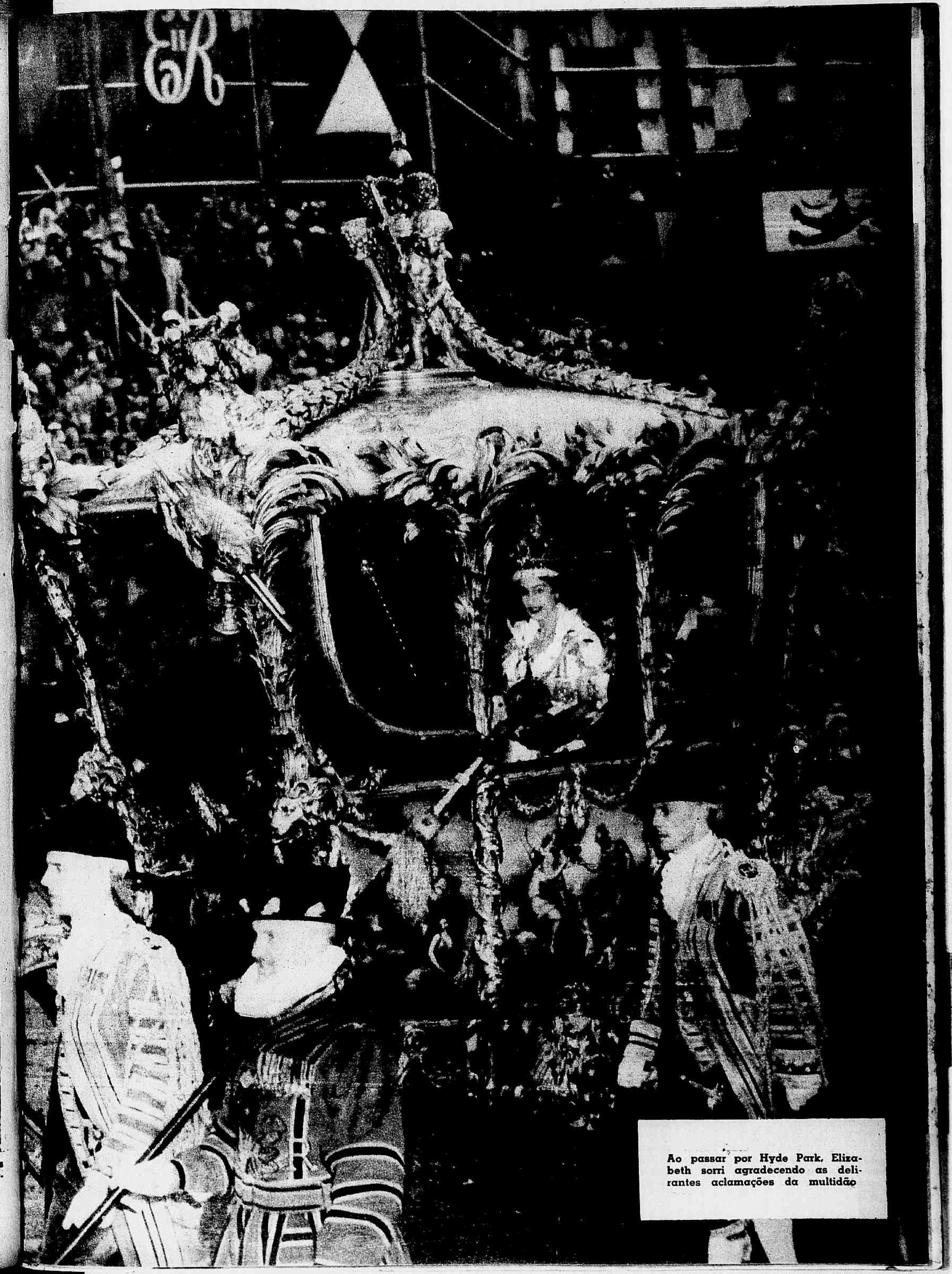
Com o seu jovial sorriso, Elizabeth II volta ao palácio de Buckingham, com a pesada coroa de três quilos, o Orbe e o Cetro.

sorrir com aquêle sorriso que é uma das mais amenas formas de ser soberana: com a espada da Justiça em uma das mãos e na outra o cetro da Clemência. Mas ainda não pudera descansar a rainha e, durante o resto da tarde e da noite, até mais de 11 horas, teve que assomar o balcão do palácio para atender aos apelos e aclamações do povo.

Seu discurso também foi belíssimo, sincero e cordial. Durante as cerimônias na abadia, seu espôso e os demais membros da coroa estavam presentes em cadeiras especiais ao seu lado. A noite de 2 de junho foi a chave de luz das festas, com fogos de artifício em vários lugares de Londres, refletindo-se nas águas do Tâmisa os fachos de luz como rastro de estrêlas. Calcula-se que mais de três milhões de pessoas vieram às ruas para dançar, beber, comer, numa alegria que só encontra similar no dia da rendição nazista em 1945. Outra nota curiosa: os promotores das festas públicas, mesmo que chovesse lâminas de barbear, não teriam tido prejuízo. E' que fizeram seguro de tudo. Povo estupendo, o inglês...



E estavam, assim, terminadas as cerimônias da coroação. A Rainha regressa a Buckingham em companhia do Duque de Edinburgo



Ao passar por Hyde Park, Elizabeth sorri agradecendo as delirantes aclamações da multidão



ÚLTIMO FLASH

Que será isso? Vítimas das inundações do Amazonas, cujos lares as águas levaram? Náufragos do «Duke of York»? Famílias desabrigadas pelo ciclone de Waco? Nada disso. Tôda essa população reside em Londres, ou ali estava em trânsito, e foi dormir ao relento, defendendo-se do mau tempo fôsse como fôsse, apenas para garantir o lugar para ver o cortejo da Rainha Elizabeth II, no dia dois de junho, data inesquecível da coroação. De ... para dois daquele mês, Londres não dormiu. Milhões de pessoas fica... de vigília e fizeram assim: forrando o chão e se cobrindo como puder... esperaram o dia memorável. Mais uma prova da popularidade da jov... Rainha e da fidelidade de seu povo.

VEIS — TAPÊTES — CORTINAS





apêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Tapêtes e passadeiras

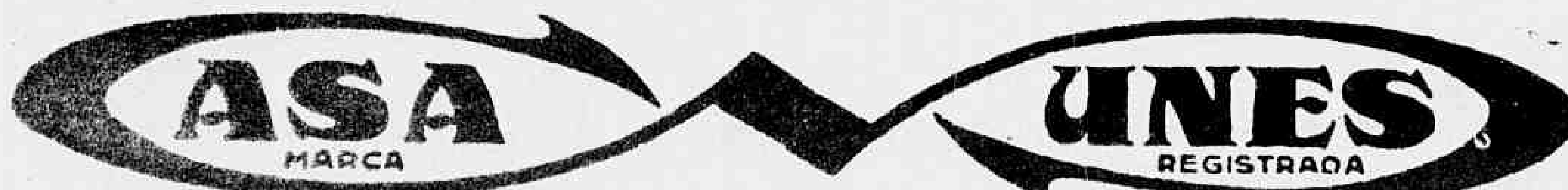
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

VENDAS À VISTA E A PRAZO



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

RATIS

Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS

hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

Cigarros Hollywood
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO
Hollywood
20

H-98.209

UM PRODUTO SOUZA CRUZ